

13 Contos de
Horror, Crime
e Mistério

Volume 1

Histórias da Meia-Noite





Histórias da Meia-Noite

- Volume 1 -

*13 Contos de
Horror, Crime
e Mistério*

Histórias da Meia-Noite

- Volume 1 -

*13 Contos de
Horror, Crime
e Mistério*

Sumário

[Vovó](#)

[Três Meios de Roubar um Banco](#)

[Um Trabalho Impecável](#)

[Pela Disputa de um Cargo](#)

[Eu o reconheceria em qualquer lugar, general](#)

[Um Golpe no Cassino](#)

[Os Anos Amargos](#)

[Este Mundo Nojento...](#)

[Ei, vocês aí embaixo!](#)

[A Mosca e o Caixão](#)

[Cuidado com a Vizinha](#)

[Irei com você](#)

[Lucrezia](#)

Vovó

Ouviu-se o velho gritando, por cima do barulho da tempestade, o grito estridente saindo de uma boca desdentada.

Roy McAlbin, de estatura mediana e puxando para gordo, tirou um cigarro do bolso da capa e encostou-se na grade da varanda. A chuva caía forte, quase atingindo as costas dele.

— O que é isso, Dr. Caswell?

— Não sou médico, Sr. McAlbin – respondeu o homem magro, de meia-idade, de pé sobre o capacho, à entrada do escritório.

— Está certo, Sr. Caswell. Mas por que o velho está gritando lá no chalé?

Caswell, esfregando a palma da mão esquerda na maçaneta da porta de seu gabinete, franziu o rosto.

— Sr. McAlbin, posso compreender o fato de que, sendo um jornalista, mesmo um jornalista freelancer, que não está ligado a qualquer publicação, esteja curioso a respeito de tudo. Mas espero que compreenda também que não posso responder a todas as perguntas que lhe ocorrerem.

— Também não é um psicólogo, não é mesmo?

— Não, não sou. Mas dispomos de médicos e psicólogos credenciados aqui em Paxville.

— E também tem uma das mais famosas pintoras primitivas da América. – McAlbin deu uma tragada no cigarro de filtro e depois esfregou os dedos úmidos nas bochechas intumescidas. – Há muita gente interessada na Vovó Goodwaller, Sr. Caswell.

— Sabemos disso, Sr. McAlbin. Mas acho que está dando uma estranha ênfase à palavra *tem*.

— É que estou curioso. Gostaria de saber por que Vovó Goodwaller deixou seu apartamento lá no alto da colina, na sua Aldeia Paxville, há três meses, vindo para um chalé aqui no Bosque Paxville, onde ninguém pode entrar. Eu gostaria de entrevistá-la.

— Já me disse isso, Sr. McAlbin. — Caswell parou de esfregar a maçaneta e adiantou-se um pouco. — Paxville é um lugar maravilhoso para as pessoas de idade, Sr. McAlbin. Lá em cima, além do bosque, temos casas e apartamentos para os nossos moradores mais antigos, sozinhos ou em casais. Aqui embaixo, na área do hospital e dos chalés, dispomos de instalações médicas mais apropriadas. Temos até um grupo de bangalôs particulares com equipamentos de tratamento intensivo.

— Quer dizer que Vovó está doente?

— Vovó está com 90 anos. Ela é, como o senhor mesmo disse, uma grande artista americana. Ficamos honrados quando ela decidiu, há cinco anos, vir viver em Paxville, que estava então começando. Ela é muito idosa, Sr. McAlbin. Precisa de cuidados constantes. E não pode ser entrevistada.

— Mas ela ainda está pintando?

— Está sim. Vovó conserva seu talento e continua bastante produtiva. Se passar pelas excelentes galerias de arte da Aldeia Paxville ou for à Galeria de Brimstone, poderá ver os últimos trabalhos dela em exposição. Os óleos originais talvez sejam um pouco dispendiosos demais para um jornalista freelancer, mas irá encontrar também maravilhosos cartões de festas e gravuras.

— Já vi esses quadros em Paxville — disse McAlbin. O velho no chalé de telhas de madeira, na base da colina, tinha parado de gritar. A chuva continuava a cair, fria e forte. A tarde começava a escurecer. — Os quadros de Vovó em exposição nas Galerias Marcus, em Nova York, são trabalhos recentes?

— São, sim. A Companhia Marcus ajudou a tornar Vovó famosa e ela

insiste para que eles fiquem com seus melhores trabalhos. E agora, Sr. McAlbin, já não posso mais dispensar-lhe tempo algum. Obrigado por seu interesse por Vovó. Direi a ela que o senhor esteve aqui e estou certo de que a notícia irá produzir um sorriso meigo e triste no rosto dela.

— Onde é que ela está trabalhando agora? — insistiu MacAlbin. — No chalé em que vive? — E jogou a ponta do cigarro por cima da grade da varanda, para o gramado lá fora.

— Ela de vez em quando pinta no chalé, mas tem também um ateliê grande aqui no prédio principal.

— Posso vê-lo?

— É apenas uma sala grande, cheia de telas, cheirando a tinta e a terebintina.

— Ver os lugares em que os artistas trabalham sempre me ajuda. E ainda tenciono escrever uma boa história sobre Vovó Goodwaller e seu trabalho. Como não vai permitir-me visitá-la, pode pelo menos deixar que eu veja o lugar onde ela cria suas obras.

Caswell pensou por um longo momento, antes de responder:

— Está bem. Venha por aqui. — Ele atravessou a varanda, franzindo o rosto e acrescentando: — Eu lhe pediria, por gentileza, que não mais atirasse pontas de cigarro no gramado.

McAlbin foi embora 15 minutos depois. Sob o casaco, envoltas num pano de limpar tinta, havia uma espátula e uma xícara de chá, que pegara no estúdio muito frio, no momento em que Caswell mostrara um álbum de provas de cartões de festas. McAlbin enfiou as mãos nos bolsos da capa, enquanto descia pelo caminho de pedras até o estacionamento. Havia cerca de duas dúzias de chalés espalhados pelos dez acres de Paxville. O gramado e os canteiros eram bem-cuidados, porém quase todas as flores começavam a fenecer. McAlbin viera até ali levado por um pressentimento e naquele momento disse a si mesmo: “Estou certo, absolutamente certo.”

Entrou no carro e seguiu para a cidade.

Folhas secas rodopiavam e batiam nas pequenas janelas gradeadas da

Galeria de Arte Brimstone. McAlbin enfiou uma das mãos no bolso do casaco e deixou escapar um ruído que era o eco débil do barulho que o vento e as folhas mortas faziam lá fora.

— Não é mesmo! — murmurou ele — Não é mesmo!

Estava nos fundos da galeria, depois de examinar um quadro depois de outro da Vovó Goodwaller. Tinha agora a sua frente um quadro mostrando duas meninas montando um pônei, num campo, em pleno verão.

— Não é mesmo! — repetiu McAlbin.

— Mas claro que é — disse uma voz gentil, atrás dele.

McAlbin virou-se bruscamente e deparou com uma jovem muito bonita, de cabelos avermelhados, o rosto ainda ligeiramente corado do vento frio lá fora.

— Como? — disse ele.

— Estava olhando para o quadro com uma atitude negativa e presumi que estava pensando que meninas não costumam ter pôneis castanhos desse jeito. Mas eu tive um assim, quando era pequena. — As sardas descreviam dois arcos por baixo dos olhos claros da jovem. McAlbin sorriu.

— Já não tenho mais qualquer dúvida. Nunca tive um pônei quando era menino, mas em compensação tive uma bicicleta. Meu tio pintou-a da mesma cor que esse cavalo horrível.

— Parece não prezar muito o trabalho da Vovó.

— Se dependesse de pessoas com o meu gosto, toda a indústria baseada em Vovó Goodwaller iria certamente desmoronar.

— Não tenho nada a ver com essa indústria. Sou apenas coproprietária de uma pequena loja de presentes, perto da Aldeia Paxville.

— Meu nome, por falar nisso, é Roy McAlbin. Sou jornalista freelancer. E você, quem é?

— Sou Nan Hendry. — Ela sorriu suavemente, antes de acrescentar: — Mas não veio até esta parte de Connecticut só para ver os nossos quadros famosos, não é mesmo?

— De certa forma, vim, sim. Mas não exatamente para admirá-los.

Nan tocou no rosto com a mão esquerda, as pontas dos dedos contornando o arco feito pelas sardas.

— Não estou entendendo.

— Escute, Nan, será que não estaria interessada em jantar?

— Parece uma boa ideia. Esta noite?

McAlbin tornou a encher o próprio copo, largou a garrafa de vinho a seu lado, sobre a toalha quadriculada, e disse para Nan:

— Até que estou gostando deste pequeno restaurante. Tem o típico ambiente europeu. — As achas na lareira próxima crepitaram ruidosamente e ele fez uma pausa. — Só que eles não deveriam estar servindo este vinho de Nova York. Os únicos vinhos americanos que prestam alguma coisa vêm de alguns vinhedos pouco conhecidos da Califórnia.

— Já estive em muitos lugares? Conhece toda a Europa e os Estados Unidos?

— Conheço. Uma das grandes vantagens de ser jornalista freelancer é a possibilidade de viajar à vontade. Preciso levar apenas a máquina fotográfica, umas poucas mudas de roupa e a máquina de escrever portátil. Na verdade, posso dispensar até a máquina de escrever, pois sei taquigrafia e sempre é possível alugar uma datilografia em qualquer lugar ou então enviar a história por cabograma. Tudo depende da organização para a qual esteja trabalhando.

— E para quem está trabalhando neste momento?

— Para ninguém, por enquanto. Estou mantendo o assunto em sigilo, até obter mais informações. Depois, entrarei em contato com uma das grandes revistas nacionais e venderei a história por um preço fixo.

— Mas o que, exatamente, está investigando? Não estou querendo intrometer-me em sua vida, mas é que me sinto curiosa por essa vida de jornalista, que me parece fascinante.

McAlbin tomou um gole do vinho.

— Acho o seu interesse maravilhoso, Nan. Estou sempre encontrando uma porção de garotas, aqui e no exterior, que não demonstram o menor interesse pelo que um homem faz. Qualquer conversa mais séria as deixa entediadas. E não diga que são do tipo doméstico. Nada disso! São apenas umas idiotas, nada mais além disso. Quando um homem chega aos 30 anos, a idade que completei três semanas atrás, a sociedade acha que ele deve assentar. Mas não vejo qualquer motivo para assentar, ainda mais se tiver que aturar a companhia de uma idiota qualquer.

— Obviamente, não é casado.

— Claro que não. Dificilmente uma mulher seria capaz de aceitar minha vida irregular e errante. Já estou vivendo assim há seis anos, quase sete, desde que deixei o Exército. Estou-lhe contando tudo isso porque você me parece ser desse tipo raro de garota que é capaz de compreender o impulso de um homem para descobrir a verdade. É isso o que sinto, uma ânsia de descobrir a verdade, de desencavar todos os fatos de uma história. Às vezes, a verdade pode ferir profundamente as pessoas, pode até destruí-las. Mas não nos podemos preocupar com isso. A verdade é como uma tocha e devemos mantê-la sempre acesa.

— Claro que posso compreender, Roy. — Ela tocou novamente nas sardas em seu rosto e sorriu. — A maioria dos homens não tem tanta coragem quanto você. Faz-me lembrar meu pai.

McAlbin soltou uma risada.

— É mesmo? Já meu pai não era assim... Para dizer a verdade, não sei realmente. Meus pais nunca significaram muito para mim. E, agora, sou uma espécie de órfão.

— Desculpe.

— Não há por que desculpar-se, Nan. As coisas são assim e está acabado.

— Estou muito interessada em seu trabalho, Roy. Se quiser falar-me a respeito do projeto em que está atualmente empenhado, eu adoraria ouvir.

Pelo que imagino, esse tipo de trabalho é geralmente muito solitário.

— Não se trata de nenhum escândalo matrimonial ou qualquer coisa relacionada com a Máfia. Nem mesmo tem qualquer fundo político. Mas há algo estranho acontecendo por aqui e pretendo descobrir o que é. Há cerca de duas semanas, eu estava em São Francisco e fui a uma exposição de quadros novos da Vovó Goodwaller. Estava apenas de passagem por São Francisco, sem a menor vontade de visitar os amigos que tenho por lá. Pelo que eles sabem, ainda estou no Pacífico ou algum outro lugar parecido. Mas tive vontade de ir ver a exposição e imediatamente senti algo estranho. Não sei por que ninguém mais percebeu. Provavelmente porque Vovó Goodwaller ocupa uma posição singular na arte americana, não chega a ser uma artista de verdade, mas também não é meramente uma pintora comercial. É uma primitiva... e muito bem-sucedida. E muito rica.

— Mas, afinal, o que notou? — indagou Nan, inclinando-se subitamente.

— Os quadros são falsos.

Nan empertigou-se, de rosto franzido.

— Está querendo dizer que alguém anda vendendo quadros falsificados de Vovó Goodwaller?

— Foi a primeira ideia que me ocorreu. Por isso, fiz algumas perguntas discretas e cautelosas ao pessoal da galeria. Descobri que recebiam os quadros de Paxville, Connecticut, da galeria que existe lá na cidade dos velhos e que está há anos cuidando de toda a produção de Vovó.

— Mas o que tudo isso pode significar, Roy?

— Se estou certo... e conheço arte o bastante para estar quase que absolutamente certo... significa que algo muito estranho anda acontecendo lá em Paxville. Já trabalhei antes em dois casos de fraude, ambos envolvendo falsificações de velhos mestres. Tenho certeza de que os 12 quadros que vi em São Francisco são falsos. E também são falsos os que vi expostos em Paxville, e 10 dos 15 quadros que estão na Galeria de Brimstone, onde nos conhecemos esta manhã.

Nan respirou fundo.

— O que acha exatamente que está acontecendo, Roy?

— Pode ser que Vovó, já tendo passado dos 90 anos, não mais tenha o vigor necessário para pintar tantos quadros e por isso está recorrendo aos serviços de algum ajudante para arrematar os quadros. — Roy recostou-se na cadeira confortavelmente. A luz do fogo na lareira iluminava o rosto um tanto balofo dele. — Mas vim até aqui, Nan, porque uma outra ideia me ocorreu. E a estou verificando.

— Qual é a sua teoria?

— Toda essa organização de Paxville é particular. Já verifiquei isso. E verifiquei também que Vovó Goodwaller não tem parentes próximos. E se ela teve um derrame e não pode mais pintar? — McAlbin pegou o copo de vinho e esfregou-o de leve no queixo. — Mas é possível também que a grande dama dos primitivos americanos tenha morrido. E seria muito conveniente para o pessoal de Paxville mantê-la viva.

— Mas isso é terrível, Roy! Por que alguém iria procurar dar a impressão de que Vovó está viva, se ela já morreu?

— Enquanto os quadros de Vovó continuarem a ser produzidos, quase que em massa, muito dinheiro continuará a entrar em Paxville. Caswell e dois colegas dele são sócios numa companhia que cuida da venda de toda a produção de Vovó, assim como a exploração comercial das obras, através do aproveitamento em cartões de festas e calendários.

— Eu vendo essas coisas na minha loja. — Nan pôs as mãos esguias em cima da mesa e sacudiu a cabeça, lentamente. — Acho que tudo isso que está sugerindo é possível, Roy, embora remotamente. Mas não posso admitir que alguém seja capaz de fazer algo horrível assim. Já discuti sua teoria com outras pessoas?

— Não sou do tipo confiante — disse McAlbin, suavemente. — Ou pelo menos nem sempre.

— Agradeço então ter confiado em mim. Mas confesso que sua teoria me deixa um pouco perturbada.

— Não é apenas uma teoria. Quando estive em Paxville, há dois dias,

roubei uma espátula e uma xícara de chá que supostamente pertencem a Vovó. Assim que eu terminar de fazer tudo o que for possível por aqui, mandarei verificar as impressões digitais em Washington.

— E quanto tempo mais ainda vai ficar aqui?

— Não sei. Ainda quero dar uma olhada no chalé de Vovó em Paxville. E como sou um homem sem ideias preconcebidas, vou tentar, inclusive, dar uma olhada na própria Vovó.

— Talvez eu possa ajudá-lo.

— É mesmo?

Nan tomou a franzir o rosto.

— Vou pensar no assunto. Avisarei você mais tarde.

— Acho que já falei demais a meu respeito, Nan. Agora, vamos inverter os papéis. Fale-me a seu respeito.

A moça baixou os olhos para as mãos, mordendo levemente o lábio. Depois levantou a cabeça e sorriu.

— Está bem, Roy...

O dia seguinte estava claro e seco. Nan telefonou para McAlbin às dez horas da manhã. Ele estava sentado na beira de sua cama na hospedaria, escrevendo algumas anotações.

— Acho que vou poder ajudá-lo, Roy.

MacAlbin rabiscou o nome dela na margem do bloco.

— De que forma, Nan? Não quero vê-la metida nesta encrenca.

— Fiquei bastante perturbada com a história que me contou ontem à noite. Não posso admitir que uma coisa dessas esteja acontecendo por aqui. Você diz que não tem certeza absoluta, mas acho que deve fazer tudo para confirmar ou não. E acho que posso ajudá-lo a descobrir mais alguma coisa.

— Agradeço sua boa vontade, Nan. Mas o negócio pode ser perigoso...

— Basta não me envolver em seus planos, Roy. Mas tenho uma ideia.

— E qual é?

— Conheço um dos funcionários do Bosque Paxville. Não importa o que você pense que possa estar acontecendo por lá, Ben é um homem honesto.

— E daí?

— Você disse que gostaria de entrar lá, para dar uma olhada no chalé em que Vovó vive.

— Claro que gostaria. Está querendo dizer-me que esse amigo seu, o honesto Ben, pode proporcionar-me o acesso?

— Posso perguntar a ele. Mas, antes, quis saber se você aceitaria.

— Não me parece uma má ideia.

— Falarei com Ben e tentarei acertar tudo para esta noite ou amanhã, Roy. Se você não se importa, eu gostaria de levá-lo até lá.

— Talvez não seja muito seguro.

— Estou querendo ajudar, Roy. Por favor...

— Está bem, Nan.

— Voltarei a telefonar assim que tiver uma resposta.

— Obrigado, Nan. Não sabe como me sinto feliz por tudo o que está fazendo.

Ela tornou a telefonar menos de duas horas depois.

Ao cair da noite, McAlbin estava parado no meio do mato, longe da estrada, escutando atentamente. Fazia frio e não havia o menor movimento nas proximidades. Ele foi andando e chegou ao portão que havia na cerca. Lentamente, girou a maçaneta. O portão abriu, sem que soasse qualquer alarma. Ele deixou escapar um suspiro de alívio. O amigo de Nan cumprira a promessa. MacAlbin passou pelo portão e fechou-o. Entre as árvores, havia pilhas e mais pilhas de folhas mortas. Ele começou a descer a encosta, devagar, procurando fazer o mínimo de barulho possível.

Alguns minutos depois, avistou as luzes dos chalés que desejava. Três dos seis chalés naquele setor estavam com as luzes acesas. McAlbin parou e tirou do bolso o desenho feito a lápis. O chalé de Vovó era o terceiro a partir da esquerda. Ele olhou. As janelas do chalé dela estavam iluminadas. Tornou

a guardar o papel no bolso e pegou sua câmara minúscula.

Não havia ninguém por perto do chalé. Ele permaneceu por mais algum tempo à sombra das árvores, até ter certeza absoluta. Depois, quando a escuridão já começava a se adensar, McAlbin avançou rapidamente. Abaixou-se ao chegar perto do chalé da Vovó e contornou-o. Foi chegando perto da janela iluminada, cautelosamente.

Lá dentro, um rádio tocava música antiga. Uma cadeira de balanço rangia. McAlbin ajustou a câmara e empertigou-se. Podia ver agora o que havia lá dentro. Lá estava um cavalete, com um quadro inacabado de crianças deslizando num trenó pela neve. McAlbin viu uma cabeça branca e um xale preto de lã. A mão estava debilmente dando uma pincelada no quadro. Ele bateu a chapa.

A mão largou o pincel na mesinha ao lado e tirou a peruca branca. Caswell levantou-se, atirou o xale longe e apontou uma pistola para a janela.

McAlbin virou-se e correu, numa nova direção, não a mesma pela qual viera.

A última claridade do dia já desaparecera, as árvores escuras pareciam ameaçadoras. McAlbin levou a mão ao peito mole, aspirando com dificuldade o ar frio. Tentou respirar silenciosamente, mas não conseguiu. Ofegava ruidosamente, por causa do esforço.

Prestou atenção, procurando ouvir passos em sua perseguição. Mas nada ouviu. Uma névoa tênue e úmida começava a se esgueirar pelas árvores quase que totalmente desfolhadas. Ele continuou a subir pela encosta. As folhas secas estalavam a cada passo, o barulho de seu avanço se espalhava por toda parte. McAlbin parou novamente, escutando atentamente. Não ouviu qualquer outro ruído além dos que ele próprio fazia. A dor se espalhava por suas costelas e apertava seus pulmões. Ele suspirou e recomeçou mais uma vez a subida.

McAlbin não conseguia definir direito a posição das árvores. Tinha a impressão de que mudava de local a todo instante. Parando mais uma vez, tentou esquadrinhar a escuridão. Deixou escapar uma exclamação abafada de espanto. Havia alguém parado lá em cima! Estava imóvel, à espera, no alto da

colina, pacientemente, escuro e ereto como uma das árvores. Provavelmente um homem de Caswell, avisado para cercá-lo, alto e forte. McAlbin ficou de quatro, começou a afastar-se lentamente do vulto à sua espera. Foi arranhando as mãos, os joelhos e as pernas em espinhos, gravetos espalhados pelo chão. Só levantou-se vários minutos depois. Esquadrinhou o que havia a sua frente... e um instante depois abaixou-se novamente. Naquele lado também havia alguém a sua espera! Outro homem, de braços cruzados, as pernas abertas, os contornos um tanto infinitos por causa da neblina, mas certamente uma visão real.

Ele começou a arrastar-se em uma nova direção, ainda mais silenciosamente, ainda mais devagar. Procurou não fazer qualquer ruído, não respirar fundo demais, para não atrair a atenção. A névoa foi aumentando, assim como o frio da noite. McAlbin olhou para o relógio. Descobriu que estava no bosque há apenas 13 minutos. Suspirou novamente, seguiu em frente.

Um longo tempo depois para ele, mas na realidade apenas 11 minutos de tempo real, chegou à beira do bosque e viu a pequena clareira perto da estrada, onde Nan o deixara. O carro dela ainda estava lá! Sem se preocupar agora com a possibilidade de desencadear um sistema de alarma, McAlbin correu para a cerca e pulou-a. Nada aconteceu.

Ele correu para o carro, abriu a porta e entrou.

— Vamos sair logo daqui!

E foi então que ficou totalmente paralisado. Caswell estava ao volante, com a pequena arma na mão direita. Ele estendeu a mão esquerda e desligou o rádio do carro.

— Estava tentando ouvir alguma notícia sobre o tempo. Parece que vamos ter neve amanhã. Não tem a mesma impressão?

McAlbin finalmente recuperou a respiração e balbuciou:

— Onde está Nan?

— Um dos meus sócios levou-a para casa.

— Não pode escapar impune, Caswell. Não pode perseguir-me como a

um animal selvagem, não pode sequestrar Nan Hendry a seu bel-prazer. Estamos em Connecticut, não em algum reino feudal.

— Ela não foi sequestrada e se retirou por sua livre e espontânea vontade. Acontece que Nan está do nosso lado, como muitas pessoas por aqui. Percebeu logo, Sr. McAlbin, que muitas pessoas daqui dependem dos quadros de Vovó Goodwaller para garantirem sua sobrevivência. É um fato. Somando tudo, Vovó representa cerca de um milhão e meio de dólares por ano para nós. Quando ela morreu, esta primavera, decidimos ignorar o fato. O estilo muito simples dela não é difícil de imitar. Um jovem artista, amigo de Nan, é que está pintando os quadros para nós. E ninguém desconfiou de nossa pequena operação. Foi o único, Sr. McAlbin.

— Cometi um erro ao confiar em Nan, hem?

— Jamais confie em alguém, a menos que seja absolutamente necessário. Calculo que duas dúzias de pessoas, aqui em Paxville e nas proximidades, estão envolvidas na operação. Não gostaria que houvesse tanta gente assim, mas um plano complexo exige numerosos participantes.

— Vovó Goodwaller, se estivesse viva, já teria passado dos 90 anos. Por quanto tempo mais pretende manter a farsa?

— Mais cinco anos, pelo menos. Isso nos permitirá ganhar bem mais de cinco milhões de dólares. É possível até que os lucros sejam muito mais vultosos, se derem certo alguns planos de comercialização. Poderemos então deixar a Vovó morrer. A ganância de manter a operação indefinidamente poderia ser fatal, pois acabariam desconfiando. Felizmente, Vovó, como o senhor, não tem parentes próximos, ninguém que possa causar-nos maiores problemas. Ela era também uma pessoa independente, que trabalhava por conta própria, sem ter que dar satisfação a ninguém.

— Também não sou um homem inteiramente destituído de relações. O que está pensando fazer?

— Sei que tem uma verdadeira devoção à verdade, obstinada, muitas vezes cruel. Se o deixássemos ir embora... simplesmente não daria certo. Não pode ser subornado, não podemos confiar em qualquer promessa de que nada

irá revelar. Foi aquela xícara de chá que levou que me deixou preocupado. Lá estão minhas impressões digitais, que também se encontram em determinados arquivos. Não, não! É inteiramente impossível deixá-lo ir embora, pelo menos por enquanto.

— Mas que conversa é essa? Está pensando que pode matar-me só porque descobri o jogo de vocês?

— Não vamos matá-lo, Sr. McAlbin. Pretendemos simplesmente mantê-lo aqui, onde não poderá criar-nos qualquer problema.

— Mas que simplicidade!

A porta se abriu por trás de McAlbin e alguém pôs a mão sobre sua boca, arrancando-o do carro.

Uma semana depois, já haviam tirado todos os dentes, branqueado os cabelos e internado num bangalô de tratamento intensivo, drogado em caráter permanente. Disseram-lhe que era um homem muito idoso e doente... e, por muito e muito tempo, Roy McAlbin acreditou.

Três Meios de Roubar um Banco

O original estava impecavelmente datilografado. A carta que o acompanhava poderia ter sido copiada, quase que palavra por palavra, de uma dessas publicações ao estilo de “Seja um Escritor” inclusive com a fórmula usual do “Apresentada com vistas a uma publicação eventual, ao preço corrente”. A Srta. Edwina Martin, editora-assistente de *Histórias de Crime*, foi a primeira a ler. Duas coisas atraíram imediatamente a atenção dela. A primeira foi o título: *Três Meios de Roubar um Banco. Método N.º 1*. A outra foi o nome do autor, Nathan Waite. A Srta. Martin, que conhecia quase todos os escritores profissionais de ficção policial dos Estados Unidos, não se recordava do nome.

A carta carecia da verbosidade habitual do escritor inexperiente. A Srta. Martin deteve-se mais demoradamente num parágrafo que havia no meio: “Talvez queira alterar o título, já que o ato cometido por Rawlings não foi, a rigor, um roubo. Na verdade, trata-se provavelmente de um procedimento legal. Estou agora trabalhando em outra história, a que já dei o título de *Três Meios de Roubar um Banco. Método N.º 2*. Irei enviá-la assim que estiver passada a limpo. O Método N.º 2 é quase que certamente legal. Se desejar verificar o Método N.º 1, sugiro que apresente a história a seu banqueiro.”

Rawlings era o protagonista da história, por si mesma fraca e redundante. Não chegava a desenvolver os personagens, era quase que exclusivamente um veículo para descrever o Método N.º 1. O método estava relacionado com o crédito automático dos clientes que dispunham de contas correntes especiais e eram estimulados a emitir cheques sem fundos. O banco

automaticamente lhes daria o crédito necessário. Sem quaisquer documentos, sem notas promissórias. (As reservas do autor a esse tipo de operação ficavam patentes ao longo da história.)

O primeiro impulso da Srta. Martin foi devolver a história, com uma carta polida de rejeição. (Ela se recusava terminantemente a usar o formulário de rejeição, impessoal e cruel.) Mas havia algo na apresentação confiante do método que a deixou perturbada. Anexou um bilhete de memorando ao original, rabiscou um gigantesco ponto de interrogação e remeteu ao editor. Recebeu de volta no dia seguinte, com uma observação: “A história em si é uma tremenda porcaria, mas o plano me parece muito bom. Por que não verifica com Frank Wordell?”

Frank Wordell era o vice-presidente do banco com que a editora da Srta. Martin operava. Ela marcou um almoço com ele, entregou-lhe a carta e o original e pôs-se a examinar algumas provas tipográficas, enquanto Wordell lia. Ela levantou os olhos das provas ao ouvi-lo respirar fundo. Wordell estava pálido, um pouco esverdeado. A Srta. Martin indagou:

— Acha que pode dar certo?

— Não tenho muita certeza — respondeu o vice-presidente, a voz trêmula. — Tenho que pedir a opinião de algumas pessoas do Departamento de Crédito Automático. Mas tenho a impressão de que é possível. — Ele hesitou por um momento. — Deus do céu! Isso nos custaria milhões! Escute... não estão pensando em publicar esta história, não é? Se isto chegar aos olhos do público...

A Srta. Martin, que jamais tivera qualquer admiração pela mentalidade dos banqueiros, manteve-se impassível.

— A história está precisando de retoques. Ainda não tomamos uma decisão.

— E ele diz que já está terminando outra história, sobre o Método N.º 2! Se for qualquer coisa parecida com isto, pode arruinar completamente todo o sistema bancário americano. — Ele fez outra pausa, lembrando-se subitamente de algo e empalidecendo ainda mais. — E ele dá o título de *Três Meios de*

Roubar um Banco! Isso significa que existe ainda um Método N.º 1. Oh, não! De jeito nenhum podemos permitir que vocês publiquem esta história e temos que falar com esse homem imediatamente!

Era a maneira errada de tratar Edwina Martin, que no mesmo instante pegou a carta e o original e disse friamente:

— Esta é uma decisão que compete exclusivamente a nós.

Somente depois que o vice-presidente implorou, argumentando com a possível destruição da economia nacional, é que a Srta. Martin deixou-o levar o original para o banco. Ele estava tão perturbado que até esqueceu de pagar a conta.

O vice-presidente telefonou para Edwina Martin algumas horas depois.

— Acabamos de realizar uma reunião de emergência. O pessoal do crédito automático acha que o Método N.º 1 daria certo. E é possível também que seja legal. Mesmo que não fosse, iria custar-nos alguns milhões de dólares em processos. Estamos querendo que comprem a história, Srta. Martin, transferindo-nos em seguida o copyright. Isso o impediria de vender a história para qualquer outra publicação, não é mesmo?

— Na forma em que ela está. Mas nada impede que ele escreva outra história, usando o mesmo método. — Recordando o esquecimento dele, deixando de pagar a conta, a Srta. Martin não estava propensa a se mostrar muito cooperativa. — E não compramos histórias que não tencionamos publicar.

Mas depois de uma reunião de emergência da Associação dos Bancos, convocada às pressas, com a presença do editor, foi decidido que a história de Nathan Waite seria comprada e depois trancafiada no cofre mais seguro do maior dos bancos. No interesse da economia nacional.

“Economia”, pensou a Srta. Martin, era uma palavra apropriada. Durante a reunião, um velho capitalista, o próprio Sáurio, possuidor de uma fortuna pessoal que se contava na casa das dezenas de milhões de dólares, abordou o problema do pagamento a Nathan Waite.

— Acho que vamos ter que pagar pela história. Quanto é que costumam

pagar nesses casos?

A Srta. Martin, sabendo que o autor jamais fora publicado antes e assim não tinha um valor decorrente do nome, sugeriu uma cifra e depois acrescentou:

— Mas como a história não será publicada, não haverá qualquer possibilidade de ser vendida para o exterior ou antologias nem para o cinema ou TV. — Ela fez uma pausa, vendo o Sáurio estremecer. — Portanto, acho que seria justo dar ao autor um pouco mais do que o habitual.

O Sáurio protestou.

— Não, não! Não podemos sequer pensar nisso. Afinal, não haverá retorno. E ainda teremos de comprar o Método N.º 2 e o Método N.º 3. Pensem nisso. E temos também de prever que talvez seja preciso pagar alguma coisa a esse homem para impedi-lo de escrever mais histórias, usando os mesmos métodos. Só podemos pagar o preço habitual, nem um centavo a mais!

Como eram 30 os bancos que integravam a Associação e como a despesa de cada um seria inferior a dez dólares por história, a Srta. Martin não sentiu qualquer preocupação pelas apreensões do Sáurio.

Naquele mesmo dia, a Srta. Martin despachou uma carta e um cheque para Nathan Waite. A carta explicava que a data da publicação não poderia ser determinada naquele momento, mas o editor estava ansioso em receber as histórias relatando o segundo e o terceiro método de roubar um banco. A Srta. Martin assinou a carta com repugnância. Ela sabia que, para um autor inédito, o cheque era insignificante, comparado com a glória da publicação. E jamais haveria qualquer publicação...

Uma semana depois, ela recebeu outra carta e o original de *Três Meios de Roubar um Banco. Método N.º 2*. A história era um desastre, mas o método novamente parecia convincente. Desta vez, envolvia tinta magnética e processamento de dados. Como estava combinado, a Srta. Martin levou imediatamente o original ao gabinete de Frank Wordell. Ele leu rapidamente e estremeceu, murmurando:

“Mas esse homem é um gênio... É claro que ele possui uma grande experiência bancária...”

“Como?” – indagou Edwina. – “O que sabe a respeito da experiência profissional dele?”

Wordell respondeu em tom indiferente:

“Ora, é claro que mandamos investigá-lo, minuciosamente. Contratamos uma das melhores agências de detetives, logo depois que me mostrou aquela primeira carta. Não conseguimos encontrar nada contra ele.”

A voz da Srta. Martin soou ameaçadoramente fria:

“Está querendo dizer que mandaram investigar o Sr. Waite... um homem de quem tomaram conhecimento através da correspondência dele conosco?”

“Mas é claro!” – exclamou Wordell, parecendo ligeiramente surpreso. – “Não podíamos agir de outra maneira com um homem que dispõe de conhecimentos tão perigosos. Não íamos ficar de braços cruzados, rezando para que ele não fizesse outra coisa com seus métodos, além de escrever histórias. Não podíamos absolutamente correr qualquer risco! Ele trabalhou num banco durante anos e anos, numa pequena cidade de Connecticut. Mandaram-no embora há um ano, pois seu lugar era necessário para um sobrinho do presidente. Mas deram-lhe uma pensão, dez por cento do salário que ganhava.”

“Falou em anos e anos... Quantos anos, precisamente?”

“Ora, não me lembro. Tenho que dar uma olhada no relatório. Parece que foram 25 anos.”

“E, naturalmente, ele não deveria guardar qualquer ressentimento por ter sido mandado embora – disse a Srta. Martin secamente, estendendo a mão. – Deixe-me ver a carta novamente.”

A carta que acompanhava o segundo original agradecia cordialmente ao editor por aceitar a primeira história e pelo cheque. Um parágrafo dizia: “Espero que tenha verificado o Método N.º 1 com seu banqueiro, conforme sugeri. Espero que mostre também o Método N.º 2, só para ter certeza de que

é possível. Como eu disse na primeira carta, quase que certamente é legal.”

A Srta. Martin indagou:

“É legal?”

“O quê?”

“O Método N.º 2, que acaba de ler.”

“Vamos colocar o problema de outra maneira. Não é ilegal. Para torná-lo ilegal, todos os bancos que trabalham com o processamento de dados teriam que realizar grandes alterações em seus formulários e processos. Isso levaria meses e poderia custar-nos um prejuízo de milhões, bem maior do que o decorrente do Método N.º 1. Isso é terrível, Srta. Martin... muito mais terrível do que pode imaginar!”

O Método N.º 2, semeou o pânico na Associação dos Bancos. Houve um acordo unânime de que a segunda história deveria ser comprada imediatamente e escondida para sempre. E houve também um acordo unânime de que, como o Método N.º 3 poderia ser potencialmente ainda mais catastrófico, não poderiam mais ficar esperando que o Sr. Waite enviasse as histórias. (A Srta. Martin, que estava presente, indagou se o preço da segunda história poderia ser aumentado, tendo em vista que o Sr. Waite se tornara um escritor profissional, ao receber o primeiro cheque. O Sáurio ressaltou que Waite não chegara a ser publicado e, portanto, o pagamento extra não se justificava.)

Foi elaborado um plano. A Srta. Martin iria convidar o Sr. Waite para vir de Connecticut, ostensivamente para uma conversa entre editor e autor. Mas o Sr. Waite seria levado à presença de um comitê especialmente escolhido pela Associação dos Bancos.

“Nossos advogados estarão presentes – disse o Sáurio. – Vamos deixá-lo morto de medo, obrigá-lo a nos revelar o Método N.º 3. Poderemos até pagar-lhe o preço de mais uma história, se não houver outro jeito. Depois, encontraremos um meio de fazê-lo ficar calado para sempre.”

A Srta. Martin e seus colegas da editora tiveram que acabar concordando com o plano, embora relutantemente. Ela quase que desejou ter

simplesmente rejeitado de cara a história de Nathan Waite. Estava profundamente ressentida com a atitude dos banqueiros. Na opinião deles, Nathan Waite não passava de um criminoso comum.

Ela telefonou para a casa de Nathan Waite em Connecticut e convidou-o a visitar a editora. Tinha decidido que a Associação dos Bancos iria pagar todas as despesas dele, quaisquer que fossem as manobras que precisasse fazer para isso.

A voz dele, ao telefone, era surpreendentemente jovem e tinha apenas um ligeiro sotaque ianque.

— Acho que tenho muita sorte por ter conseguido vender duas histórias, uma depois da outra. Agradeço-lhe profundamente, Srta. Martin. E terei o maior prazer em ir visitá-la. Calculo que esteja querendo conversar a respeito da próxima história.

A Srta. Martin estava sentindo a consciência atormentada.

— É mais ou menos isso, Sr. Waite. Os Métodos N.º 1 e 2 eram tão inteligentes que há muito interesse pelo Método N.º 3.

— Chame-me apenas de Nate, por favor. Há uma coisa sobre o Método N.º 3: não há a menor dúvida quanto à sua legalidade. E integralmente honesto. Isto é, comparado com os dois métodos anteriores. Falando a respeito deles, verificou-os com o seu banqueiro? Calculei que deve ter-lhe mostrado o Método N.º 1, antes de comprar a primeira história. Andei-me perguntando se ele gostou também do Método N.º 2.

A Srta. Martin mal teve forças para murmurar:

— Ele ficou devidamente impressionado...

— Se assim foi, creio que ele vai ficar ainda mais interessado no Método N.º 3.

Os dois definiram tudo para a visita, daí a dois dias, desligando em seguida.

Ele apareceu na sala da Srta. Martin exatamente na hora marcada, um homem pequeno, de cinquenta e poucos anos, os cabelos brancos lustrosos, penteados para o lado, de maneira antiquada. O rosto era bronzeado, um

cenário apropriado para os olhos azuis que brilhavam intensamente. Ele inclinou-se, numa mesura encantadora, que fez a Srta. Martin sentir-se ainda mais como Judas. Ela saiu imediatamente de detrás da mesa.

— Sr. Waite...

— Nate.

— Está certo, Nate. Estou profundamente desolada com tudo o que aconteceu e lamento que nos tenhamos deixado envolver nisso. Nate, não compramos suas histórias para publicá-las. Para ser franca... e está mais do que na hora de a honestidade falar mais alto... as histórias são horríveis. Só compramos porque o banco... os bancos, seria melhor dizer... pediram que o fizéssemos. Eles receiam que, se as histórias forem publicadas, o público comece a usar seus métodos.

Ele franziu o rosto.

— Horríveis, hem? Estou desapontado. Pensei que a história sobre o Método N.º 2 não fosse tão ruim assim...

A Srta. Martin pôs a mão no braço dele, num gesto de simpatia. Ao fitá-lo, viu que ele estava sorrindo.

— Claro que elas eram pavorosas. Escrevi-as assim deliberadamente. Aposto que é tão duro escrever bem quanto escrever tão mal quanto eu o fiz. Quer dizer que os bancos acham que os métodos podem funcionar, hem? Isso não me surpreende. Pensei um bocado a respeito deles.

— Eles estão ainda mais interessados no Método N.º 3. Querem encontrá-lo esta tarde e discutir a compra da sua próxima história. Para dizer a verdade, estão querendo pagar-lhe para não escrevê-la... nem qualquer outra história parecida.

— Não serei uma grande perda para o mundo da literatura. Com quem nos iremos encontrar? Com o pessoal da Associação dos Bancos? Ainda há por lá um velho que mais parece um crocodilo?

A Srta. Edwina Martin, com um senso de conspiração altamente desenvolvido, depois de ter lido milhares de histórias policiais, deu um passo para trás e fitou-o, dizendo, em tom de acusação:

“Já sabe de tudo!”

Nathan Waite meneou a cabeça lentamente.

“Não, não sei de tudo. Mas, de certa forma, planejei o que está acontecendo. E senti que tudo estava correndo como eu desejava, quando puseram uma agência de detetives para me investigar.

“Eles não podiam fazer uma coisa dessas! – exclamou a Srta. Martin, furiosa. – Quero que saiba que não tivemos nada a ver com isso. E só fomos saber depois. Não pretendo acompanhá-lo à reunião. Lavo as minhas mãos de todo este negócio sujo. Que eles tratem de comprar sua próxima história diretamente.

“Gostaria que fosse. Talvez aprecie o espetáculo.

A Srta. Martin acabou concordando em ir, mas com uma condição: que ele pedisse mais dinheiro pela próxima história do que a editora pagara pelas duas anteriores.

“Eu mais ou menos planejava pedir um pouco mais... tendo em vista o interesse que eles estão demonstrando pelo Método N.º 3.

Durante o almoço, Nathan Waite falou sobre sua carreira bancária e muito mais sobre sua vida numa pequena cidade de Connecticut. Aquele homem simples, que falava sem qualquer rebuscamento, era um matemático amador de grande reputação. Era uma autoridade em cibernética e um astrônomo respeitado.

Durante o café, ele deixou entrever um pouco de sua filosofia pessoal, ao dizer:

“Não fiquei muito aborrecido quando o banco me mandou embora. O nepotismo sempre esteve presente entre nós. Creio que eu poderia ter sido um elemento de proa, num banco de cidade grande. Mas contentei-me em ganhar a vida de maneira adequada, dispondo de mais tempo para fazer as coisas que realmente aprecio. Mas sou basicamente preguiçoso. Minha esposa morreu alguns anos depois que casamos e não havia ninguém para me impelir a ir mais longe e me esforçar mais do que eu desejava.

“Além disso, há algo de especial num banco pequeno de uma cidade

pequena. Conhecemos os problemas de cada um, financeiros e outros. Podemos de vez em quando infringir os regulamentos, para ajudar as pessoas. O banqueiro, a sua maneira, é quase tão importante quanto o médico local. – Ele fez uma pausa, pensativo. – Mas já não é mais assim. Agora, tudo é mecanizado, computadorizado, desumanizado. Não existe mais o banqueiro no velho sentido da palavra. Existe o executivo financeiro, que cada vez mais se torna parte de uma grande corporação, apenas uma parte, responsável perante uma junta de diretores. Ele tem que trabalhar exclusivamente de acordo com os regulamentos, que não dão margem a quaisquer fatores humanos.

A Srta. Martin, fascinada, pediu mais um café. E Nathan Waite continuou:

“Veja por exemplo o caso dos depósitos. Antigamente, a pessoa entrava no banco, preenchia um talão com seu nome e endereço, indicava a quantia que desejava depositar. Isso fazia com que um homem se sentisse bem e era bom para ele. “Meu nome é João Ninguém, ganhei este dinheiro e é neste lugar que eu moro. Quero que guardem o dinheiro para mim.” E o dinheiro era levado para o caixa, um momento solene.

Nate pôs açúcar em seu café.

“Dentro em breve, já não haverá mais nem caixa. No momento presente, já não é mais possível preencher um talão de depósito em muitos bancos. Eles enviam aos clientes cartões de computador, com o nome e endereço representados por perfurações. Tudo o que se precisa fazer é acrescentar a data e a quantia. E o dinheiro que os bancos economizam do trabalho dos funcionários é gasto com anúncios idiotas na TV. Foi um comercial de TV de um banco que me levou a escrever aquelas histórias.

A Srta. Martin sorriu.

“Nate, você nos usou. – Ela hesitou, o sorriso desapareceu. – Mas mesmo que você os pressione pela história do Método N.º 3, isso nada irá afetar, a não ser os sentimentos deles. O dinheiro não sairá dos bolsos deles. E ainda que consiga arrancar alguns milhares de dólares, não fará a menor diferença para eles.

— O importante, minha cara, é fazê-los compreender que qualquer sistema mecânico que o homem possa imaginar, também pode ser batido pelo homem. Se eu puder fazê-los compreender que o elemento humano não pode ser descartado, já estarei satisfeito. Mas acho que já está na hora de irmos para a reunião.

A Srta. Martin, antes apreensiva com o que poderia acontecer com Nathan Waite, estava agora confiante. Nate poderia enfrentar tranquilamente uma dúzia de Sáurios juntos.

Um comitê de 12 membros, representando a Associação dos Bancos, sob a chefia do Sáurio e assistido por uma dúzia de advogados, estava à espera deles. Nathan Waite acenou com a cabeça polidamente, ao entrarem na sala de reunião. O Sáurio foi logo dizendo:

— Você é Waite?

— Sr. Waite.

Um jovem advogado, num terno cinza impecável, apressou-se em falar:

— Aquelas histórias que escreveu e pelas quais pagamos... Sabe que os seus supostos métodos são ilegais?

— Filho, ajudei a escrever as leis bancárias do meu Estado e de vez em quando faço trabalhos avulsos para a Junta da Reserva Federal. Se quiser, podemos conversar longamente sobre leis bancárias.

Um advogado mais velho disse rispidamente:

— Cale-se Andy! — Virou-se em seguida para Nate. — Sr. Waite, não sabemos se os seus dois primeiros métodos são criminosos ou não. Mas sabemos que custaria muito dinheiro e traria muitos problemas, se levássemos o caso aos tribunais. E se qualquer dos métodos cair no conhecimento público, os prejuízos serão certamente incalculáveis. Gostaríamos de ter alguma garantia de que isso não irá acontecer.

— Compraram as histórias descrevendo os dois primeiros métodos. De um modo geral, sou considerado um homem honrado. Como a Srta. Martin aqui presente diria, não usarei os mesmos enredos outra vez.

Terno-Cinza disse cinicamente:

— Talvez não esta semana. Mas quem nos garante o que irá fazer na próxima semana?

O advogado mais velho tornou a censurá-lo, ainda mais ríspidamente:

— Eu já lhe disse para calar a boca, Andy! — E virou-se mais uma vez para Nate. — Sou Peter Hart. Peço desculpas por meu colega. E aceito a declaração de que é um homem honrado, Sr. Waite.

Sáurio interrompeu-o:

— Vamos deixar de lado essa conversa fiada. O que me diz do Método N.º 3, a terceira maneira de roubar um banco? É tão indigno quanto os dois primeiros?

— Como eu já disse à Srta. Martin, o termo “roubar” é um tanto impróprio. Os dois primeiros métodos podem não ser éticos, talvez sejam ilegais. Mas o Método N.º 3 é perfeitamente legal, sem a menor sombra de dúvida. Têm a minha palavra.

Doze banqueiros e doze advogados começaram a falar ao mesmo tempo. O Sáurio aquietou o furor geral levantando a mão.

— E acha que é capaz de dar certo tão bem quanto os dois primeiros métodos?

— Tenho certeza absoluta.

— Então vamos comprá-lo. O mesmo preço que as duas primeiras histórias e nem mesmo terá de escrevê-la. Basta dizer-nos qual é o Método N.º 3. E nós lhe daremos 500 dólares pela promessa de que nunca mais irá escrever qualquer outra história.

O Sáurio sentou-se, esmagado por sua própria generosidade. Peter Hart parecia enojado. Nathan Waite meneou a cabeça.

— Trouxe comigo um documento. É um contrato, elaborado pelo melhor advogado especialista em contratos do meu Estado. Um grande amigo meu. Terei o maior prazer em deixar o Sr. Hart examiná-lo. Em suma, o contrato determina que a Associação de vocês irá pagar-me 25 mil dólares por ano, pelo resto da minha vida. E depois que eu morrer, o pagamento

deverá ser efetuado, em caráter perpétuo, para diversas instituições de caridade, que estão indicadas em meu testamento.

O tumulto foi indescritível. A Srta. Martin estava sentindo vontade de bater palmas. Ela percebeu um sorriso de admiração no rosto de Peter Hart. Nate esperou pacientemente que a balbúrdia cessasse. Quando podia novamente ser ouvido, falou:

— Há Reconheço que é dinheiro demais para se pagar por uma simples história. Por isso, conforme está especificado no contrato, servirei como consultor da Associação dos Bancos. Podem dar ao cargo o nome de Consultor de Relações Humanas. É um título que soa bem. Sendo um consultor, é claro que estarei ocupado demais para escrever histórias. Isto consta também do contrato.

Terno-Cinza estava de pé, gritando para chamar a atenção:

— Há E o que nos diz do Método N.º 3? Isso também está explicado no contrato? Temos que saber como é o Método N.º 3!

Nate assentiu.

— Há Eu contarei qual é, assim que o contrato estiver assinado.

Peter Hart levantou a mão, pedindo silêncio.

— Há Se não se importa de esperar na antessala, Sr. Waite, gostaríamos de discutir o problema em particular.

Nate ficou esperando, com a Srta. Martin. Ela comentou:

— Há Nate, você foi maravilhoso. Acha que eles vão aceitar?

— Há Claro que vão. Podem, talvez, contestar a Cláusula 7... que me dá o direito de aprovar ou recusar todos os comerciais de TV dos bancos. — Ele fez uma pausa, os olhos faiscando. — Mas estão de tal forma apavorados com o Método N.º 3 que tenho certeza de que acabarão concordando até mesmo com isso.

Peter Hart chamou-os cinco minutos depois. Os membros do comitê tinham expressões abatidas.

— Há Chegamos à conclusão de que a Associação está realmente precisando de um Consultor de Relações Humanas. Eu e o Sr. Graves... —

Peter Hart fez uma pausa, sacudindo a cabeça na direção do Sáurio, visivelmente desolado... assinamos o contrato, em nome da Associação dos Bancos. Por falar nisso, o contrato está muito bem redigido... não há a menor brecha legal. Só falta agora sua própria assinatura.

Temo-Cinza estava novamente de pé.

“Espere um instante! Ele ainda não disse qual é o Método N.º 3!

Nate pegou o contrato e assinou-o, ao mesmo tempo em que murmurava:

Ah, sim... Três Meios de Roubar um Banco. Método N.º 3. É muito simples, cavalheiros. *Este é o Método N.º 3.*

Um Trabalho Impecável

Os dois homens entraram na casa grande silenciosamente, pela porta dos fundos, onde os vizinhos não poderiam vê-los. Não tinham a chave da porta da frente e ninguém a teria aberto, se tocassem a campainha.

— Paramos para tomar um drinque – explicou Ferguson. – Isto não é...

Girdner fitou-o friamente.

— Claro que é da minha conta. Faça isso mais uma vez e nosso acordo estará cancelado. Encontrarei alguém mais. E agora subam os dois para o quarto.

Ela deveria chegar a qualquer momento.

Estava atrasada, como sempre. Girdner franziu o rosto. Ela chegaria atrasada para o próprio enterro.

Assim como para o enterro do marido.

Já era quase uma hora da madrugada quando ele ouviu o barulho do carro subindo pelo caminho. Aquele era o momento perigoso.

Era uma noite escura, sem lua. Ele pensara em tudo, como sempre fazia. Não acendeu a luz da varanda, limitando-se a abrir a porta silenciosamente, para deixá-la entrar. E saiu para colocar pessoalmente o carro no lado da casa, onde os arbustos eram mais densos. Se lhe tivesse dito para fazer isso, certamente provocaria uma discussão. Ele voltou rapidamente e fechou a porta.

Ela estava parada no vestíbulo, esperando. Girdner não a convidou a passar à sala de estar.

— Está tudo pronto? – indagou ela, no tom arrogante que sempre usava.

— E com você, está tudo pronto?

Em matéria de arrogância, pensou Girdner, poderia vencê-la com as duas mãos atadas nas costas. Ela sorriu.

— Há Está-se referindo ao dinheiro? Eu o trouxe... metade agora e metade... depois.

Girdner dominou a raiva que sentia.

— Há Não foi isso o que combinamos, madame. Está comprando uma coisa, eu estou vendendo. Se não soubesse que tenho o que está procurando e não tivesse certeza de que posso garantir a entrega, nem teria vindo procurar-me. Tenho que pagar a meus homens amanhã de manhã. Pague-me o que foi combinado e não pensemos mais nisso.

Ela sacudiu a cabeça, obstinada. Girdner cerrou os punhos.

— Há De que está com medo, madame? Chantagem? Sou um comerciante. Depois que vendo a mercadoria, não penso mais no cliente.

— Há Não é você que me preocupa... mas sim os homens que contratou.

— Há Essa é a palavra exata... os homens que contratei. Já os contratei por diversas vezes antes e certamente irei contratá-los novamente no futuro. Ou a outros como eles. São técnicos... especialistas. Não possuem qualquer interesse, além de executarem o trabalho para o qual são contratados e pagos. — Girdner fez uma pausa, fitando-a atentamente. — Além disso, deve lembrar-se de que, em ambos os casos, o seu e o meu, qualquer insatisfação iria inevitavelmente envolver o outro. Nenhum dos dois poderia acusar o outro sem se incriminar também. Isso protege ambos... ou todos nós, se assim prefere.

Relutantemente, ela abriu a bolsa de couro de crocodilo. Girdner contou o dinheiro cuidadosamente, verificando as notas para constatar se havia marcas, números em sequência ou qualquer outra possibilidade de identificação. Largou o dinheiro negligentemente em cima da mesinha do vestíbulo e depois tornou a abrir a porta.

— Há Boa noite, madame. E adeus. Não acenda as luzes do carro até chegar à estrada. — Ele sorriu suavemente e acrescentou: — Depois de amanhã, seus sonhos se transformarão em realidade. Parabéns.

Ele fechou a porta e passou o ferrolho, assim que ela saiu. Ficou esperando até ouvir o barulho do carro se afastando. Foi pegar o dinheiro, apagou a luz do vestíbulo e subiu.

Foi direto para a cama e dormiu profundamente durante oito horas.

Dunlap, o surdo-mudo a quem Girdner tirara dos cortiços anos atrás e que o servia com uma lealdade fanática, preparou o café da manhã para Coates e Ferguson na cozinha. E depois levou uma bandeja para Girdner no quarto. Assim que acabou de comer, Girdner tomou banho, fez a barba e vestiu-se. Desceu em seguida e chamou os dois homens para uma reunião em seu gabinete.

Examinou-os atentamente, com um olho crítico. Coates, o grandalhão, estava calmo e taciturno, como sempre. Mas Ferguson parecia nervoso e de ressaca. Girdner decidiu que iria substituí-lo no contrato seguinte. Mas deixaria que ele participasse do trabalho daquele dia. Seria um mero assistente de Coates, que certamente cumpriria as ordens ao pé da letra e cuidaria de tudo com a competência habitual, desde que o pagamento estivesse em seu bolso.

Havia ainda bastante tempo. James Wardle Blakeney nunca aparecia em seu escritório antes das onze e meia da manhã.

— Já sabem o que fazer — disse Girdner friamente. — Alguma pergunta?

Ferguson se remexeu, inquieto.

— Igualzinho ao caso Sánchez, hem?

— É exatamente o inverso do caso Sanchez! Esse caso foi um sequestro puro e simples e o resultado final foi acidental. Desta vez, estamos sendo pagos para providenciar um acidente.

Ferguson teve o mau gosto de soltar uma risadinha. Ele precisava mesmo sair do negócio, concluiu Girdner. O que significava que tinha de ser eliminado. Como um homem da experiência dele podia decair tanto assim? Girdner notou que Coates estava de rosto franzido; provavelmente pensando

a mesma coisa.

— Há Além do mais – acrescentou Girdner – você já devia saber que nunca se deve mencionar casos antigos.

— Claro, claro... disse Ferguson, nervosamente.

Será que ele está assim porque se casou?, pensou Girdner. O casamento estragava um bom profissional naquele ramo de atividade. Deliberadamente, Girdner atraiu a atenção de Coates e colocou mais algumas notas num dos bolsos, sem que Ferguson percebesse. Coates assentiu, quase imperceptivelmente.

— Há Aqui está o dinheiro – disse Girdner, finalmente. – Podem contar e depois entrem em ação. Já sabem de tudo o que devem fazer e estão com as passagens de avião. Mais alguma coisa?

— Está tudo certo – murmurou Ferguson, metendo as notas no bolso, sem olhá-las.

Coates as contou cuidadosamente, tornou a assentir, guardou o dinheiro na carteira. Adeus, Ferguson! pensou Girdner. Ele iria juntar-se a James Wardle Blakeney antes que o dia terminasse.

Os dois saíram pela porta dos fundos. Girdner ficou prestando atenção até ouvir a porta fechar e Dunlap passar o ferrolho. Depois, suas preocupações terminadas, recostou-se na cadeira e acendeu o primeiro charuto do dia. Outra boa transação que fora devidamente providenciada. Acho que vou dar um descanso a mim mesmo, pensou ele. Talvez fizesse uma viagem, antes de aceitar outro trabalho. Não havia sentido em ser ganancioso demais.

James Wardle Blakeney possuía várias características em comum com Augustus Girdner: era arreado, orgulhoso, independente, obstinado e pontual. Possuía também diversas características diferentes de Girdner, mas, que não tinham qualquer importância no momento.

Para se manter em forma, uma questão de vaidade para um homem de

44 anos casado com uma mulher de 26, Blakeney sempre ia a pé, quando estava em seu apartamento na cidade, até o escritório, que ficava a uma distância de dois quilômetros e meio. Não importava o tempo, a não ser que fosse um furacão ou uma nevasca. Seguia invariavelmente o mesmo caminho, andando depressa, sem prestar a menor atenção ao que havia ao redor, concentrado nos problemas que o aguardavam.

O grande problema daquele dia era a fusão Metropolitan. Deveria ou não usar a nova engenhoca na reunião? Seria ético? Será que os resultados benéficos seriam mais importantes que o uso duvidoso? Newnham era sorrateiro. Não havia a menor dúvida de que ele a usaria, se tivesse sido o primeiro a consegui-la. Blakeney acabou decidindo-se pelo uso. Apalpou o bolsinho do paletó. Era impressionante o que a tecnologia era capaz de fazer atualmente!

Neste momento, ele foi abordado por um homem que vinha em direção contrária, o que o deixou irritado. É ficou mais irritado ainda por não reconhecer o homenzinho guapo e sorridente que estava parado a sua frente, com a mão estendida, em expectativa.

— Sr. Blakeney! — disse o homenzinho, os dentes faiscando. — Mas que prazer vê-lo novamente!

Blakeney conhecia muitas pessoas, nos mais variados contextos. Não havia memória capaz de fixar todos os nomes e rostos. Além disso, ele estava começando a notar que sua memória já não possuía mais a mesma elasticidade de 20 anos atrás. Mas a polidez levou-o a apertar a mão estendida.

— Tenho também prazer em revê-lo... ahn... — Ele não queria parecer muito brusco com alguém que podia achar que tinha o direito de ser reconhecido.

Mas o homenzinho, ao invés de falar, apertou a mão de Blakeney com uma força surpreendente. E aturdido e alarmado, o financista sentiu que estava sendo arrastado na direção de um carro que acabara de estacionar junto ao meio-fio. Antes que Blakeney tivesse tempo de se recuperar, pois estava inteiramente absorvido no problema da fusão, outro homem, este alto e

corpulento, segurou-lhe o outro braço. Os dois o arrastaram para o carro, sem maiores dificuldades. Em menos de um minuto, ele estava estendido no chão do banco de trás do carro, amordaçado, vendado, com um tapete sobre seu corpo e os pés do grandalhão em sua espinha. Blakeney contorceu-se e tentou gritar, em vão, enquanto o carro se afastava rapidamente.

Mas ele logo parou de se contorcer. Era evidente que estava sendo sequestrado. Pensava que esse tipo de coisa tivesse acabado bem antes da II Guerra Mundial. Mas recordava-se dos relatos que lera a respeito de tais ocorrências. Eram as vítimas que haviam mantido a calma e ficado atentas que sempre conseguiam escapar ilesas e ainda por cima levavam a polícia à captura dos sequestradores, em alguns casos chegando mesmo a recuperar o dinheiro do resgate. Todos os sentidos dele estavam bloqueados, menos o da audição. Deveria usá-lo da melhor forma possível.

Já conhecia a rotina. Seria levado para um esconderijo isolado e mantido incomunicável, enquanto os sequestradores enviavam um bilhete de resgate a sua esposa ou telefonavam para ela. Era possível também que entrassem em contato com um dos sócios dele. A segunda hipótese parecia mais provável, já que Íris não tinha a menor ideia de onde nem como obter a soma vultosa que os sequestradores certamente iriam exigir. Quem quer que fosse, Íris ou um sócio dele, seria advertido a não procurar a polícia. Blakeney temia que o fizessem, discretamente. Preferiria que não. Era comum acontecerem coisas desagradáveis a um sequestrador, só porque os intermediários não obedeciam fielmente às ordens.

Ele ouviu quando deixaram a rodovia pavimentada e entraram numa estradinha de terra. Ouviu também carros passando por eles, em quantidade cada vez menor, até não haver mais nenhum. Nas proximidades de todas as cidades grandes, a pouca distância de carro, existem enclaves de terras ainda não aproveitadas ou abandonadas, por onde quase ninguém passa. Aqueles homens eram profissionais. Já deviam estar com o esconderijo preparado. Blakeney tinha uma boa ideia da direção que haviam tomado depois de deixarem a cidade. Já estivera por aquelas bandas diversas vezes, mas jamais olhara para a paisagem. Calculou que deveria haver por ali alguma casa

antiga, quase em ruínas.

O carro parou. Parecia ser um carro velho, todo desconjuntado. O que comprovava a competência daqueles criminosos. Não havia a menor dúvida de que tinham comprado o carro em alguns desses estacionamentos que vendem carros usados, desejando apenas que os levasse até o esconderijo e depois voltasse à cidade, agora transportando apenas o motorista. Depois disso, o carro certamente seria abandonado numa rua secundária. Assim, não haveria complicações com carros roubados. Com seu talento para administração, Blakeney não pôde deixar de aprovar as providências. Eram perfeitas, impecáveis.

— Há Saia! — disse o grandalhão no banco de trás, tirando os pés de cima de Blakeney.

Era a primeira palavra que o grandalhão dizia. O tapete foi arrancado e Blakeney saiu pela porta aberta, ficando de pé, lá fora.

Teve uma vaga impressão de árvores a seu redor. Havia uma a seu lado, na qual se apoiou, até sentir a dormência em seus braços e pernas desaparecer. Agora, os sequestradores iriam metê-lo na casa, que devia estar por perto. Seria trancafiado num quarto escuro, que seria sua cela até que o resgate fosse pago. Blakeney não podia imaginar que não existia casa alguma num raio de dois quilômetros.

— Há Pode afastar-se — disse Ferguson.

Estava-se dirigindo a Coates, que largou o braço de Blakeney. Ferguson adiantou um pouco e mirou cuidadosamente na nuca de Blakeney.

Este caiu de frente, sem fazer qualquer ruído praticamente. Houve uma convulsão final e depois o corpo ficou totalmente imóvel.

— Há Bom tiro, hem? — comentou Ferguson, soltando uma risadinha satisfeita.

— Há Muito bom — concordou Coates. — Sempre ouvi dizer que você era dos melhores.

Ferguson estava todo animado. Coates fitou-o com repugnância. Girdner estava certo. Ferguson fora um homem útil no passado, mas isso já

não mais acontecia. Ele se tomara perfeitamente dispensável.

— Role-o para o lado — disse Ferguson, excitado. — Ele é muito pesado. Temos que deixar a carteira com ele... para que possa ser imediatamente identificado. Mas o cara deve estar cheio da grana e não há motivo para não a pegarmos. Será uma espécie de gratificação extra.

Primeira alteração do plano: nenhum dinheiro devia ser tirado de Blakeney, caso contrário a polícia iria saber que uma terceira pessoa estivera presente. Não havia tempo a perder.

Ferguson já tinha posto a arma novamente no coldre e estava acendendo um cigarro. E continuou a falar, sem parar:

— Assim que pegarmos a grana, voltaremos para o carro, hem? Quando chegarmos à cidade, deixaremos esta banheira numa ma qualquer e depois nos separamos. Iremos os dois para o aeroporto, você seguirá seu caminho e eu o meu. Já fez algum trabalho antes para Girdner?

— Já fiz dois. E você?

— Mais do que isso. Porém, nunca um trabalho como este. Só peguei antes gente ordinária. — Ele soltou uma risada, antes de acrescentar: — Este cara é muito importante, não é? Aquele Girdner... mas que cabeça!

— Cale a boca! — Coates detestava conversa fiada. Mas Ferguson tornou a rir e continuou a falar:

— Quem pode ouvir, além de você o nosso amigo falecido? Já tinha ouvido falar antes num esquema desses? Como se tomar uma viúva rica de um só golpe! Como será que ela conseguiu descobrir a existência de Girdner?

— Da mesma forma que nós também descobrimos — disse Coates. — Através de ligações do sindicato. Ela não chega a ser nenhuma vigarista, mas também não é uma santinha. Provavelmente já tinha tudo planejado desde o início. E agora, se você quiser...

— Está bem, está bem. Deixe-me respirar um pouco antes. Não há pressa. É, acho que você está certo. Ela tem a metade da idade dele e é duas vezes mais bonita. — Ferguson soltou uma risadinha. — Provavelmente, ele a conheceu num bar e, quando deu por si, ela já o havia encurralado. É o tipo

de mulher que admiro. É claro que Girdner deve ter orientado nos detalhes, mas toda a coisa... escrever o bilhete de resgate para si mesma, talvez ditado por Girdner. Deve ter sido Girdner quem providenciou a máquina de escrever, deixando ao encargo dela livrar-se da máquina depois de escrito o bilhete. E ela vai levantar o dinheiro para o resgate, certamente muito alto, e fingir que pagou. Recebemos um bom pagamento, mas pode estar certo de que é uma quantia insignificante diante do total...

Coates achou que já era demais e disse subitamente:

‘Ei! Olhe ali!’

Ferguson virou-se aturdido. No mesmo instante, Coates, duas vezes mais pesado e mais forte do que Ferguson, agarrou-o e arrancou-lhe a arma, pois as duas balas tinham de ser disparadas da mesma arma. Antes que Ferguson tivesse tempo de compreender o que estava acontecendo, Coates disparou-lhe um tiro na têmpora, aproximando a arma o bastante para deixar queimaduras de pólvora.

Ferguson caiu, inerte. Rapidamente, Coates colocou a mão dele em torno da arma. Não havia necessidade de limpar as suas próprias impressões digitais. Nem no carro. Não tocara em coisa alguma onde suas impressões pudessem ficar fixadas. E as impressões de Ferguson já não faziam mais qualquer diferença.

Segunda alteração do plano: ele não poderia levar o carro. Isso indicaria que uma terceira pessoa estivera presente. Mas ainda era cedo e o ponto de ônibus, na cidadezinha mais próxima, ficava apenas a uns sete ou oito quilômetros. Ainda restava alguma coisa a fazer?

Ah, sim, a parte de Ferguson no pagamento pelo serviço. Ele, Coates, tinha direito àquele dinheiro. Além do mais, pareceria suspeito se encontrassem Ferguson com tanto dinheiro. Ele só deixou uma soma razoável, que se poderia imaginar estivesse com Ferguson. Transferiu o dinheiro e a sua parte no pagamento para o cinto especial que trouxera, a fim de que os bolsos não ficassem por demais estofados. A passagem aérea de Ferguson? Não, era melhor deixá-la. Levaria a polícia a identificar Ferguson, antes mesmo que tirassem as impressões digitais dele. Coates ajeitou a calça

e olhou ao redor, para certificar-se de que nada fora esquecido.

Estava tudo certo. Ferguson é que comprara o carro. Coates nunca o tinha visto antes, até o dia anterior, quando se haviam encontrado na casa de Girdner. Não havia coisa alguma que pudesse ligá-los. Só mais uma coisa: deveria apressar a descoberta dos corpos, através de um telefonema anônimo? Girdner deixara bem claro que o corpo de Blakeney deveria ser encontrado o mais depressa possível. Afinal, era necessário que se constatasse a morte do marido, para que o testamento pudesse ser homologado. Aquele lugar era isolado. Mas será que caçadores, crianças ou excursionistas, procurando um atalho, não iriam encontrar os corpos, dentro de mais um ou dois dias? Talvez não.

Antes de pegar o ônibus, ele telefonaria para a polícia, dando o aviso e desligando rapidamente. Ela iria telefonar para a polícia no instante em que recebesse a carta de resgate, que despachara para si mesma. A esta altura, a notícia estaria em todos os jornais e nas TVs.

Com um último olhar para a cena altamente satisfatória, Coates começou a afastar-se pela estradinha de terra, na direção da rodovia, pronto para esconder-se rapidamente, ao menor sinal de alguém se aproximando. Mas nada cruzou o caminho dele, a não ser um coelho solitário. Com a sorte que estava, pensou Coates, encontraria bem poucos carros na rodovia, àquela hora do dia. E se visse algum se aproximando, começaria a correr como um atleta. Ele não se vestia de forma tão apurada quanto Girdner, mas certamente iriam encará-lo como um adepto da nova mania do Cooper. Ninguém iria considerá-lo um carona e parar para apanhá-lo.

Coates continuou em frente, sorrindo ao recordar o súbito terror no rosto de Ferguson, um segundo antes de morrer. Que a polícia tentasse decifrar por que o sequestrador matara a vítima e depois, subitamente, por alguma razão inexplicável, matara a si mesmo, com a mesma arma.

Um bom trabalho, um serviço bem-feito, pensou Coates, exultante. Um trabalho metódico de profissional, sem falhas.

Tudo transcorreu de acordo com o previsto. Iris Blakeney nem mesmo estava nervosa. Não podia ficar nervosa, tendo um profissional como Girdner a cuidar de tudo. O que precisava fazer era seguir religiosamente as instruções dele. E foi o que ela fez. Aparentemente, um dos homens dele chegara a dar um telefonema anônimo para a polícia, a fim de garantir a rápida descoberta do corpo, encontrado antes do anoitecer.

Iris ensaiou mais uma vez a expressão de choque e angústia que a notícia iria provocar-lhe. Dentro em breve o telefone começaria a tocar e ela seria assediada por repórteres, pelos parentes, amigos e sócios de James. Graças a Deus que ela não tinha quaisquer parentes para atormentá-la também. Mais uma semana de confusão e depois ela poderia iniciar sua vida nova e maravilhosa. Ah, a campainha da porta já estava tocando! Ela se preparou para o primeiro encontro, ao ouvir a empregada abrir a porta.

Dois homens foram levados à presença dela. Estavam em ternos comuns, mas é claro que Íris imediatamente reconheceu-os como detetives. E perguntou, a voz trêmula, como se não tivesse ouvido a notícia pela TV:

— Já... já sabem de alguma coisa?

Ela ficou aturdida quando um dos detetives começou a recitar a ladainha que precede todas as prisões, informando-a de seus direitos.

— Mas que diabo... — Íris passou rapidamente do choque ao ultraje.

— Deixe disso, meu bem — disse o outro detetive, a voz cansada. — Sabe o que encontramos no bolso do paletó do seu marido? Um desses novos minigravadores. Quando o corpo bateu no chão, acionou o gravador. Não faz ideia da conversa que ficou gravada!

Pela Disputa de um Cargo

— Acho que Howard acaba de apresentar um conceito realmente audacioso — disse Weatherby Fallstone III, entusiasmado. — E muito forte.

Ele fez uma pausa, sorrindo para Howard Grafton, do outro lado da mesa comprida.

— É também uma ideia pioneira. Completamente nova. Não creio que jamais tenhamos feito qualquer coisa parecida. Gostaria de revirar a ideia em minha boca por algum tempo, para saboreá-la devidamente.

Fallstone ficou observando o rosto de J.L. Girton, do qual surgiu uma expressão de contrariedade, quase imperceptível. Muito bem, Fallstone, pensou ele. Diferente de tudo o que já fizemos no passado, diferente de tudo que J.L. Girton já aprovou ou imaginou, diferente de todas as coisas antigas. Algo mais novo e melhor do que J.L. Vamos ver se Grafton consegue sair desta.

— Acho que Weatherby está exagerando um pouco — disse Grafton, cautelosamente. — Na verdade, limitei-me a combinar de uma nova maneira algumas ideias que J.L. já havia apresentado, em 1958. Se parece algo novo e diferente... ora, é um tributo à vitalidade dos conceitos em que se baseou.

O filho da mãe é esperto e escorregadio, pensou Fallstone, antes de dizer:

— Claro, claro... Os conceitos básicos, fundamentais, não mudam. Seja como for, Howard, acho que é uma ideia vitoriosa.

— Parece-me bastante criativa — declarou J.L. do alto de sua autoridade. — O que acha, Eldon?

A cabeça branca do vice-presidente encarregado das relações com os clientes sacudiu-se bruscamente e ele piscou rapidamente. Eldon Smith não

estava inteiramente adormecido, mas seria difícil prová-lo aos homens que o observavam atenta e impiedosamente. E ele disse, falando bem devagar:

— Talvez devêssemos dormir sobre a ideia.

— Pensei que já tivesse feito isso, Eldon.

— Absolutamente, J.L. Fechar os olhos simplesmente me ajuda a visualizar melhor as coisas.

J.L. fitou-o friamente por um momento. Depois sorriu, correndo os olhos pela mesa.

— Creio que não há mais nada a discutir no momento. Obrigado por terem vindo, senhores.

Os executivos de J.L. Girton & Associados começaram a deixar a sala.

— Howard, fique mais um pouco — pediu J.L. — Você também, Weatherby.

Quando os três ficaram a sós, J.L. disse:

— Um bom plano, Howard. Gosto de ver um homem que é capaz de efetuar um trabalho criativo, sem perder o contato com conceitos sólidos e devidamente comprovados.

O rosto redondo e pálido de Grafton dava a impressão de que a sinceridade e a gratidão ali haviam sido aplicadas como um creme facial. Ele fitou J.L. nos olhos e disse modestamente.

— Obrigado, J.L. Só espero que tudo dê certo.

Ele olhou para Fallstone pelo canto dos olhos. E pensou: esta foi uma grande vitória; aposto como esse desgraçado esquelético está roendo as unhas de inveja.

— Não vai ser fácil — disse J.L. — É um desafio de verdade. Foi por isso que pedi a Weatherby para ficar também. Quero que os dois trabalhem juntos para desenvolver o plano. Assim, tenho certeza de que será um sucesso estrondoso.

— Isso é ótimo, J.L. — declarou Fallstone, entusiasmado como sempre. — Nós dois poderemos transformar a ideia em algo sólido e objetivo!

— Está certo, rapazes. Podem começar a trabalhar. Assim que tiverem

concluído o plano de execução, entreguem a Frank Baker para cuidar dos detalhes internos.

Os dois pararam na porta por um momento, para uma elaborada demonstração de cordialidade. Fallstone, bem mais alto, pôs a mão no ombro de Grafton, de uma maneira tão afetuosa que era impossível repeli-lo. E começou a arrastá-lo para fora da sala. Antes que eles saíssem, J.L. acrescentou:

“Ah, esperem um pouco. Acho que há uma coisa de que vocês dois precisam saber. Feche a porta um instante, Weatherby. Eldon Smith vai aposentar-se no fim do ano. Infelizmente, ele já não é mais o mesmo de antigamente. Muito bem, isso era tudo o que eu tinha a dizer.

A sala de Howard Grafton era ali perto e ele alcançou-a segundos antes de Weatherby Fallstone chegar ao cubículo dele, idêntico em tudo, no tamanho, na janela, nos móveis. Mas minha sala fica mais perto de J.L., pensou Grafton, um instante antes de recordar-se de que isso fora decidido no cara-ou-coroa, com muitos gracejos entre os dois. O vencedor chegara mesmo a oferecer ao perdedor a opção da escolha, “se isso significa tanto assim”.

Grafton ficou sentado por um momento, inteiramente imóvel. Sabia que, a alguns metros de distância, Fallstone estava sentado numa cadeira Mark II idêntica, giratória, modelo executivo, com estofamento de couro (imitação), pensando exatamente a mesma coisa. Era tudo tão claro e objetivo quanto qualquer outra coisa em J.L. Girton & Associados. Tinham sido avisados, da maneira mais direta a que se chegava na firma, que antes do final do ano, quando Eldon Smith se aposentasse, um deles seria o novo vice-presidente encarregado das relações com os clientes. Deveriam competir para conquistar o cargo, pois J.L. estava de olho em ambos e ainda não chegara a uma decisão. Grafton, baixo, gorducho, jovial, *versus* Fallstone, alto, magro, vibrador.

Naquela noite, ao chegar em casa, Grafton contou à esposa o que acontecera. Lenore Grafton era baixa, loura, curvilínea. Algum dia seria gorda demais, mas naquele momento estava no ponto, perfeitamente madura.

Era bem mais inteligente do que o marido, mas consumia uma boa parte dessa inteligência em não deixá-lo perceber o fato.

— Acho que seria bom se convidássemos J.L. e a esposa para jantar, o mais cedo possível, Howard. Com aquela mulher horrível, ele deve estar sonhando com um jantar decente.

— E com um rostinho bonito para contemplar — acrescentou Grafton, procurando falar com o máximo de naturalidade. Estava-se recordando da ocasião em que entrara na cozinha, durante a última festa que haviam oferecido, e vira J.L. e Lenore, ainda segurando o balde de gelo, encostados contra a pia. Os dois estavam ocupados demais para perceberem a presença dele. Grafton recuara silenciosamente e voltara um ou dois minutos depois, fazendo bastante barulho antes.

Lenore fitou-o em silêncio por um momento, como se estivesse recebendo um recado que não a agradava. Depois, ela foi até sua escrivaninha e pegou a agenda com capa de couro.

— Podemos marcar qualquer dia depois desta semana, Howard. Vou telefonar para a mulher dele.

Para J.L. Girton e Lenore, pelo menos, o jantar foi um grande sucesso. Lenore foi bastante discreta, mas conversou com ele tanto quanto com todos os demais convidados reunidos. Ela sentou-se no chão, como uma menina, ao pé da cadeira de J.L., rindo das anedotas que ele contava ou reagindo de acordo às histórias autobiográficas, com uma admiração patente e um interesse que a levou, mais de uma vez, a inclinar-se para a frente, como se desejasse ouvir melhor, expondo assim o melhor ângulo de seu decote. Mesmo quando não estava perto dele, Lenore sentava-se de tal forma que lhe permitisse a melhor visão de suas pernas admiráveis, espremidas num vestido aberto do lado.

— Mas que filho da puta! — disse Grafton outra vez.

Mas sabia que, apesar de tudo, a situação continuava num impasse. E quando, cerca de uma semana depois, J.L. retomou a sua rotina habitual no escritório, não mais se ausentando durante as tardes, Grafton teve certeza disso.

Ainda estavam no verão, mas o fim se aproximava rapidamente. Já fazia frio em algumas noites. Grafton contemplava sombriamente seu quinto martíni, sem querer olhar para a esposa, que estava num vestido, vermelho, decotado nas costas.

— Estou com frio, Howie. Quer-me pegar a estola... aquela italiana? Não estou querendo ficar resfriada.

— Não estou querendo ficar resfriada! — arremedou ele, a voz tremendo de raiva. — Por que não pensou nisso um mês atrás? Agora, pelo que me importo, você pode até pegar uma pneumonia!

Lenore fitou-o friamente, pensativa, como se estivesse examinando uma nova forma de vida. Mas não disse nada. Ele percebeu o sorriso quase imperceptível da esposa, quando ela virou-se e saiu da sala. Howard Grafton compreendeu nesse momento que a vice-presidência era não apenas algo que desejava desesperadamente, mas algo que teria de quistar de qualquer maneira, pois já não lhe restava outra coisa.

No dia seguinte, depois do trabalho, ele foi ao bar do Biltmore e começou a beber. Não foi para casa naquela noite, dormindo num hotel. Chegou atrasado no escritório na manhã seguinte e durante todo o dia sentiu a cabeça latejar horivelmente. Sentiu-se um pouco aliviado, mas não muito, ao perceber que Weatherby Fallstone estava também de ressaca.

Naquela noite, chegando em casa, Grafton trancou-se na biblioteca com uma garrafa de uísque e tentou pensar. Iria procurar Fallstone e poria tudo às claras. Disputariam o cargo no cara-ou-coroa e o perdedor pediria demissão da J.L. Girton & Associados. Essa não! — pensou ele. Não iria fazer qualquer acordo com aquele miserável desonesto! Contrataria detetives particulares e entregaria a J.L. um relatório secreto sobre Fallstone. Levou apenas 30 segundos para descartar-se da ideia: não tinha dinheiro; a reação de J.L. podia ser a de mandá-lo embora; os detetives de Fallstone, se o outro também os contratasse, poderiam fazer um serviço igualmente bom a seu respeito. Acalentou a possibilidade de contar as partes mais saborosas da intriga a um colunista. Mas quem diabo iria publicar? Ninguém jamais ouvira falar de nenhum dos dois. Também não podia matar Fallstone, pois não sabia

como é, além disso, não tinha coragem. Não sabia como contratar alguém para fazê-lo e tinha medo disso também. Quase ao final da garrafa, compreendeu que nada havia que pudesse fazer e só lhe restava esperar.

Grafton ficou ainda mais angustiado na reunião realizada na manhã de sexta-feira. Fallstone foi elogiado por J.L. não menos que três vezes, enquanto uma das ideias de Grafton era rejeitada, por não ter sido “devidamente pensada”. Além disso, J.L. censurou-o por falar demais, interromper Fallstone e finalmente por desatenção. De tarde, quando a secretária de J.L. chamou-o, Grafton sentiu as mãos começarem imediatamente a tremer, uma dor terrível no estômago. Mastigou rapidamente três tabletes antiácidos, antes de seguir para o gabinete de J.L.

“Howie, gostaria que levasse amanhã, para a festa lá em casa, aquele seu aparelho de transformar a água em soda, dentro do sifão. O mecanismo do meu sifão está quebrado e eles levam três dias para substituir.

“Claro, J.L.

Já não aguento mais, pensou Grafton, enquanto seguia para a casa de campo de J.L., na tarde seguinte. Lenore estava a seu lado, extremamente desejável num vestido verde de cetim, bastante decotado, que combinava com os olhos dela. Mas o aparelho do sifão estava no assento entre os dois, como uma espada desembainhada. Lenore olhava para a frente, fixamente. Quando ele falava, ela respondia polidamente, mas jamais dizia alguma coisa espontaneamente.

Estou com uma úlcera, pensou Grafton. Estou começando a beber demais, minha esposa me odeia e vou perder o emprego, pois terei de pedir demissão quando Fallstone for indicado para a vice-presidência. Não aguento mais. Tenho que fazer alguma coisa, qualquer coisa.

Não se sentiu mais animado ao descobrir que haviam chegado ao mesmo tempo que os Fallstones. Ele deu uma pancadinha no ombro de Fallstone e ficou espantado ao ver o tique nervoso no olho direito do colega. Logo atrás, as duas mulheres, depois de emitirem gritinhos de alegria, estavam depositando beijos estalados no ar, a uma fração de centímetro do rosto uma da outra. Grafton abraçou Mareia Fallstone, tomando cuidado para

não amarrotar o vestido dela. Ao encostar o rosto no dela, ficou surpreso ao constatar que Mareia estava muito quente, como se estivesse com febre. Os Fallstones seguiram na frente e Grafton percebeu que estavam-se tratando por demais polidamente... tão polidamente quanto eu e Lenore, pensou ele, com uma súbita esperança.

Foi só depois dos coquetéis e da comida ter sido servida, quando foi até o bar para servir-se de seu segundo uísque depois do jantar, que Grafton se apercebeu da presença do homenzinho jovial, com um incrível paletó axadrezado, camisa listrada e gravata destoante.

— É uma festa maravilhosa! — comentou o homenzinho. — Acho que eu devia sair de casa mais vezes. Conhece o Sr. Girton há muito tempo, Sr....?

— Grafton. Trabalho na firma de J.L., Sr....

— Dee. Dr. Dee, para ser mais exato. Isto é, doutor em letras, sagradas e profanas.

O homenzinho deixou escapar uma sucessão de guinchos estridentes, que devia ser uma risada, antes de repetir:

— Sagradas e profanas... É uma piadinha minha... por causa do meu negócio.

Grafton, em consequência, teve que concentrar uma boa parte de seus deveres de anfitrião na Sra. Girton, uma megera esquelética e desbotada. Em louvor à simpatia e habilidade dele, diga-se que conseguiu fazer a Sra. Girton chegar ao fim da noite sem perceber o comportamento ostensivo do marido.

Lenore não gostava de Nova York no verão. Dizia que o calor e as multidões a deixavam deprimida. Não havia qualquer novidade nos teatros, as ruas estavam ocupadas pelos turistas, as lojas se limitavam a liquidar os erros passados. Ela preferia jogar golfe ou tênis, ir à praia ou simplesmente ficar em casa, com o ar condicionado ligado ao máximo, lendo.

Por isso, Grafton ficou surpreso quando ela começou a ir a Nova York uma ou duas vezes por semana, ao longo de dois meses, durante um dos verões mais quentes da história da cidade. Lenore chegava em Nova York pouco antes de meio-dia e, conforme dizia a Grafton, ia ver as vitrinas,

depois almoçava e passava a tarde num museu, de vez em quando ia a um cinema. Às vezes, pegava um trem antes do dele. Outras vezes ficava em Nova York e jantavam juntos. Grafton não desejava muito saber o que ela andava fazendo por Nova York, por isso evitava cuidadosamente as perguntas. Não queria pensar a respeito, assim como também não queria pensar que J.L. ultimamente parecia estar almoçando com clientes mais do que o habitual e aparentemente decidira treinar seu golfe um pouco mais, ausentando-se várias tardes. Só uma vez Grafton abordou o problema, indiretamente, depois de vários drinques, antes do jantar, numa noite de sexta-feira.

— Estou um pouco preocupado com minha posição em relação a J.L. Quase que não o tenho visto ultimamente. Ele não para mais no escritório.

— Se eu fosse você, Howie, não ficaria tão preocupado. Acho que J.L. gosta muito de você. E mais do que isso: tenho a impressão de que vai escolhê-lo para o cargo.

Mas isso foi antes do jantar oferecido pelos Fallstones. Lenore não estava então na melhor de sua forma. O nariz estava vermelho e inchado, correndo de um resfriado de verão, a voz bastante rouca. Grafton passou a maior parte da noite sozinho com ela. Embora tivessem saído mais cedo, ele pôde observar as manobras de Mareia Fallstone para envolver J.L. Ela era alta e esguia, muito elegante, parecendo uma serpente... e J.L. era como um coelho sendo atraído inexoravelmente.

No carro, ao voltarem para casa, Grafton disse para si mesmo:

— Mas que filho da puta!

Durante as semanas seguintes, J.L. continuou a trabalhar muito pouco, ausentando-se constantemente do escritório. Mas Lenore não estava mais vindo a Nova York. Uma tarde, Grafton passou pela porta aberta da sala de Fallstone e ouviu-o dizer para Frank Baker:

— Vale a pena ver. Mareia e eu fomos ontem de noite. Ela anda muito entediada sozinha lá no campo e volta e meia vem a Nova York durante o dia. Assim, sempre passamos uma ou duas noites por semana aqui.

— E qual é o seu negócio – indagou Grafton. De alguma maneira, sem que ele sequer tivesse percebido, o Dr. Dee levava-o por uma porta lateral até o pátio grande que havia ao lado da piscina.

— Uma pequena loja de artigos religiosos... livros, imagens, ícones, tudo o que possa imaginar.

— E onde é que o profano entra nisso?

O Dr. Dee baixou a voz.

— Como sabe, Sr. Grafton, há muitos tipos de religiões. Quem somos nós para dizer qual é a certa? Se um cliente deseja uma raiz de mandrágora ou uma bolsinha para usar pendurada no pescoço, quem sou eu para negar-lhe? Ele pode consegui-la na sala dos fundos. Às vezes, o cliente acredita que posso ajudá-lo a conquistar a garota que deseja, com uma poção amorosa. Ou talvez ele queira destruir um inimigo. Não lhe digo que irá funcionar, pois a lei não me permite declarar tal coisa. Mas se ele deseja acreditar que irá funcionar, posso vender-lhe o que está procurando na sala dos fundos.

— E seus artigos são muito caros?

— Os livros religiosos? Não. Os preços até que são bastante razoáveis.

— Estava-me referindo aos outros artigos.

— Ahn... São, sim. Bem caros até. Mas também não exijo o pagamento por ocasião da venda. Só depois, quando o cliente estiver satisfeito com os resultados.

— E não tem problemas em receber?

— Bem poucos, Sr. Grafton. Se o cliente está satisfeito, então acredita em mim. E não vai querer fazer-me esperar pelo dinheiro.

— Como já deve saber, Dr. Dee, trabalho em publicidade. Estou interessado em algumas de suas ideias. De um ponto de vista profissional, é claro. Talvez nos possamos encontrar na próxima semana.

— Aqui está o meu cartão, Sr. Grafton. Estou aberto das nove horas da manhã às nove da noite. Só não irá encontrar-me na tarde da próxima segunda-feira. Tenho um encontro marcado com o meu sapateiro. – O

homenzinho fez uma pausa, sorrindo, antes de acrescentar: – É um transtorno terrível. Tenho uma pequena deformidade nos pés e meus sapatos têm de ser feitos sob medida. E pode estar certo de que não tem a menor ideia de quanto o homem cobra, Sr. Grafton. Seria muito melhor, se eu pudesse andar descalço.

Grafton olhou para os sapatos de Dee. Eram altos, pretos e lustrosos, muito pequenos. Havia algo estranho no formato. Grafton levou um segundo para perceber o que parecia errado: eram quase tão largos quanto compridos. Apesar disso, por mais distorcidos que parecessem, ainda assim davam a impressão de que tinham enchimento. Pobre diabo!, pensou Grafton. Deve ser horrível andar com uns pés assim, o que não o impede de estar constantemente sorrindo!

— Obrigado, Dr. Dee – disse Grafton, pegando o cartão. – Talvez eu o procure no final da próxima semana. Foi um prazer conhecê-lo.

— O prazer foi todo meu, Sr. Grafton.

Grafton não estava inteiramente sóbrio na hora de voltar para casa e Lenore é que teve de dirigir. Durante toda a viagem, Grafton ficou com a cabeça recostada no assento, sentindo-se tonto e estranhamente distante. Apesar de todos os drinques que tomara, teve um sono inquieto, não conseguindo separar os sonhos dos pensamentos. Em determinado momento, o Dr. Dee lhe estava entregando uma grande chave de ouro, enquanto Lenore e J.L. Girton aplaudiam; no momento seguinte, ele estava acordado, suando profusamente e verificando sua anêmica conta bancária. Ao diabo com tudo isso!, pensou ele. Ninguém pode fazer tal coisa. Mas também nada teria de pagar, a menos que desse certo. E talvez funcionasse mesmo. Afinal, já ouvira falar em tantas coisas estranhas! Nada tinha a perder, era apenas mais uma tentativa, depois de tantas outras. Se falhasse, nada lhe custaria; e se desse certo, valeria a pena tudo o que fosse cobrado. Grafton voltou a dormir. Mas na fração de segundo que antecedeu o sono, ele tomou uma decisão.

Durante toda a segunda-feira esteve ocupado demais com sucessivas reuniões. Mas na manhã de terça-feira pegou o metrô na Avenida Lexington e foi até a Terceira Avenida. A loja do Dr. Dee ficava no meio do quarteirão,

flanqueada por duas lojas de antiquários. A vitrina estava cheia de Bíblias, quadros religiosos, ícones, crucifixos. A um canto estava o letreiro, em letras góticas douradas: “Artigos religiosos, Dr. John Dee.”

Havia bastantes fregueses na loja, mas Grafton não teve de esperar muito para que um funcionário, que mais parecia um padre que largara a batina, se aproximasse e o cumprimentasse delicadamente.

— O Dr. Dee está? Ele pediu-me que viesse procurá-lo.

— Acompanhe-me, por favor, Sr. Grafton.

Grafton fitou-o com uma expressão desconfiada.

— Está estranhando eu tê-lo chamado pelo nome, Sr. Grafton? É fácil explicar. Bem poucos fregueses pedem para falar pessoalmente com o Dr. Dee. E ele avisou-me ontem de que um Sr. Grafton viria possivelmente procurá-lo.

A sala do Dr. Dee ficava no segundo andar, de frente para a rua. Grafton não sabia muito bem o que estava esperando, talvez um crocodilo empalhado na parede, esqueletos pendendo do teto, um chapéu cônico preto, com estrelas desenhadas. Mas a sala era bem parecida com a sua na firma, só que bem maior.

O Dr. Dee levantou-se rapidamente da cadeira, os olhos faiscando, e foi apertar a mão de Grafton, vigorosamente.

— Dee-liciado! – disse ele, soltando uma risadinha. – Dee-liciado! É uma pequena piadinha minha. Adoro um trocadilho. Mas agora, Sr. Grafton, vamos tratar de negócios. Sei que é um homem muito ocupado. Como um velho amigo meu, da Nova Inglaterra. Ele tinha um cartaz em cima de sua escrivaninha: TEMPO É DINHEIRO, DIGA LOGO O QUE ESTÁ QUERENDO. Mas eu, infelizmente, sou por demais prolixo. Mas sente-se, Sr. Grafton, sente-se...

Grafton sentou-se e disse, cautelosamente:

— Dr. Dee, suponhamos que haja dois homens disputando o mesmo cargo...

— É uma pena quando isso acontece! Há sempre ciúme, inveja, velhas

amizades chegam ao fim, insônia, úlceras, uma rivalidade acirrada. Eu daria tudo para evitar tais conflitos, Sr. Grafton. Mas, no meu negócio, já vi essas coisas acontecerem muitas vezes.

— Poderia dar um jeito... haveria um meio qualquer de impedir que um dos homens conseguisse conquistar a posição?

O Dr. Dee abriu a gaveta da escrivaninha e tirou um pequeno frasco, contendo um líquido transparente. Em vez de rolha, tinha um conta-gotas. Grafton ficou olhando para o frasco, horrorizado, e apressou-se em dizer:

— Não, não! Não é isso o que estou querendo. Não desejo ser tão drástico. Queria apenas algo que o tirasse do páreo. Algo que o levasse a dizer besteiras e bancar o tolo numa reunião, por exemplo. Algo que o fizesse cortar a própria garganta... — Ele fez uma breve pausa e acrescentou rapidamente: — ...de um modo figurado, é claro...

— Ou seja, está querendo algo que impeça Weatherby Fallstone de conquistar a vice-presidência, quando Eldon Smith se aposentar. Não fique tão surpreso assim, Sr. Grafton. Sempre achei que é melhor pôr as cartas na mesa imediatamente.

— Como sabe que é Fallstone? — indagou Grafton, desconfiado.

— Meu caro Sr. Grafton, não se esqueça de que estivemos juntos na mesma festa. E circulei de um lado para outro, ouvi muitas coisas, prestei atenção a tudo.

Grafton achou aquilo estranho e perturbador, mas fez a pergunta seguinte, inevitável, porque não tinha mais alternativa.

— Pode fazê-lo?

— Posso, sim, Sr. Grafton. Será até bem fácil. Para dizer a verdade, até já tenho pronto o meio de consegui-lo.

O Dr. Dee abriu outra gaveta e tirou um pequeno boneco. Entregou-o a Grafton. Era de plástico, parecendo-se extraordinariamente com carne. Por um instante terrível, Grafton teve a sensação de sentir o boneco se mexer. Virou-o e olhou para a cara. Foi então que ficou aturdido. Era uma réplica perfeita de Weatherby Fallstone, inclusive com o terno cinza típico, a gravata

listrada.

— Não fique alarmado, Sr. Grafton. Imaginei que era isso o que estava querendo e por isso tomei a liberdade de preparar tudo antes mesmo que me procurasse. Esse plástico moderno é realmente fascinante.

— E o que faço com isto?

— Basta pegar um alfinete comum, do tipo que vem nas camisas novas de hoje em dia, e aplicá-lo no local que mais lhe parecer conveniente. Se espetar o ombro, por exemplo, irá provocar uma súbita e angustiante bursite, arrancando um uivo de dor. Se espetar a barriga, provocará um violento ataque de úlcera. Abra a boca do boneco, Sr. Grafton... vamos, é fácil, pois as mandíbulas são móveis. Espete a garganta e ele irá vomitar subitamente em público... uma cena das mais degradantes. Arranhe a língua... Está vendo essa coisinha vermelha? Será o bastante para fazer com que ele comece a balbuciar incoerentemente em público. Não será nada agradável para ele, se ocorrer no momento em que estiver fazendo uma apresentação a um cliente. Ou talvez prefira passar o alfinete nas costelas. Ele será dominado por um riso incontrolável, como uma mocinha histérica. Tenho certeza de que isso fará com que ele perca toda a possibilidade de ganhar a promoção.

— Há algum jeito particular de fazer tudo isso?

— De leve, Sr. Grafton, bem de leve. Devagar se vai ao longe. Uma pressão ligeira, mas contínua. Se quiser esfregar a cabeça do alfinete, poderá fazê-lo por quanto tempo desejar. Mas não espete o alfinete no boneco e o deixe cravado, pois neste caso terá um homem morto em suas mãos. E, se bem me recordo, é um homem sensível, que não gosta dessas coisas...

— Fico com ele — disse Grafton, querendo apenas sair dali, o mais depressa possível. — Quanto custa?

— Mil dólares, depois que estiver satisfeito com os resultados.

— Garante que isso irá tirar Fallstone do páreo?

— Garanto, Sr. Grafton, embora tal afirmativa talvez seja ilegal.

Grafton guardou o pequeno boneco na caixa de madeira forrada de veludo (como um caixão, pensou ele) que o Dr. Dee providenciou, metendo-a

em seguida em sua valise.

— Minha conta deverá ser paga assim que estiver satisfeito com os resultados, Sr. Grafton.

— Não se preocupe — disse Grafton, sentindo uma estranha náusea invadi-lo. — Não se preocupe que pagarei tudo.

Sexta-feira era o dia da reunião semanal dos executivos da agência. Naquela manhã, Grafton decidiu ter um forte resfriado. Pediu a Lenore, que continuava quase sem falar com ele, que telefonasse para o escritório. Ajeitou-se na cama e ficou esperando que chegasse 11 horas. Às 10:30, Lenore entrou no quarto com uma bandeja. Pela primeira vez, em semanas, os olhos dela não estavam reservados e hostis, a expressão não era distante. Ela pôs a bandeja na mesinha de cabeceira, depois inclinou-se e beijou-o.

— Obrigado, meu bem — disse Grafton. — Obrigado pelas duas coisas...

— Está tudo bem agora, Howie. Não se preocupe mais com isso. Não vale a pena. Talvez nunca tenha valido.

— Não vou mais me preocupar. Ou eu consigo ou não consigo.

Lenore beijou-o novamente.

— Vou fazer compras. Posso deixá-lo sozinho sem me preocupar?

— Claro. Já me estou sentindo melhor. Posso até descer para a biblioteca e ler um pouco.

Assim que ouviu o carro se afastar, Grafton telefonou para o escritório e pediu para falar com Weatherby Fallstone.

— Weatherby, estou muito resfriado.

— Lamento saber disso, meu caro. Precisa cuidar direito de sua saúde.

— Você vai comparecer à reunião?

— Claro. Tenho algumas ideias novas que estou querendo apresentar.

— Já devo estar em condições de voltar ao trabalho na próxima segunda-feira. Você poderia tomar algumas anotações e me informar de tudo o que foi tratado na reunião?

— Será um prazer, meu caro.

Grafton desligou, comeu rapidamente o que Lenore levava na bandeja e desceu para seu gabinete. Sentou-se à mesa, com o pequeno boneco numa das mãos e um alfinete na outra. Sobre a mesa, havia alguns alfinetes extras. Telefonou novamente para Fallstone.

— O Sr. Fallstone está numa reunião – disse a secretária. – Quer deixar recado?

— Pode deixar. Telefonarei mais tarde.

Ficou esperando 15 minutos, dando tempo para que a reunião esquentasse. Só depois é que começou. A primeira coisa foi uma dor de cabeça. Não é dessas dores de cabeça terríveis, que fazem a gente gritar, pensou ele, esfregando o alfinete sobre a testa do boneco, como se fosse uma pena, mas apenas uma dor de cabeça resultante de ressaca. Deixou passar 10 minutos, antes de abrir a boca do boneco e começar a brincar com a língua. Em seguida, coçou as costelas por algum tempo e aumentou a pressão ao coçar a garganta. Ao final, teve uma ideia própria e colocou um lenço dobrado sobre os olhos do boneco, durante cinco minutos. Tomou a guardar o boneco na caixa e a caixa na valise. Quando Lenore voltou, ele estava tranquilamente lendo o *Times*, de Nova York.

Na segunda-feira, chegou mais cedo ao escritório. Sua secretária já estava lá, para lhe dar a notícia.

— Foi horrível, Sr. Grafton. O Sr. Fallstone teve um ataque estranho em plena reunião. Pôs a cabeça entre as mãos, gemendo, depois começou a balbuciar, dizer coisas incoerentes. Teve então um acesso de riso e não conseguia mais parar. E depois... – Ela fez uma breve pausa. Baixou a voz ao voltar a falar: – ...ele vomitou em cima da mesa do Sr. Girton! Quando o tiraram da sala, ele gritou que estava cego e levaram-no para o hospital.

— Mas que coisa terrível! Como está ele agora?

— Ouvi dizer que está passando bem, mas continua internado.

Grafton estava lendo o *Times*, devagar e com prazer, quando a campainha tocou. Estava sendo chamado à sala de J.L. No caminho, deu uma

olhada na sala de Fallstone. Não havia o menor sinal de vida. O único indício de que alguém já ocupara aquela sala eram uns poucos pertences pessoais – vidros de pílulas, um guarda-chuva, alguns livros – empilhados em cima da mesa.

— Creio que já sabe do que aconteceu – disse J.L., acenando-lhe para que sentasse.

— Foi terrível!

— Não consigo compreender. Ele parecia tão racional e controlado! Deve ter sido a bebida. Pobre coitado! Mas não podemos ficar lamentando. Howard, quero que você comece a trabalhar junto com Eldon. Ele se estará aposentando dentro de dois meses e haverá muitos problemas por resolver que você terá de assumir.

— Agradeço sua confiança, J.L. Sabe que pode contar comigo para qualquer coisa. – Ele fez uma pausa, antes de acrescentar, gravemente: – É uma pena que tenha acontecido assim...

— Não diga bobagens, Howard. Não foi culpa sua. E agora vá começar a se preparar para suas novas funções.

O cheque que Grafton enviou para o Dr. Dee naquela tarde era superior ao que ele possuía em sua conta corrente. Para cobri-lo, teve de vender um título de crédito. O banco já estava fechando quando ele concluiu a operação, mas conseguiu fazer com que visassem o cheque. Alguns cheques seus já haviam sido devolvidos antes, mas não queria que aquele fosse, também, com a informação de “Insuficiência de fundos”. Mandou o cheque registrado, entrega especial.

Nas semanas seguintes, Grafton soube que Fallstone tivera alta do hospital, recebera um polpudo cheque de indenização, andava percorrendo as agências em busca de um novo emprego e fora visto num bar, embriagado. Não demorou muito para que Grafton não mais se preocupasse com isso. Andava ocupado demais.

Estava sozinho em sua sala, trabalhando num cliente em perspectiva, que o velho Eldon Smith abandonara quase que por completo, quando sentiu a dor. Era como uma espada sendo enfiada em sua barriga. Ele dobrou-se ao meio, caindo no chão. Houve um momento de trégua e depois a dor se repetiu. Foi só então que Grafton recordou-se de que todos os executivos de J.L. Girton & Associados tinham estado na festa e que o Dr. Dee certamente conversara com outras pessoas, não apenas com ele. Sentiu outro instante de alívio, enquanto sua mente registrava a imagem do Dr. Dee e Fallstone a conversarem. A dor logo voltou.

Ele estava gemendo, contorcendo-se no chão, quando o vigia noturno encontrou-o, uma hora depois. Já estava morto quando a ambulância chegou ao hospital.

— Não consigo compreender — disse J.L. Girton a Frank Baker. — Ele gozava de uma saúde perfeita. Tinha tudo por que viver. Uma coisa horrível! Agora, Frank, você é quem vai ter de assumir.

— Pode estar certo de que farei o melhor possível, senhor — disse Frank Baker, com aquela sua modéstia juvenil, marca registrada na profissão. — Sr. Girton...

— J.L.

— J.L., gostaria de que me dispensasse por uma hora, para ir contar a Betty. Significa muito para ela. Vice-presidente...

— Claro, meu garoto, claro! Pode ir. E não se esqueça de apresentar meus respeitos a sua linda esposa.

Antes de ir para seu apartamento, o jovem Frank Baker passou na loja do Dr. Dee.

— Trouxe o dinheiro do pagamento. Acabo de ser escolhido para a vice-presidência.

— Isso é ótimo, meu rapaz. Eu tinha o forte pressentimento de que seria o escolhido. Simpatizei com você no momento mesmo em que nos conhecemos.

— Poderia dizer-me... se for possível... como foi que conseguiu?

“Não tive que fazer muita coisa.

“Apenas fez com que eu me tornasse vice-presidente e está acabado. Usando tão-somente a força mental, desejando que eu conquistasse o cargo...

O Dr. Dee abriu uma gaveta e tirou um pequeno boneco.

“Está lembrado de como isso funciona?

“Claro. Explicou-me tudo.

“Bem, Grafton e Fallstone tinham bonecos iguais a este... um do outro. Eles se eliminaram mutuamente.

“Dr. Dee, está querendo dizer que falou a ambos que obteriam o cargo e depois providenciou para que o lugar fosse meu? Não acha que isso não é lá muito ético?

“Não foi nada disso, meu rapaz. Eu apenas garanti a ambos que o outro não conseguiria conquistar o cargo. Foi apenas isso o que eles me pediram e cumpri a palavra. – O Dr. Dee tornou a guardar o boneco na gaveta. – Você, por outro lado, pediu-me especificamente que lhe conseguisse o cargo.

Ele fez uma pausa, sorrindo jovialmente.

E agora acaba de conseguir.

Eu o reconheceria em qualquer lugar, general

16 de novembro de 1942

Do alto da duna, não havia nada que se pudesse avistar em qualquer direção, a não ser a paisagem absolutamente igual do deserto africano. Contrell limpou a areia molhada de suor que tinha no rosto e fez sinal aos outros para avançarem. O tanque, um monstro doente e triste, querendo simplesmente ser deixado para trás a fim de poder morrer em paz, estremeceu lentamente e avançou, levantando uma nuvem de areia em sua esteira.

— Está vendo alguma coisa? — indagou Grove, aproximando-se por trás dele.

— Nada. Nem alemães, nem italianos, nem mesmo árabes.

Willy Grove tirou a carabina do ombro.

— Eles já deveriam estar aqui. Nossos aviões localizaram-nos vindo nesta direção.

Contrell grunhiu.

— Com a velha Bertha no estado em que está, seria muito melhor que não os encontrássemos. Seis homens e um tanque avariado contra a nata do Afrika Korps de Rommel!

— Mas lembre-se de que eles estão batendo em retirada e nós não. É bem possível que prefiram render-se.

— Claro, claro — concordou Contrell, sem muita convicção.

Ele conhecia Willy Grove, cujo nome inteiro era impossível de guardar

direito, algo na base de Willoughby McSwing Grove, há apenas um mês, desde que haviam sido destacados para a mesma unidade, pouco antes da invasão da África do Norte. Sua primeira impressão fora a de um homem como ele próprio, recrutado aos vinte e poucos anos para uma guerra impossível, que ameaçava envolver a todos em sangue e chamas. Mas, à medida que as semanas foram-se passando, outro Willy Grove emergira gradativamente, o que estava agora parado ao lado dele, esquadrinhando atentamente as dunas vazias que se espalhavam a perder de vista.

— Mas que diabo! Onde será que eles se meteram?

— Fala como se estivesse pronto para uma batalha. Se eu os visse aproximando-se, tenho a impressão de que correria na direção oposta. — Contrell tirou do bolso o que restava do maço de cigarros, agora quase vazio. — Uma duna na fronteira da Tunísia não é o local mais apropriado para uma dupla de cabos.

Grove acocorou-se, encostando a carabina nos joelhos.

— Tem toda razão... pelo menos na parte referente aos cabos. Sabe, andei pensando muito nas últimas semanas... e se eu voltar aos Estados Unidos inteiro, vou ingressar na escola de oficiais.

— Vai descobrir um verdadeiro lar.

— Vamos, pode rir à vontade. Há coisas piores que um homem pode fazer para ganhar a vida.

— Claro. Ele pode, por exemplo, assaltar bancos. Que diabo fazem os oficiais do Exército quando não há nenhuma guerra em andamento?

Willy Grove pensou um pouco.

— Não se preocupe com isso. Vamos ter guerras por muito e muito tempo, talvez pelo resto de nossas vidas.

— Acha que Hitler vai durar tanto tempo assim?

— Hitler, Stalin, os japoneses... Sempre haverá alguém com quem se fazer uma guerra. Não se preocupe com isso.

Contrell deu outra tragada no cigarro e depois empertigou-se

subitamente. Havia algo se movendo no alto de uma duna, algo...

“Olhe!

Grove focalizou o binóculo.

“São eles! Todo o nojento Exército alemão!

Contrell largou o cigarro e desceu a duna para comunicar aos outros. O oficial no comando era um pálido capitão, que guiava o tanque como se fosse sua tumba. Ele ficou olhando para baixo enquanto Contrell falava e depois deu uma ordem ríspida:

“Vamos levar Bertha até o alto da duna e deixar que eles nos vejam. Podem pensar que temos muitos outros tanques mais atrás e se render imediatamente.

“Certo, senhor. – Mas eles podem também, pensou Contrell, começar a atirar e mandar a todos nós para o inferno.

Quando o monstro de aço avariado finalmente ocupou sua posição, o primeiro dos três tanques alemães já estava ao alcance dos tiros. A alguma distância, Contrell ficou observando os imensos canhões apontarem um para o outro, dois gigantes inúteis, capazes apenas de destruir. Como seria o mundo se os canhões também tivessem a capacidade de reconstruir? Mas Contrell não teve muito tempo para pensar nisso ou em qualquer outra coisa, pois o canhão alemão recuou subitamente e disparou. A explosão soou um instante depois. Havia uma nuvem densa de fumaça e areia, à esquerda do lugar em que ele estava abrigado com Grove.

“Acertou à esquerda! – gritou Grove. – Eles já acertaram a mira!

Bertha retribuiu o tiro, quase atingindo o tanque mais próximo. Mas todas as chances estavam contra o velho tanque. O segundo disparo alemão atingiu a lagarta da esquerda, o terceiro acertou na torre. Bertha estava liquidada. Alguém lá dentro gritou. Contrell teve a impressão de reconhecer a voz do capitão.

Grove estava estendido sobre a areia, a uns três ou quatro metros dele. Arquejando por causa do cheiro de carne queimada, ele disse:

“Esses malditos tanques não passam de túmulos de ferro!

Contrell fez menção de levantar-se.

— Alguém saiu lá de dentro?

— Ninguém. Fique abaixado! Eles estão vindo para cá.

— Santo Deus! — exclamou Contrell, seus lábios se mexendo numa prece. — O que vamos fazer?

— Apenas não se mexa. Encontrarei um jeito de escaparmos.

Dois tanques inimigos permaneceram a distância, enquanto o terceiro se aproximava lentamente. Dois soldados alemães iam do lado de fora, atrás. Saltaram para a areia e saíram correndo na frente do tanque. Um deles levava um rifle; o outro, uma arma que Contrell teve a impressão de que era uma submetralhadora. Ele contraiu o corpo, à espera dos tiros, o rosto enterrado na areia.

O comandante do tanque alemão apareceu na torre e gritou alguma coisa. O soldado com a submetralhadora virou-se... e subitamente Willy Grove estava de pé, a carabina matraqueando como uma metralhadora, atingindo o soldado alemão pelas costas. Com a mão esquerda, Grove atirou uma granada no tanque e uma fração de segundo depois concentrava-se no outro soldado alemão, liquidando-o antes mesmo que o inimigo tivesse tempo de levantar o rifle.

A granada explodiu perto o bastante para deixar fora de combate o comandante do tanque. Contrell entrou em ação rapidamente, correndo na direção do tanque alemão, semiagachado, percebendo que Grove estava logo atrás.

— Liquidei os dois — gritou Willy. — Fique abaixado!

Ele subiu no tanque, arrancou o oficial agonizante da torre e disparou uma rajada com a carabina para o interior do tanque. Um instante depois, Grove estava manejando a metralhadora calibre 50 do tanque.

— Espere um instante! — gritou Contrell. — Estão-se rendendo!

E estavam mesmo. Os tripulantes dos dois tanques estavam saindo e avançando pela areia, de braços levantados.

— Acho que eles já se cansaram da guerra — comentou Grove, apontando a metralhadora na direção dos alemães.

— E não estamos todos nós cansados?

Grove esperou até que os oito alemães estivessem a menos de 30 metros de distância, antes de apertar o gatilho. Os alemães ficaram aturdidos, tentaram virar-se e correr, mas foram mortos antes de terem tempo para fazer qualquer coisa.

— Mas por que diabo fez isso? — gritou Contrell, subindo para o lado de Grove. — Estavam-se rendendo!

— Talvez sim, talvez não. Eles podiam estar com granadas escondidas na mão ou algo parecido. Não nos podemos arriscar.

— Você ficou maluco ou algo assim, Grove?

— Estou vivo, e isso é a única coisa importante. — Grove pulou para a areia, num movimento ágil e tranquilo. — Se contarmos a história certa, garoto, vamos ambos terminar com medalhas.

— Você os matou!

— E para isso que entramos na guerra — disse Grove, tristemente. — Você mata os outros e ganha medalhas por isso.

30 de novembro de 1950

A Coreia era uma terra de montanhas e desfiladeiros, de penhascos e abismos, um país difícil para a agricultura e impossível para a guerra. Ao ver a paisagem pela primeira vez, o Capitão Contrell fora invadido por uma mistura de resignação e desespero, imaginando a facilidade com que toda uma companhia dos seus homens poderia ser totalmente eliminada, sem a menor chance, por tropas mais familiarizadas com o terreno.

Agora, com novembro chegando ao fim, as vitórias fáceis do outono se transformando nas amargas derrotas do inverno, Contrell tinha bons motivos para se recordar dessas primeiras impressões. Os chineses haviam entrado na

guerra, e, pelos relatórios que chegavam a todo instante de todas as partes do Vale do Chongchon, os efetivos deles podiam ser contados não em milhares, mas em centenas de milhares. A palavra estava na mente de todos, embora ninguém se atrevesse a pronunciá-la: “retirada”.

“Eles vão acabar empurrando-nos até o mar, Capitão – disse um dos sargentos a Contrell.

“Já chega de conversa. Reúna os homens, pois talvez tenhamos de mudar de posição de uma hora para outra. Verifique a Colina 314.

As colinas eram tão numerosas e anônimas que haviam sido numeradas, de acordo com a altura. Eram apenas lugares para se morrer e uma parecia exatamente igual a outra.

Alguns tanques, enlameados e cobertos por uma camada de gelo, rodavam lentamente pela neblina da manhã, voltando. Contrell foi postar-se na frente do primeiro veículo e fez sinal para que parasse. Viu que era um Boffers com dois canhões de 40mm, uma arma antiaérea móvel, que estava sendo utilizada em apoio da infantaria, com todo sucesso. A distância, em meio à neblina, pareciam tanques. E para todos os efeitos práticos, equivaliam a tanques.

“Mas qual é o problema, Capitão? – gritou-lhe alguém do tanque. O oficial saltou do veículo, e Contrell recordou-se subitamente de uma cena que ocorrera no deserto, oito anos antes.

“Willy Grove! Essa não!

Grove piscou rapidamente, dando a impressão de que estava focalizando. Contrell viu, pelas insígnias na gola, que ele agora era major.

“Contrell, não é mesmo? É um prazer vê-lo novamente.

“É uma longa distância da África até aqui, Willy.

“E muito mais frio, temos de reconhecer. Pensei que tivesse largado o Exército, depois da guerra.

“E larguei mesmo, durante três semanas. Não pude aguentar mais do que isso. Acho que a vida no Exército acaba se entranhando na gente, depois de algum tempo. Como está a situação lá na frente?

A expressão de Grove ficou subitamente sombria.

— Acha que, se estivesse boa, estaríamos seguindo por esta direção?

— Vai voltar pelo desfiladeiro?

— É o único caminho que ainda está aberto. E ouvi dizer que os chineses estão prestes a fechá-lo.

— Podemos seguir em cima dos seus veículos?

Grove soltou uma risadinha.

— Claro. Podem pegar as granadas e jogá-las de volta. — Ele apalpou o 45 que tinha no lado como se fosse uma carteira e acrescentou: — Subam logo!

Contrell deu uma ordem a seu sargento e esperou até que a maioria dos homens estivesse acomodada nos veículos. Só depois é que subiu no “tanque” do Major Grove. A distância, já podiam ouvir as cornetas chinesas tocando freneticamente, a anunciarem mais um avanço.

— A armadilha está-se fechando — comentou Contrell.

— É como eu lhe disse há muitos anos — assentiu Grove. — A guerra nunca para. Mas confesso que eu não imaginava que íamos enfrentar os chineses.

— Não gosta de lutar contra os chineses?

O major deu de ombros.

— Não faz a menor diferença. Eles morrem igualzinho a todos os outros. Mais fácil até, quando estão com a cabeça cheia daquele negócio que costumam fumar.

A coluna entrou no desfiladeiro, a única passagem para o sul que ainda estava aberta. No mesmo instante, perceberam que as colinas ao redor e o mato dos dois lados estavam repletos de inimigos à espera. Contrell olhou para trás e viu seu sargento cair na estrada, cortado ao meio por uma rajada de metralhadora. À frente deles, um caminhão cheio de soldados tinha parado no meio da estrada, em chamas. Grove ergueu-se para ver melhor.

— Podemos passar pelo lado? — indagou Contrell.

— Vamos contorná-los ou passar bem pelo meio deles, se for necessário.

— Eles são sul-coreanos.

Os que ainda estavam vivos, e em condições de correr, estavam-se afastando do caminhão em chamas e correndo na direção do veículo de Grove.

— Saiam daqui! — gritou Grove. — Recuem! — Ele inclinou-se e empurrou um dos sul-coreanos, jogando-o na estrada. Quando outro subiu também no veículo, Grove tirou o 45 e acertou um tiro em sua cabeça.

Contrell ficou observando, aturdido, como se estivesse revendo um filme antigo, depois de anos de esquecimento. Já vi tudo isso antes, pensou ele, recordando ao mesmo tempo as medalhas que ambos haviam recebido, depois do episódio na África do Norte. Homens como Grove jamais mudavam... ou pelo menos não para melhor.

— Eles são sul-coreanos, Willy — disse Contrell baixinho, a boca quase encostada no ouvido do major.

— E daí? Que diferença isso faz? Eles estão pensando que isto aqui é um ônibus?

Nada mais foi dito, até eles estarem rodando para o sul em meio a todo o Exército americano batendo em retirada. Contrell se perguntou onde a retirada iria parar. No mar, em Tóquio... ou na Califórnia?

Os dois aproveitaram um descanso para fumar um cigarro e Contrell comentou:

— Não precisava ter matado aquele sul-coreano, Willy.

— Não? E o que acha que eu devia fazer? Deixar que todos eles embarcassem e acabassem por nos matar também? Pode denunciar-me, se quiser. Conheço perfeitamente a lei militar. E conheço também a minha lei moral. Era como um bote salva-vidas que estava cheio demais.

— Acho que você simplesmente gosta de matar.

— E qual o soldado que não gosta?

“Eu.

“Essa não! Então por que resolveu fazer carreira militar? Para se divertir?

“Achei que poderia fazer alguma coisa para manter o mundo em paz.

“A única maneira de manter o mundo em paz é matar todos aqueles que estão querendo criar encrencas.

“Como era o caso daquele sul-coreano?

“Exatamente. Naquele momento, era isso o que ele estava fazendo.

“Mas você gostou, Willy. Pude sentir, por sua expressão. Foi como se aquela história da África do Norte estivesse acontecendo novamente.

O Major Grove virou-se, evitando o olhar de Contrell.

“Recebi uma medalha pelo que aconteceu na África do Norte, companheiro. Foi isso que me ajudou a chegar rapidamente a major.

Contrell assentiu, tristemente.

“Eles dão medalhas para quem mata os outros. E muitas vezes não querem saber dos detalhes.

Alguém gritou uma ordem e Grove apagou o cigarro.

“Ora, garoto, não pense mais nisso. Vamos indo. A marcha vai recomeçar.

Contrell assentiu e seguiu-o. Em determinado momento, uma única vez, ele olhou pra trás...

24 de agosto de 1961

O Major Contrell estava em Berlim há apenas três horas quando ouviu falar no nome de Willy Grove, numa conversa de bar, no Clube dos Oficiais. Quem estava falando era um capitão, ligeiramente embriagado, que gostava de dar a impressão de que estava defendendo Berlim dos russos sozinho, desde o término da guerra. Ao se referir a Grove, havia um tom de respeito na voz dele:

— Grove... Coronel Willoughby McSwing Grove! Dizem que ele será promovido a general antes do ano terminar. Ah, se pudesse ver a maneira como ele enfrentou aqueles russos na semana passada!

— Já me tinham falado que ele estava em Berlim – disse Contrell, em tom neutro. – Eu o conheço dos velhos tempos.

— Coreia?

Contrell assentiu.

— E África do Norte também, há quase 20 anos. Quando éramos todos muito mais jovens.

— Eu não sabia que ele tinha lutado na II Guerra Mundial.

— Isso foi antes de nos tornarmos oficiais.

O capitão grunhiu.

— É difícil imaginar o velho Grove antes de ser um oficial. Deveria tê-lo visto na semana passada. Ele ficou olhando para aquele maldito muro e de repente começou a caminhar para lá. Tinha um oficial russo ali e os dois ficaram parados, olhando um para o outro, separados por poucos passos, como se desafiassem um ao outro a fazer qualquer movimento. O russo não demorou muito a virar as costas e afastar-se. E quase que o velho Grove sacou o 45. Pensamos que ele ia estourar os miolos daquele comuna. E se o fizesse, nós todos estaríamos do lado dele. Afinal, depois de passar algum tempo nessa gangorra, a tensão aumentando bruscamente, depois diminuindo, a gente fica querendo que apareça alguém como o Coronel Grove para puxar o gatilho ou apertar o botão e resolver a coisa logo de uma vez, para voltarmos ao trabalho.

— Que trabalho? O de matar?

— E o que mais existe, para um soldado?

Contrell terminou o drinque, sem responder. Ao final, perguntou ao capitão:

— Onde está Grove agora? Ele já se casou?

— Se se casou, não há o menor vestígio de uma esposa. Ele vive no

quartel-general das nossas tropas em Berlim, lá na base aérea.

— Obrigado — Contrell pôs uma amarrotada em cima do bar e acrescentou: — Os drinques ficam por minha conta. Gostei muito da conversa.

Ele foi encontrar Grove depois de mais de uma hora de busca, não nos alojamentos dele, mas no escritório que dava para a rua principal de Berlim Ocidental. Os cabelos estavam um pouco mais brancos, os gestos eram um pouco mais bruscos, mas continuava a ser o mesmo Willy Grove, agora um homem de quarenta e poucos anos, um soldado acima de tudo.

— Contrell! Seja bem-vindo a Berlim! Ouvi dizer que tinha sido destacado para servir aqui.

Apertaram-se as mãos, como velhos amigos. Contrell disse:

— Pelo que eu soube, você está controlando perfeitamente a situação aqui em Berlim.

— Eu estava mesmo, até que eles começaram a construir aquele maldito muro, na semana passada. Quase que dei um tiro num oficial russo por causa disso.

— Já me contaram. Por que não atirou?

O coronel sorriu.

— Já me conhece bastante e não vai contentar-se com mentira, Major. Afinal, passamos por algumas coisas juntos. Você sempre disse que tenho uma fraqueza por matar.

— Fraqueza não é exatamente a palavra.

— Está bem, está bem... O nome não faz a menor diferença. Você pode imaginar, provavelmente melhor do que qualquer outra pessoa, quais eram os meus sentimentos naquele momento. Mas consegui controlar-me. Estão prestes a me promoverem a general, e por isso tenho me mostrado cauteloso ultimamente. Não posso provocar nenhuma controvérsia.

— E eu ainda sou major. Acho que não sei fazer as coisas direito.

— O problema é que você não tem o instinto assassino, Contrell. Nunca teve.

O Major Contrell acendeu um cigarro, cuidadosamente.

— Não creio que um soldado precise ter atualmente o instinto assassino, Willy. Mas não adianta conversar. Há quase 20 anos que estamos debatendo esse problema, toda vez que nos encontramos.

— Tem toda razão — disse Willy Grove, sorrindo. — Lamento não ter ninguém para matar, em sua homenagem, neste momento.

— O que você teria feito na vida civil, Willy?

— Não sei. Eis aí algo que nunca pensei.

— Há cem anos, você provavelmente teria sido um pistoleiro do Oeste. Há 40 anos, teria sido um gangster de Chicago, sempre com uma metralhadora nas mãos. Agora, só lhe resta mesmo o Exército.

O sorriso de Grove ficou tenso, mas não desapareceu. Ele saiu de detrás da escrivaninha e foi até a janela, contemplando a rua movimentada.

— Talvez você tenha razão, Contrell, não sei direito. Mas sei que já matei 52 homens ao longo da minha vida, o que constitui uma média muito boa. A maioria fitei nos olhos, antes de disparar. Alguns outros alvejei pelas costas, como quase fiz com aquele russo na semana passada.

— Poderia ter desencadeado uma guerra.

— É possível. Talvez algum dia eu ainda venha a fazê-lo. Se eu tivesse o poder para... — Grove deixou a frase inacabada, deliberadamente.

— Graças a Deus que nem todos são como você.

— Mas há muita gente como eu. E eles sabem que Exército significa guerra e guerra significa morte. Não pode escapar a isso, por mais que tente.

Contrell ficou olhando para o coronel de cabelos brancos e recordou-se do capitão com quem conversara no bar, de tarde. Talvez eles estivessem certos. Talvez fosse ele próprio quem estivesse errado. Será que desperdiçara toda a sua vida perseguindo um sonho impossível de um exército sem guerra e sem matança?

— Ainda prefiro encarar as coisas a minha maneira, Willy.

— Boa sorte, Major.

Uma semana depois, Contrell soube que um guarda russo fora morto no muro, durante um tiroteio com a polícia de Berlim Ocidental. Houve quem dissesse que um oficial americano disparara pessoalmente o tiro fatal, mas Contrell jamais conseguiu confirmar tal rumor.

5 de abril de 1969

Foi no dia anterior à Páscoa, em Washington, uma cidade expectante, ao sol quente da primavera. Os corredores do Pentágono estavam mais desertos do que o normal para um sábado. Somente em um escritório, no lado oeste, é que havia alguma atividade. O General Willoughby McSwing Grove, recentemente nomeado para chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, estava-se mudando para as suas novas instalações.

O Coronel Contrell encontrou-o inclinado sobre a gaveta aberta da escrivaninha, guardando o que estava dentro de uma valise bem estofada. Ele levantou a cabeça, um pouco surpreso com o visitante de sábado.

— Hum... Contrell, não é mesmo? Há anos que não o vejo. Já é coronel, hem? Está subindo...

— Não tão depressa quanto você, General.

Grove sorriu, aceitando o comentário como uma espécie de congratulação.

— Estou no alto agora. Um bom lugar para um homem da minha idade. Os cabelos já estão inteiramente brancos, mas estou-me sentindo muito bem. Ainda pareço o mesmo, Coronel?

— Eu o reconheceria em qualquer lugar, General.

— Há muita coisa a ser feita. Muita coisa mesmo. Esperei e trabalhei durante toda a minha vida para chegar onde estou. E o nosso novo Presidente prometeu-me carta branca para lidar com a situação internacional.

— Era o que eu imaginava. Já tem algum plano?

— Fiz planos para este momento durante toda a minha vida. — Grove

virou-se bruscamente na cadeira giratória e contemplou a cidade distante. – Vou mostrar a eles para que serve um exército.

O Coronel Contrell limpou a garganta, antes de dizer:

“Sabe, Willy, levou a maior parte das nossas vidas, mas você finalmente convenceu-me de que matar pode, às vezes, ser necessário.

“Fico satisfeito em saber que você chegou a essa... – O General Grove começou a virar-se e Contrell alvejou-o na têmpora esquerda.

Contrell ficou imóvel por algum tempo, olhando para o corpo de Grove, sem sentir o peso da arma que lhe escorregava dos dedos. Um único pensamento afastava todos os outros de sua mente. Como poderia explicar tudo o que acontecera na corte marcial?

Um Golpe no Cassino

Embora estivesse datilografando suas anotações taquigráficas, a secretária de meia-idade volta e meia lançava um olhar furtivo para Sam Miller, sentado no outro lado da sala. Ele estava esperando para falar com o patrão dela, Sr. Collins, proprietário e gerente do cassino do Hotel Starlight. Trata-se de um estabelecimento relativamente antigo, não muito longe do centro, na Las Vegas Strip.

Para as mulheres em geral e para as secretárias de meia-idade em particular, Sam era quase surrealisticamente bonito, o americano perfeito demais para se acreditar numa única olhada. Ele tinha vinte e poucos anos, beirando 1,90m, largo nos ombros e esbelto mais abaixo. Os cabelos louros eram curtos, o rosto bronzeado, o nariz reto, os dentes muito brancos, o sorriso uma verdadeira dádiva. Os olhos eram azuis e o olhar tão franco e honesto que até mesmo uma secretária de consciência limpa e uma excelente educação metodista sentia-se um tanto furtiva e pecadora ao encontrá-lo. Ela sabia que o Sr. Collins teria a maior satisfação em contratar Sam, embora fosse simular o contrário e inicialmente deixar o rapaz suar um pouco. O Starlight estava precisando de crupiês e dificilmente se poderia encontrar alguém que fosse a tal ponto a própria imagem da integridade. Mais do que isso, a aparência de Sam iria atrair as mulheres jogadoras de Las Vegas, as mais jovens com vontade de levá-lo para a cama e as mais velhas movidas pelo instinto maternal. O aparelho de intercomunicação soou neste momento e o Sr. Collins informou que já podia receber o Sr. Miller.

Sam entrou e fechou a porta, cuidadosamente. O Sr. Collins estava atrás de sua imensa escrivaninha, com a mão direita estendida, um sorriso de cordialidade limitada no rosto. Sam ouvira dizer que o Sr. Collins era de origem balcânica, com um nome de muitas sílabas estranhas e de pronúncia

difícil, que fora naturalizado e neutralizado. Era um homem de sessenta e poucos anos, a pele azeitonada, usando um terno cinza claro, que combinava com a cor de seus cabelos. Sam apertou a mão dele e sorriu.

— Como vai, senhor?

— É um prazer conhecê-lo, Sam Miller. Vamos, sente-se. Conte-me a história de sua vida. — O Sr. Collins tinha um leve sotaque estrangeiro.

Sam sentou-se.

— Toda ela?

— Não deve ter muita coisa para contar. Qual é a sua idade?

— Estou com 22 anos, senhor.

— Posso ver sua carteira de motorista?

— Claro. — Sam tirou-a do bolso e estendeu-a para o Sr. Collins, que a examinou rapidamente e devolveu.

— Já foi preso alguma vez?

— Não, senhor.

— Diga a verdade. Os regulamentos da Comissão de Jogo de Nevada obrigam-me a verificar.

— Não, senhor. Nunca fui preso por motivo algum.

— Por que deseja ser um crupiê?

— Para ganhar algum dinheiro e guardá-lo, a fim de entrar para a universidade.

— De onde você vem?

— Nasci em Los Angeles e cursei a Escola Secundária de Hollywood. Depois, alistei-me no Corpo de Fuzileiros Navais, antes mesmo de ser recrutado.

— E o que fez no Corpo de Fuzileiros?

— Fui enviado para o Vietnã.

— E aconteceu-lhe alguma coisa por lá?

— Fui ferido três vezes.

— Lamento muito. Os ferimentos foram sérios?

— Só um. Levei um tiro no estômago. Os outros dois foram superficiais.
Dei baixa no verão passado.

— Os papéis de baixa por acaso estão com você?

Sam apresentou-os, o Sr. Collins examinou rapidamente e devolveu-os.

— E o que fez depois da baixa?

— Meu tio possuía uma loja de bebidas em Hollywood e fui trabalhar com ele. Mas fomos assaltados quatro vezes. Levei coronhadas na cabeça duas vezes e ainda me acertaram um tiro no pé. Meu tio acabou levando uma surra tão grande que resolveu vender a loja. E eu fiquei desempregado.

— Teve um bocado de ação em uma vida ainda curta.

Sam sorriu.

— Não porque eu assim desejasse. Alguém sugeriu-me nessa ocasião que eu talvez conseguisse um emprego de crupiê aqui em Las Vegas. Sempre fui bom em matemática e acabei decidindo-me. Fiz o curso da Escola de Crupiês do Sr. Ferguson, como deve ter visto pelo diploma que sua secretária lhe entregou. Formei-me ontem.

O Sr. Collins pegou o diploma e devolveu a Sam.

— Por que veio até aqui... isto é, por que veio procurar-me, ao invés de ir a outro cassino?

— O Sr. Ferguson disse que tinha a impressão de que o senhor estava contratando crupiês e que era uma excelente pessoa com quem se trabalhar. Disse também que era o homem mais esperto em Las Vegas.

— Ele disse isso, hem? É a primeira vez que ouço tal coisa. Mas o fato é que acabei de conversar com Ferguson pelo telefone, a seu respeito. Ele assegurou que você foi um dos melhores alunos que ele já teve, nos últimos anos. Como está de roleta, Sam?

— Acho que muito bem.

— Vamos fazer um pequeno teste. Deu o 32... — O Sr. Collins fez uma

breve pausa, antes de continuar: – ...e um jogador tem duas fichas em cima dele, uma rachada, duas nos cantos, quatro fichas em três atravessadas e três fichas na primeira coluna. Quantas fichas você tem de pagar-lhe?

Sam levou quatro segundos para responder:

— Exatamente 147 fichas, senhor.

— Esqueceu a aposta na coluna.

— Não, não esqueci. Falou na primeira coluna, mas o 32 fica na segunda coluna. — Sam sorriu e acrescentou: — Como o senhor sabe perfeitamente.

O Sr. Collins não sorriu.

— As fichas eram de um quarto de dólar. Quanto o jogador ganhou?

— Exatamente 36 dólares e 75 cents.

O Sr. Collins, finalmente, sorriu.

— Pode começar a trabalhar esta tarde, às quatro horas? É o turno do meio, de quatro da tarde até meia-noite.

— Sim, senhor.

— Receberá 40 dólares por turno, mais a sua parte nas gorjetas dos apostadores. Como na maioria dos cassinos, juntamos todas as gorjetas e depois repartimos igualmente. Receberá, em média, 250 a 270 dólares por uma semana de 40 horas de trabalho. Acha que é satisfatório?

— Sim, senhor. — Sam levantou-se como se já fosse a hora de partir.

— Sente-se, Sam. Ainda tenho mais alguma coisa a dizer-lhe. Eu e somente eu tenho a licença para o funcionamento do cassino. Não tenho a menor ligação com a Máfia nem com qualquer outro bando de criminosos. Não trapaceamos os jogadores, não burlamos os regulamentos da Comissão de Jogo de Nevada, não fraudamos o Serviço de Rendas Internas. Além disso, se um crupiê tenta trapacear a casa, em seu próprio favor ou de algum jogador, pode estar certo de que não contará com a menor piedade de minha parte.

— O Sr. Ferguson já me havia dito que dirigia um cassino honesto.

— É mais do que honesto, Sam. Vou fazer um pequeno teste. Deu o

número 7. Depois de certificar-se de que não há nenhuma ficha nesse número, você recolhe todas as apostas. Mas, neste momento, um jogador diz: “Ei, espere um pouco! Eu tinha uma ficha no 7, mas você acabou de tirá-la!” Você tem certeza absoluta de que o jogador está mentindo. O que faria num caso assim?

— Bem... eu chamaria o gerente do salão.

— Não. Você deve pedir desculpas ao jogador e pagar. Somente se ele fizer isso mais de uma vez é que você deve chamar o gerente do salão, o qual, diga-se de passagem, a esta altura já deverá estar a seu lado. O que estou querendo ressaltar é que, para você, todo jogador é honesto e está sempre com a razão. Você não é um policial. Esse é o trabalho do seu gerente e também o meu. *Você não tem nada a ver com isso.*

— Está certo, senhor.

O Sr. Collins levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— É um prazer tê-lo conosco, Sam. E fique com as mãos longe das nossas garçonetes. Há muitas outras garotas bonitas na cidade.

As três horas e quarenta e cinco minutos daquela tarde, Sam entrou novamente no Hotel Starlight. Como era um dos hotéis mais antigos da cidade, não era muito grande. As máquinas caça-níqueis ficavam numa sala separada, para que o barulho não incomodasse os jogadores mais sérios. O cassino propriamente dito ficava numa ala separada. Era frequentado pelos que não gostavam do ambiente espalhafatoso e do barulho dos cassinos mais novos e maiores. No salão, havia duas mesas de dados, três mesas de 21 e três roletas. Não havia a roda da fortuna, não havia bingo nem apostas nas corridas de cavalos. Era um cassino para jogadores que apreciavam a tranquilidade. Até mesmo o pessoal nas mesas de dados procurava fazer o mínimo de barulho possível.

Sam não sabia onde se apresentar para o trabalho. Foi até um pequeno bar num dos lados, num nível elevado, e indagou ao barman, que se chamava Chuck. Foi imediatamente informado onde ficava a sala dos crupiês.

Sam seguiu por um corredor até os fundos do prédio, onde encontrou

uma sala com pequenos armários, algumas cadeiras e mesas. Outros crupiês já estavam ali, pendurando seus paletós e pondo os aventais verdes. Um homenzinho esquelético, de terno escuro, aproximou-se de Sam. Parecia ter cinquenta e poucos anos, o rosto era pálido, a expressão azeda.

— Há Sam Miller?

— Há Sou eu mesmo, senhor.

— Há Sou Pete, o seu gerente neste turno. — Ele virou-se para os outros. — Rapazes, este é Sam Muler.

Todos resmungaram cumprimentos cordiais.

— Há Você irá conhecer todos muito bem — disse Pete a Sam. — Mas deixe-me apresentá-lo a Harry.

Ele levou Sam ao encontro de um homem que já devia estar na casa dos 70 anos, com olhos cansados.

— Há Vocês vão trabalhar juntos. E hoje irá arrumar as fichas para Harry.

— Há Prazer em conhecê-lo, rapaz — disse Harry, apertando a mão de Sam. — Meu Deus, você parece ter quinze anos.

No cassino, Sam descobriu que a mesa de roleta em que ia trabalhar era quase igual àquela em que estudara na escola de Ferguson. Havia seis banquinhos no lado da mesa em que ficavam os jogadores. Junto à roleta, à direita do crupiê, havia pilhas de fichas de cores diferentes, brancas, vermelhas, verdes, azuis, marrons e amarelas. Todas tinham a inscrição STARLIGHT, sem qualquer valor declarado. Já que a aposta mínima era de 25 *cents*, o valor das fichas podia ser presumido a partir daí.

Além das fichas coloridas, havia pilhas de dólares simbólicos. Eram de metal, cunhados especialmente para o cassino. À direita, havia pilhas de cheques da casa, em valores que iam de cinco a cinquenta dólares. O cassino tinha também cheques da casa de 100, 500 e 1000 dólares, mas que raramente eram vistos em qualquer quantidade numa mesa de roleta.

Diante do crupiê havia uma fenda, com uma tampa de plástico. Quando os jogadores compravam fichas com dinheiro, as notas eram enfiadas na fenda, indo cair na caixa trancada por baixo da mesa.

Como aquele era o final de um turno, o Sr. Collins apareceu com suas chaves e uma caixa vazia. Trocou uma caixa pela outra e afastou-se com a que estava cheia, na direção do caixa, seguido por um guarda de segurança, uniformizado e armado.

Durante a primeira hora de trabalho, Sam limitou-se a empilhar as fichas e os cheques que Harry empurrava em sua direção. Era um jogo tranquilo, sem jogadores temerários, trapaceiros nem discussões. Depois, Harry afastou-se para descansar um pouco e Sam assumiu.

Não demorou muito para que uma mulher se aproximasse da mesa de Sam. Estava na casa dos 50 anos, era alta e magra. Usava uma blusa dourada de lamê e uma calça comprida laranja. Parecia bastante embriagada, quando disse:

Quero uma pilha de fichas de um quarto de dólar.

Ela entregou uma nota de 10 dólares a Sam. Ele enfiou o dinheiro na fenda e entregou duas pilhas de fichas vermelhas para a mulher.

— Não gosto de vermelho – disse ela. – Não combina com a minha calça. Não tem alguma outra cor?

— Gosta do verde? – indagou Sam, sorrindo.

— O verde está ótimo. – A mulher pegou as duas pilhas de fichas verdes que o rapaz lhe estendeu.

Sam pôs a bolinha a girar.

— Jogo na roleta há muitos e muitos anos – anunciou a mulher para a mesa em geral. – E posso garantir que não existe nenhum sistema. Não existe nem jamais existirá sistema nenhum! A gente tem que deixar as fichas onde elas caírem!

A mulher ficou de costas para a mesa, com 20 fichas em cada mão, e jogou-as para trás, por cima dos ombros. As fichas caíram ruidosamente sobre a mesa, deslocando outras apostas, algumas rolando para o chão. Os outros jogadores imediatamente manifestaram seu aborrecimento. Sam tirou a bolinha da roleta. Pete aproximou-se, parando para apertar um botão numa mesinha a um canto.

“Lamento, madame, mas não podemos aceitar apostas assim – disse Sam à mulher.

Ela soltou uma risadinha.

“Estou apenas deixando as fichas caírem ao acaso!

“O problema, madame – insistiu Sam, com um sorriso cativante – é que não saberei como pagar-lhe no caso de ganhar, se suas apostas não estiverem nas posições corretas.

Os outros jogadores estavam pacientemente abaixados, recolhendo as fichas verdes espalhadas pelo chão. Sam reuniu-as numa pilha, verificando se estavam todas ali.

“Desculpe ter causado todo esse problema para você – disse a mulher, sorrindo para Sam. – Vamos ver agora... Quase todas as fichas caíram em tomo do 20. É isso mesmo! Vou apostar no 20! – Com o cuidado de uma pessoa embriagada, ela começou a amontoar as fichas em torno do 20.

Sam viu o Sr. Collins saindo do escritório, alertado pela campainha que Pete acabara de acionar. Ele aproximou-se e parou à cabeceira da mesa, mas não disse nada. Sam pôs a bolinha em movimento. A mulher ficou observando-a atentamente, enquanto murmurava:

“Tem que ser o 20 ou então estou quebrada!

A bolinha foi cair no 20.

“Oh! – Ela começou a pular, batendo palmas. – Ganhei! Ganhei!

Sam contou as fichas verdes na mesa.

“São seis fichas no 20, nove rachadas, dez nos cantos. Dá 443 fichas, mais as 25 que ficaram na mesa.

“Quanto dá isso em dinheiro? – perguntou a mulher.

“Dá 117 dólares, madame.

O Sr. Collins aproximou-se da mulher e disse:

“Meus parabéns, Sra. Burke.

Ela virou-se abruptamente.

“Oh, meu caro Sr. Collins! Como tem passado?”

“É sempre um prazer vê-la por aqui, Sra. Burke. Para dizer a verdade, eu estava pensando em telefonar-lhe. Antes de quebrar a banca, por que não desconta suas fichas e vem tomar um drinque comigo? Preciso de um conselho seu sobre uma propriedade que me estão oferecendo.”

Momentos depois, a Sra. Burke já descontara as fichas e afastava-se pelo braço do Sr. Collins, com uma expressão feliz. Enquanto os outros jogadores comentavam o ocorrido, Pete murmurou para Sam:

“Cuidou do problema direitinho, filho. O que Howard Hughes e Kerkorian não possuem em Las Vegas, pertence à Sra. Burke.”

Na segunda noite de trabalho de Sam nada aconteceu de anormal. Mas houve problemas na terceira noite.

Um rapaz de rosto inchado, com uma expressão mal-humorada e espinhas, vinha jogando regularmente no 14 e perdendo. Estava jogando com cheques da casa no valor de 10 dólares, mas não dava a impressão de que podia aguentar tamanho prejuízo. Mesmo assim, continuou aumentando suas apostas, até que já estava com 50 dólares apostados a cada virada da roleta, direto no 14. O desespero tinha surgido nos olhos dele.

A bolinha foi cair no 15. Não havia nenhuma aposta neste número. Sam recolheu todas as apostas.

“Ei, espere um pouco! – gritou o rapaz. – E os meus 50 dólares no 15?” Sam sorriu polidamente.

“Creio que estavam no 14, senhor.”

Pete já tinha apertado um botão e estava ao lado de Sam.

“Desta vez não estava, não! – esbravejou o rapaz. – Acabei me cansando do 14 e apostei no 15! Mas você já estava tão acostumado a ver minha aposta no 14 que acabou se enganando!”

Havia 1800 dólares envolvidos. Sam olhou para Pete. Mas antes que o gerente do salão pudesse dizer alguma coisa, um homem de cabelos brancos e aparência distinta, no outro lado da mesa, disse para Sam:

“Lamento ter que dizer, mas o rapaz está com a razão. – A atitude dele era relutante, de quem pedia desculpas por se intrometer. – Não quero criar problemas, mas vi a aposta do rapaz no 15. Na ocasião, ainda me perguntei se ele se havia enganado ou se estava deliberadamente mudando de número, depois de apostar tantas vezes no 14.

O homem mais esperto de Las Vegas já estava postado atrás do rapaz e disse:

“Pague a aposta, Sam. Não quero discussões aqui.

“Sim, senhor – disse Sam, inclinando-se para pegar os cheques.

Pete deteve-o rapidamente e informou:

“Não temos tanto dinheiro assim aqui na mesa, Sr. Collins.

O que não era verdade.

“É mesmo? – disse o Sr. Collins. – Pois então vamos até meu escritório. Se você e seu amigo me quiserem acompanhar, providenciarei...

“Meu *amigo*! – disse o rapaz. – Nunca o vi antes...

O homem de cabelos brancos, do outro lado da mesa, anunciou, em tom categórico:

“Nunca vi esse rapaz antes, em toda a minha vida!

“É mesmo? – disse o Sr. Collins, parecendo ligeiramente surpreso. – Desculpem. Pensei que os dois fossem amigos.

“Nunca vi esse cavalheiro antes! – protestou o rapaz.

“Compreendo... – disse o Sr. Collins. Virou-se para o homem de cabelos brancos. – Contudo, meu caro senhor, precisarei de uma declaração sua, afirmando que viu a aposta sendo colocada no número 15. Isso é exigido pela Comissão de Jogo de Nevada, em tais casos.

O que não era verdade.

O homem de cabelos brancos suspirou, pegou suas fichas e contornou a mesa, oferecendo a mão e um sorriso ao rapaz.

“Meu nome é John Wood.

— É o meu é George Wilkins. Lamento muito tê-lo metido nesta confusão, mas agradeço ter ficado do meu lado. Isto é... — Ele sacudiu a cabeça na direção de Sam e acrescentou: — ... rapazes tão novos e inexperientes como esse podem perfeitamente cometer pequenos erros assim.

Sam sentiu vontade de dar uma surra no rapaz. Os dois se afastaram, acompanhando o Sr. Collins. Não voltaram ao salão. À meia-noite, quando deixou o serviço, Sam passou pelo Sr. Collins e perguntou-lhe:

— O que aconteceu com aqueles dois trapaceiros?

O Sr. Collins sorriu.

— Por que está presumindo isso, Sam?

— Porque não havia aposta nenhuma no 15 e quem quer que dissesse o contrário estava mentindo.

Rindo, o Sr. Collins disse:

— Sam, você não imagina como algumas pessoas podem ser estúpidas. Pedi para ver as carteiras de motorista de ambos, para preencher os formulários. Sem pensarem duas vezes, eles mostraram. O que acha que descobri?

— Eles tinham o mesmo nome?

— Não, não. Mas os endereços mostravam que eram praticamente vizinhos, em Van Nuys, Califórnia.

— Essa não! E o que fez com eles?

— Nada. Deixei-os sozinhos em meu escritório por um minuto. Quando voltei, os dois tinham desaparecido. A esta altura, já devem estar em Van Nuys. — O homem mais esperto de Las Vegas deu uma pancadinha afetuosa no ombro de Sam e disse, antes de afastar-se: — Boa noite, Sam.

Foi por volta das 11 horas da noite do quarto dia de trabalho de Sam que as coisas começaram realmente a acontecer. Sam estava fazendo o jogo e Harry empilhava as fichas. A mesa estava apinhada e todas as cores estavam sendo usadas. Por detrás dos jogadores sentados, havia outros de pé, apostando com as moedas e cheques da casa. Quando a velocidade da bolinha

começou a diminuir, Sam anunciou:

“Não façam mais apostas, por favor.

E foi nesse momento que um homem pôs-se a gritar:

“Deixem-me passar! Agora! Deixem-me passar! Mas que diabo! Saiam da frente!

Era um homem alto, que já passara dos 70 anos, com um chapéu de aba larga. O bigode era branco, sob um nariz grande e vermelho. Foi abrindo caminho à força. Segurava, os braços levantados acima da cabeça, dois maços de dinheiro. Chegando à beira da mesa, jogou-os na área do número 23 e anunciou:

“Tem dois mil dólares no 23!

“Sam recolheu rapidamente os dois maços de dinheiro e jogou-os para longe da área de apostas. Desculpe, senhor, mas não aceitamos mais apostas.

A bolinha foi cair no 11. A voz esganiçada do velho elevou-se acima dos murmúrios:

“Mas qual é o problema, rapaz? Tem alguma coisa errada com o meu dinheiro?

Ele usava uma camisa branca de seda, com um prendedor de gravata de ouro, sob a forma de uma pepita. O casaco era de camurça, com franjas compridas e bolsos pespontados. Sam vira um casaco semelhante numa vitrina de Las Vegas, pelo preço de 295 dólares.

“Esse dinheiro é perfeito – gritou o velho, sacudindo os dois maços de notas.

Só havia notas de 100 dólares, e Sam sabia que elas geralmente saíam dos bancos em maços de dez. Aquelas pareciam estar ainda fresquinhos, recém-saídas da Casa da Moeda. Sam sorriu para o velho.

“Claro que é, senhor. Mas, por um lado, chegou atrasado demais para apostar nesta virada da roleta. Por outro lado, a aposta máxima num número é de 200 dólares. E, além disso, não aceitamos dinheiro em espécie nesta mesa.

“Mas que diabo! Pois então trate de me arrumar logo algumas fichas!

— Claro, senhor. Mas estamos no momento sem fichas disponíveis e...

Pete havia-se aproximado da mesa e perguntou ao velho:

— Qual o valor das fichas com que deseja jogar, senhor?

— Fichas de cem, se é que vocês têm! — Todos ao redor da mesa estavam agora prestando atenção. O velho virou-se e sorriu. — Meu nome é Premberton! Bert Premberton! Vim lá de Elko! É um prazer conhecer todo mundo! — Ele apertou as mãos dos que estavam mais próximos.

— Terei que buscar cheques de cem dólares na caixa, Sr. Premberton — disse Pete. — Quantos vai querer?

— Ora... — O velho pensou por um momento, depois começou a tirar maços de notas de cem dólares dos bolsos, empilhando sobre a mesa. O total podia ser facilmente contado: 20 mil dólares. Houve um silêncio aturdido em torno da mesa. — Vendi um rancho hoje — disse Premberton, com a maior simplicidade. — Vamos começar com dois mil dólares. Mas já que vai buscar os tais cheques, seria melhor que pegasse logo uma boa quantidade.

Ele entregou a Sam dois maços de notas de cem dólares e guardou os outros nos bolsos. Sam entregou o dinheiro a Pete, que arrebitou as tiras de papel, contou rapidamente e assentiu.

— Dois mil dólares. Voltarei num instante.

— Ei! — gritou o velho. — E se der o 23 enquanto você estiver longe? Quero 200 dólares apostados no 23, em cada virada da roleta. Sinto que o 23 vai ser o número quente esta noite!

— Pode ficar tranquilo que terá sua aposta no 23 em cada virada da roleta, Sr. Premberton — disse Pete, começando a afastar-se.

Sam disse para Harry:

— Fique no meu lugar. — E foi atrás de Pete. — Ei, Pete! — O gerente do salão parou e virou-se. — Não estou gostando daquele velho, Pete. Tenho um pressentimento estranho.

— Por quê?

— Por um lado, porque ele andou bebendo e não me agradou a maneira

como chegou na mesa. Além disso... ele não me inspira confiança.

— O seu trabalho não é sentir confiança nas pessoas. Contanto que o dinheiro dele seja bom, não me importo se...

— Mas talvez não seja. É possível que...

O Sr. Collins aproximou-se.

— Algum problema?

— ... o dinheiro seja falsificado – concluiu Sam.

Pete sorriu.

— Você deve estar brincando.

O Sr. Collins pegou as notas e examinou-as rapidamente, devolvendo em seguida e sacudindo a cabeça na direção do caixa. Depois, suspirou e disse:

— Sam, você ainda tem muito que aprender. Para todos os efeitos práticos, pelo menos no que nos diz respeito, não existe nenhuma nota de cem dólares falsa. Sei que elas existem, mas são muito raras. Os falsários preferem não imprimi-las, pois são muito difíceis de passar. Recebemos notas falsas de 5, 10 e 20 dólares, de vez em quando aparece uma de 50 dólares. Mas creio que nunca vi uma nota falsa de 100 dólares, em mais de 20 anos de atividade. Seja como for, há dois lugares em que nem mesmo um idiota tentaria passar uma nota falsa de 100 dólares: um banco e um cassino, pois ambos possuem caixas espertos e guardas armados.

— Desculpe – disse Sam. – Eu não sabia disso. Estava apenas tentando proteger a casa.

— Seu trabalho não é proteger a casa. Pensei que tivesse deixado isso bem claro, em nosso primeiro encontro. E agora quer fazer a gentileza de retomar a sua mesa?

— Sim, senhor.

Pete voltou nesse momento, trazendo uma caixa de plástico cheia de cheques da casa no valor de 100 dólares.

— Peguei uma boa quantidade, para o caso de haver necessidade –

informou ele. – E para deixar o nosso garoto detetive mais tranquilo, pedi a Ruth e Hazel que verificassem as notas. As duas são peritas nisso e garantiram que as 20 notas são autênticas, até mesmo com os números em sequência, como se tivessem acabado de sair da Casa da Moeda.

“Lamento ter sido tão estúpido – disse Sam, seguindo Pete de volta à mesa.

Os dois arrumaram os cheques em pilhas de vinte. Harry pegou uma delas, tirou quatro cheques e entregou os 16 restantes a Premberton, dizendo:

“Dois mil dólares, senhor, menos os 400 que perdeu nas duas últimas viradas da roleta.

O velho resmungou e colocou dois cheques no 23. Depois começou a olhar ao redor, como se procurasse alguém. Finalmente avistou-a e enfiou dois dedos na boca e soltou um assovio estridente. Acenou freneticamente e gritou:

“Estou aqui, boneca! – Uma moça aproximou-se da mesa, tentando abrir caminho entre a multidão. – Deixem-na passar! – gritou o velho.

“É a minha mulher! Mas que diabo! Deixem-na passar!

As pessoas deram passagem e a moça veio postar-se ao lado de Premberton, que abraçou-a e beijou-a. A moça corou.

“Oh, Bert! Aqui não!

A moça era espetacular. Devia ter vinte e poucos anos, os cabelos eram dourados, os seios empinados. A boca era polpuda e sensual, mas os olhos azuis tinham uma expressão de inocência.

“Pessoal, quero que todo mundo conheça minha bonequinha querida, a Vikki! – Ele beijou-a novamente, abraçou-a, passou a mão pelas nádegas da moça. – Casamos esta manhã!

Houve silêncio em torno da mesa, em parte de incredulidade, em parte de desaprovação.

“E o motivo pelo qual o 23 vai ser o número quente esta noite é que hoje é 23 de fevereiro, o meu número de sorte e a data em que ela completa

23 anos! O que acham disso? – Premberton virou-se para Harry e perguntou: – Tem certeza de que 200 dólares é o máximo que posso apostar de cada vez?

– Tenho, senhor – disse Harry, enquanto a velocidade da bolinha diminuía. – Esse é o nosso limite.

A bolinha deu mais uma volta, ricocheteou de um lado para outro e foi finalmente parar no 23.

– Vinte e três! – anunciou Harry, sorrindo para Vikki. – Feliz aniversário, moça!

– E agora! – gritou o velho para todo o pessoal em torno da mesa.

– O que foi que eu disse? O vinte e três ia ser o número quente desta noite!

Harry empurrou três pilhas e meia na direção do velho.

– Aí estão 70 cheques, senhor. Sete mil dólares.

Os outros jogadores puseram-se a manifestar sua excitação e outras pessoas no salão começaram a aproximar-se da mesa, para ver o que estava acontecendo. Premberton disse a Vikki que abrisse a bolsa e despejou lá dentro os 70 cheques.

– Ainda vai ganhar aquele Rolls-Royce como presente de aniversário, boneca! – Ele virou-se em seguida para Harry. – Ei, minha linda esposinha pode jogar também?

– Claro, senhor.

– É muito simples o que tem de fazer, Vikki querida! Basta colocar 200 dólares no 23 junto comigo, está bem?

Depois que o velho apostou dois cheques, Vikki acrescentou mais dois, tirando-os da bolsa. Harry virou-se para Sam.

– Quer ficar um pouco em meu lugar?

Harry afastou-se e Sam ocupou o lugar dele, com Pete a arrumar as fichas. Outros jogadores apostaram também no 23. A roleta girou e a bolinha foi cair no número 5.

– Tem que fazer algo melhor do que isso, rapaz! – gritou o velho.

Sam sorriu.

— Estou tentando, senhor.

— Eu gostaria que pudéssemos apostar mais de 400 dólares por vez — disse o velho. — Tenho certeza de que o 23 vai ser o número quente desta noite!

Um homem ao lado de Premberton sugeriu:

— Pode também jogar rachado se quiser, senhor. E ainda nos cantos.

— Como se faz isso?

Usando o dedo para apontar os lugares corretos, o homem explicou como devia ser feito.

— Mas é uma boa ideia! Vou apostar assim também! — Premberton começou a cobrir todos os espaços em torno do 23 com seus cheques. — Acho que vou precisar de mais fichas, rapaz.

Ele tirou do bolso mais três maços de notas de 100 dólares e entregou a Sam, que arrebentou as tiras de papel e contou.

— Três mil dólares! — anunciou Sam, enfiando o dinheiro na fenda.

Ele pegou a pilha e meia que Pete já aprontara e entregou os cheques ao velho, que terminou de cobrir o 23 e os números ao redor. Quando a bola começou a girar, Sam calculou rapidamente que os Prembertons ganhariam 20.200 dólares. Deu o 22, mas mesmo assim o velho ganhou cinco mil dólares, com as apostas secundárias. Quando Sam entregou-lhe os lucros, o velho jogou na bolsa de Vikki e tornou a apostar. Premberton perdeu tudo nos três números seguintes. Ficou quase sem fichas.

— É melhor me dar agora cinco mil dólares logo de uma vez, rapaz — pediu ele, tirando cinco maços de notas dos bolsos.

Sam contou o dinheiro, meteu na fenda e entregou as duas pilhas e meia de cheques. Harry voltou e encarregou-se de arrumar as fichas, no lugar de Pete. A bolinha foi cair no 24. Sam pagou 50 cheques de 100 dólares ao velho, que também despejou-os na bolsa de Vikki.

— Comece a pensar na cor que vai mandar pintar aquele seu Rolls-

Royce, boneca!

Os dois números seguintes foram zero e 36. Prembertom ficou novamente quase sem cheques.

— Quero mais cinco mil dólares, rapaz.

O dinheiro saiu dos bolsos, foi devidamente contado e enfiado na fenda. O velho recebeu mais duas pilhas e meia de cheques de 100 dólares.

— Quer ficar um pouco no meu lugar, Harry? — pediu Sam. Ao passar por Pete, ele disse: — Tenho que respirar um pouco.

Ele atravessou o salão e subiu para o nível superior, onde o Sr. Collins estava parado, observando atentamente tudo o que acontecia lá embaixo.

— Como estão as coisas, Sam?

— Sr. Collins, não estou gostando do que está acontecendo na minha mesa.

— É mesmo? Algum problema?

— É que toda vez que o velho ganha, joga os cheques na bolsa da esposa. Mas quando perde, troca por cheques da casa e mais algumas de suas notas de 100 dólares.

— E daí?

— Ela já está com quase 17 mil dólares na bolsa.

— E daí? — O Sr. Collins deu de ombros. — Sam, alguns jogadores acham que têm mais sorte quando estão jogando com o dinheiro da casa. Outros preferem embolsar o que ganham e apostar apenas o seu próprio dinheiro. O problema é deles. Não temos nada a ver com isso.

— Sei disso. Mas continuo a ter o pressentimento de que há algo errado com aquele velho. Dá a impressão de que é Walter Brennan representando o papel de um velho rancheiro rico. A única diferença é que Walter Brennan conseguiria convencer-me, o que não acontece com o Sr. Premberton. Ele está exagerando. E a maneira como acaricia aquela mocinha que podia até ser neta dele... Isso está-me deixando enojado, senhor.

O Sr. Collins sorriu.

— Estou entendendo. Não contratei apenas um crupiê, mas também um crítico teatral e um árbitro da moral alheia. — O sorriso desapareceu, subitamente. — Ele já tentou fazer alguma trapaça com as apostas, Sam?

— Não, senhor. Ainda não.

— Nem vai tentar. Sam, vou-lhe explicar como se pode reconhecer um trapaceiro em potencial. Quando um jogador comum entra num cassino, ele olha ao redor distraidamente, decidindo onde quer ir jogar. Mas quando um trapaceiro aparece... e estou-me referindo a qualquer um que já tenha feito uma trapaça antes e possa fazer de novo aqui... ele para e olha cuidadosamente para cada crupiê, pois receia sempre que alguém possa reconhecê-lo. Quando vejo alguém agir assim, mando observá-lo atentamente durante todo o tempo em que estiver aqui.

— É um método interessante. Eu nunca tinha pensado nisso antes.

— Vi quando aquele velho passou do bar para o salão. Ele olhou ao redor, à procura da roleta mais próxima. E seguiu diretamente para a sua mesa. Além do mais, acontece que Chuck, o barman, conhece o velho. Ele é mesmo lá de Elko e vendeu recentemente um dos seus ranchos. É por isso que está com tanto dinheiro assim. E, ainda por cima, ele se casou esta manhã e está comemorando.

— Foi o que ele disse na mesa.

— Sam, vou dizer-lhe mais uma vez. E será a última. Os problemas maiores do cassino são meus e não seus. Se algo acontecer, compete a mim resolver. Por favor, não me faça perder a paciência com você.

— Está certo, senhor. Desculpe.

Sam foi até o banheiro e lá ficou por alguns minutos. Ao sair, passou pelo bar. Havia poucos fregueses naquele momento e Chuck estava enxugando copos.

— Olá, Sam.

— Chuck... aquele velho... o Sr. Prembertom... O Sr. Collins disse que você o conhece.

Chuck assentiu.

— É um rancheiro lá de Elko. Casou-se esta...

Sam interrompeu-o:

— Mas já o conhecia antes, Chuck?

— Não, mas...

— Como sabe então tanta coisa a respeito dele?

— Ele esteve aqui antes, falando com todo mundo, pagando drinques, exibindo a nova esposa... Você sabe como são essas coisas.

— Obrigado, Chuck.

Sam voltou para a mesa. Pete afastou-se, deixando a Sam a incumbência de arrumar as fichas. Pela quantidade de pilhas de cheques de 100 dólares, era evidente que Premberton perdera mais alguns milhares de dólares, durante a ausência de Sam. O velho entregou a Harry mais cinco maços de notas de 100 dólares, que desceram pela fenda. Sam entregou os cheques a Harry, que lhe disse:

— Importa-se de assumir a roleta? Estou realmente cansado.

— Claro. — Ao tomar o lugar de Harry, Sam deu uma olhada no relógio e verificou que já eram onze e quarenta e cinco. Faltavam apenas 15 minutos para o turno dele terminar.

Deu o número 34, e depois o número 6. Um dos jogadores dera seu banco a Vikki, que estava agora sentada bem em frente de Sam.

— O que aconteceu com o número 23? — perguntou ela, sorrindo.

O sorriso, a princípio, foi distraído. Mas depois ela percebeu que o velho estava absorvido em suas apostas e o sorriso mudou. Já não havia mais qualquer inocência nos olhos dela.

Sam indicou o 23.

— Acho que está escondido debaixo de todas essas apostas.

— Veja se consegue descobri-lo para nós.

Sam fez a bola girar.

— Farei o melhor possível, Sra. Premberton.

Deu o número 26. Sam entregou ao velho 33 cheques, que Vikki imediatamente guardou na bolsa. Ela já devia estar com mais de 20 mil dólares na bolsa. Mas praticamente a mesma quantia já saíra dos bolsos de Premberton.

Os dois números seguintes foram o 2 e o 12. O velho ficou novamente sem cheques.

— Dê-me algumas dessas fichas, Vikki.

— Oh, Bert! Não acha que está na hora de pararmos? Foi um dia comprido, já é quase meia-noite e...

— Só mais uma vez, querida. Tenho o pressentimento de que vai dar novamente o 23.

Vikki entregou um punhado de cheques a Premberton, que se inclinou sobre a mesa para apostar. E foi neste momento que ele caiu sobre a mesa, ficando completamente imóvel. Quando ficou patente que ele não se ia mexer, Vikki soltou um grito estridente e inclinou-se para tocá-lo. As pessoas ao redor começaram a falar ao mesmo tempo:

— Ele está morto?

— Foi um ataque do coração!

— Chamem um médico!

Pete já apertara os botões apropriados. Dois guardas de segurança adiantaram-se rapidamente, afastaram as pessoas e alcançaram o velho que naquele momento gemeu, abriu os olhos e conseguiu ficar de pé. Os guardas ampararam-no.

— O que aconteceu? — indagou Premberton.

O Sr. Collins aproximou-se e disse aos guardas:

— Ajudem-no a ir para o meu escritório. O médico do hotel já está vindo.

— Estou-me sentindo bem — disse Premberton. — Foi apenas uma vertigem súbita.

— Eu insisto! — disse o Sr. Collins.

Os guardas começaram a afastar-se com o velho. Vikki foi atrás, mas Sam chamou-a.

— Não esqueça os cheques do seu marido, Sra. Premberton. — Sam ainda não começara a girar a roleta. Pegou as apostas do velho e entregou a Vikki.

— Obrigado. É muito gentil. — E ela afastou-se apressadamente, seguindo para o escritório do Sr. Collins.

Assim que o tumulto acabou, Sam pôs a roleta a girar novamente e perguntou a Harry:

— Como é que eles se saíram?

Harry examinou rapidamente as pilhas de cheques e informou:

— Ganharam apenas 100 dólares. Graças a Deus que já é quase meia-noite. Estou que não me aguento mais.

Alguns minutos depois, eles foram substituídos. Sam e Harry subiram para o nível superior, onde encontraram o Sr. Collins, saindo do escritório.

— Como está o velho? — perguntou Harry.

— O médico disse que está bem. Foi apenas um desmaio. A esposa me contou que ele não tinha jantado e havia bebido. Além disso, aposto que passaram a tarde na cama.

— A gente sente até o estômago revirado só de pensar naquele velho e numa garotinha... — murmurou Sam.

— Pode revirar o seu, garoto — disse Harry, azedamente. — Mas eu ainda não estou morto e posso garantir que não revira o meu.

Harry afastou-se e Sam disse ao Sr. Collins:

— Eles terminaram ganhando 100 dólares.

— Sinto-me aliviado por não ter acontecido nada de mais sério, Sam.

— Acha que ele conseguirá voltar ao motel sem maiores problemas, Sr. Collins?

— Deixe que eu me preocupo com isso, Sam.

O tom era de advertência e Sam pediu desculpas, afastando-se em seguida.

Na sala dos crupiês, Sam pendurou o avental, conversou um pouco com os colegas, penteou os cabelos, vestiu o paletó e depois foi até o bar, pedindo uma cerveja. Saboreou-a lentamente e pediu outra. Foi nesse momento que o Sr. Collins aproximou-se e disse-lhe:

— Sam, o velho está querendo falar com você.

— Comigo? Mas por quê? Como ele está passando?

— Está tudo bem. Eles já estão prestes a partir.

Sam seguiu o Sr. Collins até o escritório, onde Premberton andava de um lado para outro, um copo de uísque na mão. Vikki estava sentada, também de copo na mão.

— Olá, rapaz! — disse o velho.

— Como está-se sentindo, senhor?

— Em plena forma. Lamento muito ter causado toda aquela confusão em sua mesa. Chamei-o porque queria deixar-lhe uma gorjeta. Dê-me 100 dólares, Vikki.

Ela obedeceu e o velho entregou o cheque a Sam.

— Muito obrigado, senhor. E desejo boa sorte em seu casamento com a Sra. Premberton:

O Sr. Collins interveio na conversa:

— Espero que me deem licença, mas o turno acabou e tenho que ir recolher as caixas de cada mesa.

— Já estávamos mesmo de saída, senhor — disse Premberton. — Vamos descontar tudo, Vikki. Talvez tenhamos ganhado alguma coisa.

Os quatro deixaram o escritório juntos. Sam desejou boa noite aos Prembertons, que se dirigiram imediatamente ao caixa. O Sr. Collins disse a Sam:

— A gorjeta vai para a caixa comum.

Sam assentiu e sorriu. Desceu para o salão e foi colocar o cheque na caixa de gorjeta dos crupiês. O Sr. Collins ficou observando-o e assentiu em aprovação, antes de seguir também até o caixa.

Sam voltou para o bar, a fim de acabar a cerveja. Viu os Prembertons descontando os cheques e o Sr. Collins sair com algumas caixas vazias, sorrindo para o casal e depois começando a percorrer as mesas. Um instante depois, o velho e a moça deixaram o cassino, de braços dados. Alguns minutos mais tarde, Sam acabou a cerveja e também deixou o cassino, seguindo pela Strip.

Cerca de três quilômetros mais adiante parou no Motel Slumbertime. Foi a pé até o quarto 17. Uma luz estava acesa lá dentro. Sam bateu. Um homem abriu a porta.

— Pois não?

Sam franziu o rosto.

— Estou procurando o Sr. Haskins.

— Ele deve estar em outro quarto.

— Tenho certeza de que está aqui, no 17. Ou estava.

— Cheguei ao motel por volta das 10 horas da noite e ele já não estava mais aqui.

— Lamento tê-lo incomodado.

Sam foi até o escritório do motel, tocando a campainha no balcão. Um homem de roupão apareceu.

— Estou procurando pelo Sr. Haskins e a neta. Eles estavam no 17 e 16.

— Eles já foram embora.

— Como?

— Deixaram o motel às 9 horas da noite.

— Oh! E deixaram alguma coisa para mim... Sam Miller?

— Deixaram, sim. — O gerente pegou um envelope e leu: — Para Sam Miller.

Sam pegou o envelope, agradeceu e voltou apressadamente para o carro. Rasgou o envelope e encontrou lá dentro um bilhete. Para conseguir ler, teve que acender a luz de cima. O bilhete dizia:

“Querido Sammy, meu adorado. Quando receber este bilhete, vovô e eu já estaremos longe. Isto é, se tudo correr bem em seu cassino esta noite. Estou cruzando as pernas para dar sorte! Vovô decidiu não deixar a sua parte, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque precisa dos seis mil dólares mais do que você, já que não é mais um jovem. Em segundo lugar, porque ele acha você maravilhoso. E receia que, se você sentir o gosto de um dinheiro adquirido por meios escusos, pode tomar-se um escroque como ele, pelo resto de sua vida. E diz que não gostaria que isso acontecesse, pois prefere que você seja honesto. Adeus, Sammy. Vou sentir muita saudade sua. Afinal, você é maravilhoso na cama. Com todo amor,
Vikki.”

Sam desligou a luz e ficou sentado no escuro por um longo tempo. Foi então dominado por uma fúria intensa e bateu com as duas mãos no volante, com toda força, várias vezes. Lágrimas de frustração escorreram de seus olhos.

Nesse momento, a porta do outro lado se abriu e a luz interna acendeu. Sam virou-se deparando com o Sr. Collins sentado a seu lado.

— Algum problema, Sam? – disse ele, fechando a porta.

Os olhos de Sam se arregalaram, a boca se entreabriu.

— Como?... Como?

— Eu o segui até aqui, Sam. Fiquei sentado em meu carro, vi você afastar-se do quarto, receber um envelope do gerente. E vi a expressão em seu rosto quando leu o bilhete. – O Sr. Collins tirou um cigarro. – Quer dizer que seus amigos foram embora... sem lhe dar sua parte?

— Eu... eu... não sei do que está falando...

— Ora, Sam, deixe disso. – O Sr. Collins fez uma pausa para acender o cigarro. – Está metido numa encrenca tremenda, Sam. Sua única esperança é

ser franco comigo. Onde foi que vocês três conseguiram arrumar 180 notas falsas de 100 dólares? E o que o velho e a esposa representam para você?

Sam pensou por um momento e depois deu de ombros.

— A moça é neta dele. Eles se chamam Haskins. — Acendeu a luz e entregou o bilhete ao Sr. Collins. — Pode ler o bilhete.

Depois de ler, o Sr. Collins comentou:

— O velho pode ter sido egoísta, mas está certo, Sam. Os seis mil dólares teriam significado o seu fim como uma pessoa honesta.

Sam apagou a luz.

— Onde foi que conheceu aqueles dois, Sam?

— Eram fregueses da loja de meu tio. Não demorou muito para que Vikki e eu tivéssemos um caso. Depois que meu tio vendeu a loja e fiquei desempregado, o velho Bert procurou-me um dia e perguntou até que ponto eu era honesto. Respondi que isso dependia. Ele falou-me então sobre todas as notas falsas de 100 dólares que possuía.

— E onde foi que ele as conseguiu?

— Comprou-as há muitos anos, por um preço ínfimo. Mas jamais havia passado nenhuma. Achava que poderiam ser trocadas todas de uma vez, num cassino. Não se importava de ganhar, queria apenas trocar as notas falsas por dinheiro bom. Ele ofereceu-me um terço do total, se eu o ajudasse. Acabei concordando. Ele pagou meu curso na escola de Ferguson. Eu tinha de arrumar um emprego, a fim de saber exatamente como era a rotina de um cassino.

— Sam, você é um escroque, um criminoso.

— Tudo o que fiz esta noite foi alertá-lo sobre o velho e o dinheiro dele.

— Estava simplesmente preparando o terreno.

— Tem razão, Sr. Collins. Mas de nada me adiantou.

— O desmaio do velho também foi simulado?

— Foi, sim. Ele sabia que devia parar antes de meia-noite, quando as caixas são abertas e as notas conferidas. Mas calculou que, se parasse de

repente, poderia provocar suspeitas. Foi por isso que teve a ideia de simular o desmaio.

— E de quem foi a ideia de que você deveria tentar fazer com que eu desconfiasse deles?

Sam sorriu, modestamente.

— Essa ideia foi minha... depois que o conheci. Calculei que, se contestasse os dois mil dólares iniciais e se comprovasse a autenticidade, então não haveria quaisquer dúvidas sobre os outros 18 mil dólares. Além disso, eu queria ter certeza de que não seria ligado aos dois, quando tudo estivesse terminado.

O Sr. Collins sorriu.

— Foi uma hábil operação, Sam. E quase deu certo. Mas a casa terminou ganhando.

— Onde foi que eu errei?

— Por um lado, você levantou objeções demais e comecei a me perguntar por quê. Ao final, você indagou se o velho conseguiria voltar sozinho para o motel. Mas a moça havia-me dito que eles estavam hospedados no Hotel Flamingo. E quando abri sua caixa e descobri o dinheiro falso então tudo se encaixou direitinho.

— O que... vai fazer... comigo?

O Sr. Collins deu de ombros.

— Nada. Espero-o de volta no trabalho amanhã. — Sam olhou-o incrédulo. — A menos que você seja louco, Sam, jamais irá tentar outra vez qualquer coisa contra mim. E eu tenho obrigação, de acordo com as regras do jogo em Nevada, de impedir que você trabalhe em qualquer outro cassino.

— Mas... mas o que vai fazer com os 18 mil dólares em notas falsas que recebeu?

— Por que pensa assim, Sam?

— Porque eu vi Vikki descontar o dinheiro antes que o senhor abrisse as caixas! E eles foram embora com dinheiro de verdade!

“Por que pensa assim, Sam?”

“Eu... eu não estou entendendo!”

“Porque você me fez desconfiar, Sam, abri sua caixa dez minutos mais cedo, enquanto você estava na sala dos crupiês e no bar. Providenciei para que, entre os 20 mil dólares com que seus amigos se retiraram, estivessem os mesmos 18 mil dólares em notas falsas com que eles entraram. – O Sr. Collins abriu a porta do carro e saiu. – Boa noite, Sam. Estou esperando você amanhã.”

O homem mais esperto de Las Vegas fechou a porta do carro e desapareceu na escuridão.

Os Anos Amargos

A mulher terminou de limpar a cozinha depois de sua refeição solitária – peito de galinha cozinhado no vinho, salada de abacate e o pãozinho que ela própria fizera, deixando o bastante para o café da manhã no dia seguinte. A pequena casa estava agora toda em ordem. O sol, naquela aldeia rústica da montanha que ela escolhera para sua residência permanente, iria afundar rapidamente por trás das colinas cobertas de bosques. Ali, jamais havia um crepúsculo por demais prolongado. Restava pouco tempo antes que tudo ficasse amortalhado pela escuridão da noite. Ela tinha que aproveitar imediatamente para dar uma última olhada no terreno já preparado para o gramado e os canteiros.

No dia seguinte, dissera o homem chamado Samuel, o terreno estaria então pronto para ser semeado e depois, se Deus quisesse, ela poderia ter um gramado decente. O homem estava orgulhoso dos preparativos que fizera. Ninguém jamais conseguira fazer um gramado satisfatório naquela região pedregosa das montanhas. Muitos haviam tentado, sem alcançar um resultado pelo menos satisfatório. Mas ela estava decidida a fazer um lindo gramado atrás da casa. Depois compraria um toldo, móveis de jardim, talvez mandasse fazer uma pequena fonte. E quando voltasse de sua viagem, ficaria sentada ali durante todo o verão, acalentada pela beleza e tranquilidade que conquistara na vida, através de seus próprios esforços. Durante o inverno, iria sempre viajar: México, América do Sul, Mediterrâneo. Mas passaria o verão ali, desfrutando de sua casa, o gramado, o jardim. Esperara tanto tempo por isso...

Ainda olhando pela janela, ela viu uma mancha branca disparar sobre a terra vegetal escura, já pronta para receber a grama. Ficou imediatamente alerta e saiu correndo pela porta dos fundos, a gritar:

“Nemo! Nemo!

Mas o gatinho branco não atendeu a seu chamado, pois estava afundado até a barriga na terra macia e úmida. Sem pensar duas vezes, compreendendo que o gato poderia afundar até lá embaixo, como se estivesse em areias movediças, ela avançou rapidamente em sua direção. E afundou quase até os joelhos, antes de seus pés encontrarem a camada pedregosa mais abaixo.

“Oh, diabo! – disse ela para si mesma, rindo. – Mas que velha tola que eu sou!

Ela livrou-se da terra vegetal de quase meio metro de profundidade, foi salvar o gatinho branco, que miava desesperadamente, e depois voltou para a casa, tirando a roupa e tomando um banho.

Estava satisfeita com a profundidade do novo solo. O homem chamado Samuel fizera um bom trabalho, revolvendo ao máximo o terreno pedregoso, limpando-o, e depois colocando por cima uma camada espessa de terra vegetal, pronta para receber as sementes, no dia seguinte. Ele não trapaceara. Não fizera como muitos jardineiros, que se limitavam a colocar uma camada fina de terra vegetal por cima do terreno pedregoso, mas preparara tudo para um gramado em condições de fixar-se por toda uma vida. Mesmo assim, ele sacudira a cabeça e resmungara, à maneira pessimista daqueles montanheses, que estavam tão acostumados ao desapontamento que não se atreviam a desafiar o destino acalentando alguma esperança.

“A grama não vai crescer aqui – murmurava ele, enquanto revirava a terra e tirava as pedras. – A terra não é boa, o ar é rarefeito, o inverno é muito frio.

O que não o impedira de continuar a trabalhar, prometendo o desastre mas no fundo ainda tendo um fio de esperança.

A mulher sorriu, enxugou-se, vestiu uma camisola e um roupão. Depois foi lavar o gato, que miou em protesto (quem pode lavar um gato melhor do que ele próprio?, o bicho parecia estar dizendo). Tudo terminado, foi sentar na poltrona, diante da televisão.

Estava sozinha. E segura. Finalmente segura. Feliz e confortável. Descansada. Descansada pela primeira vez em sua vida e com aquele maravilhoso cruzeiro pelo mundo a sua espera, depois de anos e anos a trabalhar sem tirar férias. Mais algumas semanas e partiria. Ainda teria tempo de ver a grama desabrochando, para saber que estaria forte e viçosa quando voltasse, alguns meses depois. Nunca antes se sentira tão contente, tão excitada como uma menina. Os anos amargos tinham ficado para trás, agora teria pela frente os anos emocionantes e promissores.

Ela foi ficando cansada e irritada com a televisão. Ali, nas montanhas, só se conseguia pegar duas emissoras. Uma delas estava apresentando um programa de rock, os berros e sons estridentes da música moderna machucando os ouvidos. A outra emissora estava apresentando um velho filme de caubói, os ruídos também altos, só que do passado, gritos, disparos, galopes.

Ela desligou a televisão e foi até a escrivaninha. Abriu a gaveta e empurrou para o lado o pequeno revólver, que comprara por estar vivendo sozinha, numa casa isolada. Tirou uma pilha de folhetos coloridos e mais uma vez deleitou-se com sua contemplação, sonhando e imaginando, vivendo no futuro, ignorando o passado. O navio espetacular, onde teria um camarote só para si, com dias e noites de lazer despreocupado; a Inglaterra, com toda a sua história; a Europa Continental, Paris, Veneza, uma porção de outros lugares, até mesmo Creta. O cruzeiro iria durar quase um ano. Além do mais, era a primeira vez que ela tirava férias, em muitos e muitos anos, bem mais do que poderia contar.

Deliciou-se com as fotografias, as descrições exageradas. Mais uma vez, como já fizera tantas vezes antes, pegou a passagem, o recibo, o aviso da data de embarque, os folhetos sugerindo que tipo de roupas deveria levar... tudo, enfim, que fora outrora o seu sonho impossível. Estava tudo providenciado. Samuel iria cuidar do gramado e de Nemo durante sua ausência, a agência dos correios guardaria sua correspondência (que correspondência?), o Sr. Prescott, o único agente policial local, viria verificar a casa periodicamente.

Estava tudo em ordem, um mundo maravilhoso a aguardava. E finalmente desceria a montanha no ônibus velho e que se sacudia todo, iria de avião até a cidade, passaria a noite num hotel, a viagem de táxi até o navio na manhã seguinte e depois...

A princípio, ela não ouviu a batida na porta. A casa estava quieta, o único ruído era o de Nemo ronronando a seus pés. Mas ela estava imersa em outro mundo e o barulho da primeira batida não penetrou até lá.

Houve outra batida e desta vez ela ouviu. Ainda longe dali, sem nem ao menos pensar quem poderia estar batendo depois do anoitecer, ela foi até a porta e abriu. Havia um homenzinho parado ali.

— Pois não? — disse ela, surpresa, mas não apreensiva.

— Srta. Kendrick?

Preparada para o choque, embora não totalmente, ela manteve-se inabalável, impondo-se uma rígida disciplina. Não tremeu, não deixou que expressão alguma transparecesse em seu rosto.

— Não — disse ela calmamente. — Deve ter-se enganado de endereço.

— Creio que não.

O homem era realmente indefinido, em torno de 1,65m de altura, cabelos cor de areia já bem ralos, um terno da mesma cor, olhos azuis muito claros.

— Meu nome é Stella Nordway. *Sra.* Stella Nordway.

— É mesmo? — disse o homem, sorrindo. — Quer dizer que se casou recentemente?

— Sou viúva há dez anos. Como vê, está inteiramente enganado.

— Posso entrar?

— Não!

Ela começou a fechar a porta. A expressão do homem se alterou ligeiramente. Primeiro houve um brilho de fúria, depois estampou-se uma

expressão de mediocridade, que poderia fazê-lo desaparecer inteiramente numa multidão.

— Sou investigador da Companhia Seguradora Halmut. Fui incumbido de encontrar uma mulher chamada Norma Kendrick, que desviou mais de cem mil dólares da companhia em que trabalhava, ao longo dos últimos sete anos. Eles a querem de volta, Srta. Kendrick... e o dinheiro também.

— Pode entrar – disse ela, abrindo a porta mais um pouco.

O homem entrou, descobriu imediatamente a cadeira menos confortável da sala e sentou-se na beira. Era como se o conforto do sofá pudesse levá-lo a ficar menos alerta.

— Está enganado – disse ela novamente, quase desesperada. – Não sou...

— Sou um investigador experiente. Trabalho nisso há 25 anos. Sei que trabalhou para a Companhia de Ferragens Sharpe, durante muitos anos, como contadora. Era competente, merecia toda a confiança de seus patrões. A firma era grande e próspera. Durante os últimos sete anos, recusou-se a tirar as três semanas de férias a que tinha direito anualmente...

— Mas eu... – Ela controlou-se a tempo. As palavras dele quase haviam-na levado a uma confissão. – ...mas eu não tenho nada a ver com isso. Assim sendo...

— Você é Norma Kendrick. Não posso deixar de admitir que fiquei um tanto curioso pelos motivos que a levaram a tornar-se uma escroque. Durante anos, teve que cuidar do pai inválido e trabalhar diariamente no escritório. E diariamente recomeçava a mesma rotina. E foi então que, de repente, decidi começar a apropriar-se do dinheiro da companhia. Ao final do primeiro ano, compreendeu que não poderia deixar outra pessoa verificar seus livros. O contador substituto, que seria contratado durante suas férias, certamente descobriria a fraude. Fiquei impressionado pelo fato de o Sr. Sharpe não ter desconfiado de nada, quando você se recusou a tirar férias, durante anos seguidos. Mas ele explicou que confiava inteiramente em você, já que era a filha de um velho amigo. Além disso você declarou que não adiantava tirar

férias, já que não poderia ir a parte alguma, por causa de seu pai inválido. E precisava desesperadamente de dinheiro, para pagar as contas do médico. Assim, se o Sr. Sharpe quisesse pagar o que teria gasto com o substituto, além de seu salário normal, você agradeceria.

A mulher estava aturdida, com receio de falar, com receio de não falar. Tinha que haver uma saída qualquer.

— E daí? — disse ela.

O homem ficou um pouco surpreso, talvez porque esperasse outra negativa dela.

— E daí que, ao invés de tirar férias, você frequentemente prolongava o fim-de-semana, de quinta-feira a segunda ou de sexta a terça. E durante esses períodos, você ia criando sua segunda identidade, como Stella Nordway. Usava uma peruca loira, óculos escuros, roupas mais jovens, comprou esta casa. E comprou também uma passagem para um cruzeiro pelo mundo. Fez essas coisas um tanto apressadamente, depois de sete anos a desviar dinheiro. E por dois motivos: primeiro, seu pai tinha morrido; segundo, a companhia estava prestes a ser vendida, porque o dono desejava aposentar-se. A venda, é claro, iria provocar um exame meticoloso dos livros. E então, Srta. Kendrick?

Ela estava confusa. Depois de um momento de hesitação, aceitou finalmente o inevitável.

— A polícia está atrás de mim?

O homem sorriu.

— Ainda não. Como eu disse antes, trabalho primeiro para a companhia seguradora e depois para seu antigo patrão. Mas é claro que, depois de eu localizá-la, a polícia entrará no caso. Eles estão também a sua procura, só que seguiram um caminho diferente. A companhia seguradora vai ficar com o dinheiro... o que restou dele... e o Estado tirará sua vingança. Sua casinha irá... — Ele olhou ao redor, admirando a sala aconchegante. Espiou pela janela, para o céu escuro lá fora, com incontáveis estrelas brilhando. Suspirou de prazer. Seria um refúgio maravilhoso para eles, depois de tantos anos passados na cidade. — Sua viagem ao redor do mundo... e como eu a invejei

por isso... estará perdida...

Ela estava cada vez mais confusa. Por que a polícia não estava ali? Por que ele não comunicara ao Sr. Prescott, o único agente policial local, que havia uma fugitiva ali? Por que lhe estava dizendo todas aquelas coisas, sem tomar qualquer providência? Ela sabia que perdera o jogo, pois desde o início não tivera a menor dúvida de que se tratava de um jogo. A amargura estava de volta.

O homenzinho voltou a falar, sorrindo:

“Sra. Nordway...”

“Sra. *Nordway*? Mas... mas... acaba de insistir que eu sou Norma Kendrick!”

“Pode ser qualquer uma das duas, conforme preferir. A decisão será sua.”

Ela afundou na poltrona mais próxima, agora completamente atordoada, a confusão ainda maior que o terror. E balbuciou:

“O que está querendo dizer com isso?”

“Muito simples. Teve mais coragem do que eu. E mais engenhosidade. Mais espírito de risco. Há muitos anos que estou preso a uma esposa doente, assim como estava presa também a seu pai. E quanto mais eu cuido dela, mais irritada ela se torna. Odeia-me porque depende de mim. E jamais consegui ganhar dinheiro suficiente para escapar. Sou o que sou. Consegui poupar muitos milhares de dólares à minha companhia, talvez milhões, mas meu salário continua insignificante... O quanto vale sua liberdade, Sra.”

Nordway? Ou prefere que eu diga Srta. Kendrick? Quanto resta do dinheiro que roubou?

Ela estava paralisada.

Desta vez não era por medo, mas de raiva. Podia compreender a necessidade de a Justiça obrigá-la a pagar pelo que fizera. Afinal, era essa a consequência de ter perdido o jogo. Mas ser roubada de tudo por que ansiara, trabalhara e se arriscara, ser despojada de seus sonhos por aquele homenzinho oportunista, insignificante e presunçoso, isso era simplesmente

inaceitável. Ela levantou-se.

— Não resta muito dinheiro – disse ela, procurando manter a voz neutra. – Afinal, comprei esta casa e já paguei o cruzeiro ao redor do mundo.

— Ficarei com a casa – disse o homem jovialmente, agora que sabia estar vencendo. – Pode devolver a passagem. Ou melhor, pode passá-la para mim.

— Não creio que seja transferível – disse ela, quase distraidamente.

— Espere um instante que vou verificar. A passagem está aqui mesmo...

— Encaminhando-se para a escrivaninha, ela parou por um momento diante da janela, olhando para fora. – Como chegou até aqui? – indagou, com a mesma voz distraída. – Não estou vendo seu carro lá fora.

— Deixei-o lá embaixo, diante da igreja. Tendo em vista as circunstâncias, achei que não seria uma boa ideia deixar alguém ver que você estava com um visitante.

— Compreendo.

Ela foi até a escrivaninha, abriu a gaveta e pegou o que estava querendo, mantendo-o meio escondido nas dobras do roupão. Recordou-se subitamente de que havia vizinhos não muito longe e foi até a televisão.

— Gosta de filmes de caubói, Sr....?

— Jordan – disse ele, automaticamente. – Ora, eu... – Ele estava aturdido. Televisão? Naquele momento?

Ela ligou o volume ao máximo e o barulho dos gritos, cavalos a galope e tiros invadiu a sala. Depois, levantou a pequena arma e apontou, acertando-o entre os olhos.

Não havia lugar para esconder o corpo. O problema era simplesmente esse. A pequena casa não tinha porão, o terreno era muito duro e pedregoso para se escavar, não tinha carro para levá-lo a outro lugar, pois nunca aprendera a guiar. Não havia simplesmente lugar nenhum para esconder o

cadáver, com o pequeno buraco no meio da testa.

Ela sentou-se. Não estava arrependida pelo que fizera. Mesmo que tivesse pensado antes nas complicações de esconder o corpo, teria atirado de qualquer maneira. A raiva a impelira a isso, não a ganância ou o medo. Tinha de matar aquele homenzinho, aquela coisa, que se propunha destruir toda a vida e o futuro dela, para atingir seus próprios objetivos.

Ela deixou-o estendido no tapete – quase não houvera sangue – e foi para a cozinha, olhando pela janela para seu adorado jardim, o terreno preparado para receber o gramado, no qual depositava tantas esperanças. Estava atordoada ao pensar que todos os seus planos maravilhosos para o futuro estavam agora aparentemente destruídos. Tão mortos quanto o homenzinho lá na sala.

Ela olhou pela janela, para a noite lá fora.

O gramado! Havia quase meio metro de terra vegetal, por cima da terra mais dura e pedregosa. Mais fundo até do que era necessário. Mas seria suficiente para um homem deitado no fundo? O gramado iria esconder inteiramente o corpo?

A terra era mole, ligeiramente úmida. Ela esperou junto à janela, no escuro, para que os vizinhos pensassem que já fora deitar-se. E ficou observando as luzes esparsas se apagarem, uma a uma. AM, todos deitavam cedo e levantavam cedo. Ela não deveria esperar além do necessário...

Finalmente, a noite estava completamente escura e quieta. Quieta como a morte. Ela saiu para o terreno nos fundos da casa e escavou uma parte da terra já preparada para o plantio do gramado, abrindo o espaço suficiente para caber um homem pequeno. Tomou cuidado para não fazer barulho batendo com a pá na terra mais dura. Seus olhos já estavam acostumados com a noite escura, iluminada apenas pelas estrelas distantes. Os movimentos dela eram tão silenciosos quanto a noite.

Foi buscar o homenzinho e colocou-o na sepultura, os braços estendidos ao longo do corpo. Começou a cobri-lo. Parou por um momento. Ele devia ficar encostado no fundo o máximo possível, para que não houvesse qualquer possibilidade de Samuel encontrá-lo, se resolvesse

revolver a terra mais uma vez. Teve a impressão de que, do jeito que colocara o corpo, os ombros estavam empinados demais.

A sepultura que escavara era larga, mas não profunda. Havia mais espaço nos lados do que para cima. Ela tentou ajeitar o corpo de outro jeito, esticando os braços para os lados, em ângulo reto com o corpo. Ficava melhor assim. Agora, ela podia cobri-lo e esquecê-lo. Em breve, muito em breve, a grama iria crescer por cima dele, escondê-lo para sempre, a existência dele procurada em outras partes, a ausência sentida em outros cantos. Mas não ali.

Não ali.

Ela voltou para a casa e dormiu. Seu futuro estava novamente garantido...

Foi somente algum tempo depois que ela descobriu que todos os seus planos eram inúteis. Passava os dias a observar constantemente o gramado nos fundos da casa, na expectativa de ver a grama começar a despontar, quase que totalmente esquecida do que havia por baixo. E a grama finalmente apareceu. Mas não muito bem. Aconteceu o que Samuel previra, pensou ela, desesperada. Nenhum gramado decente jamais haveria de existir naquelas montanhas de solo pedregoso e árido, de invernos inclementes. Mas um pouco de grama cresceu assim, lutando para encontrar o sol, uns tufos ali, outros mais adiante. Talvez houvesse uma esperança...

Uma manhã, depois de chover durante a noite toda, uma chuva de verão, ela olhou para o seu gramado e verificou que havia uma mudança. Bem no meio, havia toda uma extensão de grama muito verde, maravilhosa, densa, viçosa. E formava uma cruz, destacando-se entre os tufos débeis e anêmicos ao redor, desabrochando à brisa quente que soprava. Desabrochando...

O pessoal da cidadezinha volta e meia comenta a velha maluca que corta o seu gramado anêmico duas vezes por semana, todas as semanas. Desde que as primeiras folhas do gramado despontaram que ela nunca mais havia saído de casa, nem mesmo para tirar umas férias curtas. E nos longos anos que se seguiram, ela não deixou uma única vez, com chuva ou com sol, de cortar o seu gramado, duas vezes por semana...

Este Mundo Nojento...

Colly Babcock levou um tiro fatal na noite de 9 de setembro, numa viela entre as Ruas Valley e 29, no bairro de Glen Park, em São Francisco. Dois guardas, fazendo a ronda, avistaram-no no momento em que saía pela porta dos fundos da loja de bebidas Budget, carregando uma caixa de metal. Colly correu ao avistá-los. Os guardas saíram em sua perseguição, gritando-lhe que parasse, mas ele continuou a correr. Um dos guardas disparou um tiro de advertência. Mas como Colly não desse a menor atenção, o guarda resolveu disparar novamente. Mirou para baixo, querendo acertar nas pernas. Mas, na semiescuridão da viela, era de fato um tiro a esmo. A bala atingiu Colly na altura dos rins e ele teve morte instantânea.

Li a notícia na manhã seguinte, enquanto tomava café e comia uns ovos mexidos num barzinho na Rua Taylor, a um quarteirão e meio do meu escritório. A notícia estava numa página interna, concisa e fria. Era assim que ensinavam a escrever objetivamente nas escolas de jornalismo. Apenas os fatos, fatos frios e nada mais. Um homem morre, mas não passa de estatística, um nome em tinta preta, uma existência anônima a ser considerada por um momento e depois esquecida, da mesma forma que o café da manhã.

A menos que você o conhecesse.

A menos que ele fosse seu amigo.

Dobrei o jornal cuidadosamente e o meti no bolso do casaco. Levantei-me e abri caminho por entre a multidão de jovens de terno cinza e gravata listrada, moças em vestidos de lã apertados, casacos com cinto. Saí para a rua.

O ar cheirava a poluição. O vento soprava da baía e levantava a sujeira ao longo das sarjetas. Iria chover: em breve, mas a limpeza seria ineficaz e não duraria por muito tempo.

Segui na direção do meu escritório, o vento a bater-me no rosto.

— *Como está o emprego, Colly?*

— *Tudo bem.*

— *Sem problemas?*

— *Absolutamente nenhum.*

— *Não perca o emprego, Colly.*

— *Sou um homem novo.*

— *E honesto?*

— *Claro.*

O saguão do prédio estava frio, escuro e quieto. Na porta fechada do elevador estava pendurado um cartaz informando que não estava funcionando. Fui até a escada e subi para o segundo andar, atravessando o corredor até meu escritório. A porta estava destrancada. Abri-a e entrei.

A viúva de Colly Babcock estava sentada na cadeira diante da escrivaninha.

Fechei a porta. Nossos olhos se encontraram e assim ficaram, por um longo tempo. Depois, fui sentar-me atrás da mesa, de frente para ela.

— O zelador deixou-me entrar.

— Não há problema.

As mãos dela estavam cruzadas no colo. O vestido era preto.

— Já soube?

— Já, sim. O que posso dizer, Lucille?

— Você era amigo de Colly. Ajudou-o.

— Talvez eu não o tenha ajudado o suficiente.

— Ele não fez nada. Não roubou aquele dinheiro. Não cometeu todos aqueles assaltos, como eles estão dizendo.

— Lucille...

— Colly e eu estávamos casados há 31 anos. Não acha que eu saberia?

Preferi não dizer nada.

— Eu sempre soube — insistiu Lucille.

Fiquei olhando para ela, uma mulher alta e bonita... uma mulher forte. Havia força na boca firme, nos olhos redondos e castanhos, agora vermelhos de tanto chorar. Ela permanecera fiel a Colly Babcock durante duas sentenças de prisão, durante vinte e tantos anos de fugas, a se esconder, a olhar para trás a todo instante, sobressaltada. Ela realmente teria sabido...

— Os jornais dizem que Colly estava saindo pela porta dos fundos da loja, carregando uma caixa de metal. Encontraram 106 dólares na caixa. E a porta estava arrombada.

— Sei o que os jornais estão dizendo e sei o que a polícia está dizendo. Mas eles estão errados. Completamente errados.

— Ele estava lá, Lucille.

— Sei disso. Colly gostava de dar uma volta de noite. Fazia uma boa caminhada e tomava um drinque antes de voltar para casa. Isso ajudava-o a relaxar. Foi por isso que estava lá naquele momento.

Mudei de posição na cadeira, sem dizer nada. Lucille continuou:

— Colly ficava sempre nervoso quando se dispunha a fazer um serviço. Ficava irritado, não conseguia dormir. Era uma das coisas que me permitia saber.

— Ele não estava assim ultimamente?

— Você esteve com ele há algumas semanas. Foi essa a impressão que Colly lhe deu?

— Não.

— Estávamos felizes. Não tínhamos mais que fugir, não vivíamos mais na expectativa de a polícia aparecer a qualquer momento.

Senti a boca ressequida.

— E o emprego dele, Lucille?

— Deram um aumento a Colly na semana passada. Um aumento de 15 dólares. Fomos jantar fora para comemorar.

— Vocês tinham algum problema de dinheiro?

— Absolutamente nenhum. Já tínhamos até começado a economizar um pouco. — Ela fez uma pausa, mordendo o lábio. — Algum dia, iríamos para as Índias Ocidentais. Colly sempre quis viver lá, quando se aposentasse.

Olhei para as minhas mãos. Pareciam grandes e desajeitadas, pousadas em cima da mesa. Baixei-as para o colo.

— Os assaltos em Glen Park começaram há um mês e meio, Lucille. A polícia calcula que o total roubado varia entre três e quatro mil dólares. Pode-se ir perfeitamente para as Índias Ocidentais com esse dinheiro.

Lucille fitou-me firmemente.

— Não foi Colly quem cometeu esses assaltos.

O que eu podia dizer? Colly nunca fora um santo e ela sabia disso. Mas, desta vez, ele estava inocente. Todas as provas e palavras do mundo não iriam mudar essa opinião de Lucille.

Tirei um cigarro do bolso e demorei bastante para acendê-lo. O gosto deixou minha boca ainda mais ressequida. Sem olhar para ela, indaguei:

— O que deseja que eu faça, Lucille?

— Quero que prove que Colly era inocente. Quero que prove que ele não fez o que estão dizendo.

— Eu bem que gostaria, Lucille. E você sabe disso. Mas como posso fazê-lo? As provas...

— Ao diabo com as provas! — gritou ela, a boca tremendo subitamente, de emoção. — Estou-lhe dizendo que Colly era inocente! Não quero que ele seja enterrado com esta última mancha em seu nome!

— Lucille, escute-me...

— Não vou escutar coisa nenhuma! Colly era seu amigo. Você o defendeu perante a junta de livramento condicional. Ajudou-o a encontrar o emprego. Conversou com ele, deu-lhe conselhos. Colly era um homem diferente, um homem novo. E foi você que o ajudou a mudar. Vai ficar sentado aí a me dizer que ele jogou tudo fora por quatro mil dólares? Vai

ficar sentado aí deixando que eles o acussem por tais crimes, sem ter certeza se Colly era mesmo culpado? Ou será que não se importa?

Eu ainda não podia enfrentar os olhos dela. Fitei o cigarro que ardia lentamente entre meus dedos, vendo a fumaça subir, uma espiral cinza no ar frio do escritório.

— Eu me importo, Lucille.

— Pois então me ajude. Por Colly. Por seu amigo.

Um longo tempo se passou antes que eu dissesse:

— Está bem, Lucille. Verei o que posso fazer.

Ela levantou-se, de cabeça erguida, como sempre se postara. A raiva tinha desaparecido. Restava apenas a tristeza.

— Desculpe – disse ela. – Não queria que fosse assim.

— Não há por que pedir desculpas, Lucille – disse eu, levantando-me também. – Ele era seu marido.

Ela assentiu, a garganta se mexendo. Não havia mais nada que pudéssemos dizer um ao outro.

Disseram-me na chefatura que o Inspetor Eberhardt saíra, mas voltaria dentro de uma hora. Atravessei a Rua Bryant, passei por uma viela e fui sentar-me num café, onde tomei três xícaras e fumei seis cigarros. Passaram-se 45 minutos.

Quando saí novamente para a rua, havia começado a chover. Já não estava mais frio, mas o vento se tomara mais forte. As nuvens no céu estavam escuras, prontas para se despejarem sobre a cidade.

Entrei novamente no prédio da chefatura e subi no elevador. Desta vez, disseram-me que Eberhardt estava. Perguntaram pelo telefone se ele me receberia. Eberhardt disse que sim e deixaram-me passar.

Eberhardt vestia um terno marrom que parecia ter sido lavado numa tina cheia de barrela. A gravata estava torta, o botão do colarinho da camisa

faltando. O olho esquerdo estava quase fechado, a região em torno entre vermelha e roxa.

— Seja breve, está bem? — disse ele.

— O que aconteceu com seu olho?

— Bati numa maçaneta.

— Claro, claro...

— Você veio até aqui para matar o tempo ou está querendo alguma coisa? Não durmo há 38 horas e não estou com disposição para brincadeiras.

— Eu gostaria que me fizesse um favor, Eb.

— Claro. E eu gostaria de ter três semanas de férias.

— Eu queria dar uma olhada num relatório oficial.

— Você ficou doido? Vamos, saia logo daqui!

— Houve um tiroteio ontem à noite. Dois guardas de uma radiopatrulha mataram um homem que estava fugindo do local de um assalto, em Glen Park.

— E daí?

— O homem era amigo meu.

Eberhardt lançou-me um olhar curioso.

— Que amigo?

— Colly Babcock.

— Eu o conheço?

— Creio que não. Ele cumpriu duas sentenças em San Quentin, por assalto. Ajudei a mandá-lo para lá na primeira vez, quando ainda estava na polícia.

— Glen Park... É o lugar onde aconteceram todos aqueles assaltos.

— Isso mesmo. Segundo os jornais, a culpa de todos os assaltos foi atribuída a Colly.

— Só que você acha que ele não era o culpado.

— A esposa de Colly está convencida de que não foi ele. E eu me sinto propenso a pensar da mesma forma.

— Não posso deixá-lo ver nenhum relatório. E mesmo que pudesse, o caso não é meu, mas do Departamento de Roubos e Furtos.

— Você poderia usar sua influência.

— Poderia, mas não vou fazê-lo. Estou afundado até as orelhas num trabalho. Não tenho tempo para mais nada.

Levantei-me.

— De qualquer forma, obrigado, Eb. — Eu já estava com a mão na maçaneta quando ele me chamou. Virei-me. Sem olhar para mim Eberhardt disse:

— Se tudo correr bem, deixarei o serviço dentro de duas horas. Se eu por acaso passar pelo Departamento de Roubos e Furtos, verei o que posso fazer.

— Obrigado, Eb.

Ele não disse nada, pois já estava tirando o fone do gancho. Mas tenho certeza de que ouviu.

Encontrei Tommy Belknap num bar chamado Luigi's, na Mission.

Ele estava tomando uísque no balcão, a cabeça apoiada nas mãos, olhando para a parede. Na outra extremidade do balcão, havia dois homens de macacão, tomando cerveja e comendo sanduíches tirados de marmitas. No meio, havia uma velha com um xale branco, tomando vinho num copo comprido, que segurava com os dedos artríticos. Sentei-me no banco ao lado do Tommy e disse olá.

Ele virou-se lentamente, os olhos subindo. O rosto era pálido, anêmico, a cabeça calva brilhava de suor. Teve problemas em focalizar os olhos e esfregou-os com as costas da mão. Ele estava tocado e eu sabia por quê. Ao reconhecer-me, Tommy disse:

— Ei, não quer tomar um drinque?

— Agora não.

Tommy levou o copo aos lábios, com a mão trêmula. E murmurou:

— Colly está morto.

— Já sei.

— Eles o mataram ontem à noite. Deram-lhe um tiro pelas costas.

— Controle-se, Tommy.

— Ele era meu amigo.

— E meu também.

— Colly era um bom sujeito. Não tinham o direito de matá-lo daquele jeito.

— Ele estava assaltando uma loja, Tommy.

— Estava coisa nenhuma! — Tommy virou-se bruscamente, espetando-me o peito com o dedo. — Colly estava honesto, entendeu? Não tinha feito nada desde que saiu!

— Não mesmo, Tommy?

— Você sabe muito bem que não!

— Não foi ele quem cometeu aqueles assaltos lá em Glen Park?

— Já não lhe disse? Ele estava honesto!

— Quem foi então, Tommy?

— Não sei.

— Ora, Tommy, você está sempre circulando por aí. Deve haver alguma coisa no ar.

— Não há nada. Não sei de nada.

— Seriam garotos, Tommy? Uma quadrilha de bairro?

— Não sei, não sei...

— Mas não foi Colly? Você saberia se tivesse sido Colly?

— Colly estava sendo honesto. E agora está morto.

Ele afundou a cabeça entre os braços. O *bartender* aproximou-se. Era um homem gordo, com um bigode vermelho.

“Ei, Tommy não pode dormir aqui!”

“Colly está morto – balbuciou Tommy, as lágrimas escorrendo de seus olhos.

“Deixe-o em paz – falei para o *bartender*.

“Não posso deixá-lo dormir aqui.

Tirei a carteira e pus uma nota de um dólar em cima do balcão.

“Neste caso, sirva-lhe outro drinque.

O *bartender* fitou-me, depois olhou para a nota. Deu de ombros e afastou-se. Saí novamente para a chuva.

D.E. O’MIRA & COMPANHIA, Encanamentos por Atacado ocupava um prédio grande, de dois andares, que se estendia por três quartos de um quarteirão na Rua Berry.

Parei o carro na frente e entrei imediatamente. Logo na frente do escritório havia uma mesa telefônica, dentro de um cubículo envidraçado, no qual estava colado um cartão que dizia “Informações.” Lá dentro estava sentada uma moça de cabelos pretos, usando um vestido estampado, com um par de fones nos ouvidos.

Perguntei à moça se o Sr. Templeton estava. Ela disse que ele fora a uma reunião no centro da cidade e só voltaria no fim do dia. O Sr. Templeton era o gerente-geral, o homem com quem eu falara para arrumar um emprego para Colly Babcock, quando ele saísse de San Quentin sob livramento condicional.

Pensei em falar com um dos muitos vice-presidentes da companhia, mas concluí que eles não deviam ter muito contato com Colly. Como ele trabalhava no depósito, achei melhor conversar com seu supervisor imediato. Perguntei à moça onde ficava o escritório da expedição.

Ela apontou para uma porta à esquerda. Agradei e fui até lá. Passei pela horta e segui por um corredor estreito e escuro, indo sair no depósito. A minha esquerda, havia um balcão comprido. Por trás, havia diversas prateleiras de amostras e mais além incontáveis estantes com os mais variados artigos. Quatro ou cinco homens estavam de pé junto ao balcão e dois outros providenciavam os produtos pedidos nas relações que tinham nas mãos. Por uma porta aberta, pude ver a rampa de embarque e o pátio, onde estavam estacionadas várias picapes. À direita, havia um escritório envidraçado, com duas escrivaninhas, ambas desocupadas no momento. Ao lado havia outra sala, com uma bancada de trabalho comprida e diversas caixas empoeiradas, cheias de material imprestável. Entrei no escritório.

Um velho com uma calça marrom muito larga, colete também marrom e um chapéu desabado, que parecia tão velho quanto ele, estava atrás de um balcão estreito, do outro lado das duas mesas vazias. Um charuto de cheiro horrível dançava em sua boca, enquanto folheava alguns papéis.

Esperei um pouco, mas o velho não levantou a cabeça. Tossi finalmente e disse:

— Com licença...

Ele levantou a cabeça com visível irritação, fitou-me de alto a baixo e depois voltou a concentrar-se nos papéis.

— O que está querendo? – perguntou ele, enquanto rabiscava num dos papéis com um lápis.

— É o Sr. Harlin?

— Ele mesmo.

Disse-lhe quem era e o que fazia.

— Poderíamos conversar um pouco?

— Pode começar a falar.

— Em particular, se não se importa.

— Mas sobre o que está querendo falar, afinal?

— Colly Babcock.

Ele deixou escapar um resmungo, folheou os papéis novamente e depois fez-me um gesto para que seguisse em sua frente até a plataforma de embarque. Passamos por um rapaz louro, de macacão verde, que estava pondo algumas caixas de material numa picape. Passamos por outra porta e entramos num segundo depósito. O velho parou e virou-se para mim.

— Podemos falar aqui.

— Era o supervisor de Colly, não é mesmo?

— Era, sim.

— Fale-me a respeito dele.

— Não vai ouvir nada de ruim, se é isso o que está procurando.

— Não, não é o que estou querendo.

Ele pensou por um momento e depois deu de ombros.

— Colly era um bom trabalhador. Fazia tudo o que lhe mandavam, sem criar problemas. Do tipo quieto. Não era muito de falar.

— Você sabia que ele já tinha estado na prisão?

— Todos nós sabíamos. Mas ninguém jamais disse coisa alguma a Colly. Eu mesmo cuidei disso.

— Ele parecia satisfeito com o emprego?

— E muito. Nunca resmungava nem se queixava, se é a isso que se está referindo.

— Não teve atritos com nenhum dos homens?

— Não. Ele se dava bem com todo mundo.

Soou uma buzina neste momento e uma carregadeira apareceu, levando algumas pias. Saímos do caminho e a carregadeira passou por nós ruidosamente, indo para a plataforma. Eu disse ao velho:

— Importa-se de me contar sua reação ao que aconteceu?

— Não acreditei. Nenhum de nós acreditou. E ainda não tenho certeza se acredito.

Assenti.

— Colly tinha algum amigo em especial por aqui? Ele costumava almoçar sempre com o mesmo homem ou algo assim?

— Como eu disse antes, ele era muito retraído. Mas de vez em quando ia tomar uma cerveja com Sam Biehler, depois do trabalho.

— Será que posso conversar com esse Biehler?

— Por mim, não há problemas. — O velho fez uma pausa, mastigando o charuto. — Há alguma possibilidade de Colly não ter feito o que estão dizendo? Já sei de tudo o que os jornais publicaram, mas a gente nem sempre deve acreditar no que lê.

— Talvez haja, Sr. Harlin.

— Se eu puder ajudar em alguma coisa, basta me avisar.

— Obrigado.

Fui conversar com Sam Biehler, um homem alto e magro, com os cabelos prateados, que lhe davam uma aparência de distinção, mesmo de macacão.

— Não me importo de lhe dizer — declarou Biehler. — Não acredito em uma só palavra do que os jornais disseram. Eu precisaria estar lá, para ver com meus próprios olhos. E talvez não acreditasse nem mesmo assim.

— Ouvi dizer que você e Colly de vez em quando saíam juntos para tomar uma cerveja.

— Uma vez por semana, não mais do que isso, sempre depois do trabalho.

— Sobre o que conversavam?

— Principalmente sobre o trabalho, o que estava errado com a companhia, o que poderiam fazer para melhorar as coisas. Deve saber como a gente costuma comentar essas coisas.

— E conversavam sobre mais alguma coisa?

— Está querendo saber se falamos alguma vez sobre o passado de Colly?

“Exatamente.

“Só uma vez. Colly contou-me algumas coisas. Mas nunca lhe perguntei nada. Não gosto de me intrometer na vida dos outros.

“E o que foi que Colly lhe disse, Sr. Biehler?

“Que nunca ia voltar para a prisão, que não admitia mais a vida que levava antes. Disse que estava em paz com o mundo, pela primeira vez na vida. – Ele fitou-me, os olhos faiscando, como se me estivesse desafiando. – E quer saber de uma coisa?

“O que é, Sr. Biehler?

“Já estou neste mundo há 59 anos. Conheci uma porção de homens durante todo esse tempo. E dá para a gente sentir certas coisas.

Fiquei esperando e Biehler logo concluiu:

“Colly não estava mentindo.

Passei meia hora na Biblioteca Pública, no Centro Cívico, lendo números atrasados do *Chronicle* e do *Examiner*. Os assaltos em Glen Park tinham começado cerca de um mês e meio atrás e eu não lhes dera muita atenção na ocasião.

Depois que me inteirei dos detalhes noticiados, voltei para o escritório e telefonei para Lucille Babcock.

“A polícia acaba de sair daqui – disse ela. – Trouxeram um mandado de busca.

“Encontraram alguma coisa?

“Não havia nada para encontrar.

“O que eles disseram?

“Fizeram uma porção de perguntas. Queriam saber alguma coisa sobre contas bancárias e cofres particulares em bancos.

“Você cooperou?

— Claro.

— Ótimo.

Contei o que fizera durante toda a manhã e o que disseram as pessoas com quem conversara.

— Está vendo? — disse ela, quando eu terminei. — Ninguém que conhecia Colly acredita que ele seja o culpado.

— A não ser a polícia.

— A polícia... — repetiu ela, mas sem qualquer animosidade em sua voz.

Fiquei calado por um momento. Havia uma porção de coisas que eu desejava dizer, mas todas pareciam batidas e sem sentido. Acabei dizendo a Lucille que telefonaria novamente para ela e desliguei. Senti as palmas das mãos úmidas.

Tirei um cigarro do maço. Mas estava sem fósforos. Vasculhei a mesa, mas não encontrei nenhum. Guardei o cigarro no maço. Estendi a mão para o telefone. Mas antes que tivesse tempo de tirar o fone do gancho, a campainha soou. Atendi. Era Eberhardt.

— Já ia mesmo telefonar-lhe, Eb.

— Estou tentando falar com você há quase duas horas.

— Há alguma coisa que está querendo dizer-me?

— Pare de rodeios. Você sabe perfeitamente o que é.

— Está bem. Onde você está agora?

— Em casa.

— Posso passar por aí?

— Se conseguir chegar antes de meia hora. Depois disso, vou-me deitar. E minha esposa tem ordens para trancar todas as portas e janelas e tirar o fone do gancho.

— Estarei aí dentro de 20 minutos, Eb.

Eberhardt morava em Collingwood. A casa era pequena, pintada de branco, confortável, com um gramado bem-aparado, canteiros de flores. Para quem conhecesse Eberhardt, a casa era simbólica. Representa tudo o que um policial honesto e trabalhador se propunha a proteger. Imagino que ele também sabia disso. E se sabia, tenho certeza de que encontrava uma satisfação perversa no conhecimento. Eberhardt era assim mesmo.

Parei o carro junto ao meio-fio, subi pelo caminho e bati na porta. A mulher de Eberhardt, pequena, de cabelos vermelhos, com uma paciência impressionante, abriu a porta e deixou-me entrar, indagando como eu estava passando. Levou-me até a cozinha e depois foi embora, fechando a porta.

Eberhardt estava sentado à mesa, com um cachimbo na mão e uma xícara de café a sua frente. Sobre o olho machucado havia uma atadura que parecia ser trabalho de profissional.

— Sente-se — disse ele. — Quer um café?

— Obrigado.

Ele serviu-me uma xícara e depois apontou para um envelope pardo sobre a mesa. Depois, concentrou-se no cachimbo, fazendo um esforço deliberado para ignorar-me.

Dentro do envelope estava o relatório dos dois patrulheiros, Avinisi e Carstairs, que haviam atirado e matado Colly Babcock, surpreendido em flagrante no momento em que assaltava uma loja. Li-o cuidadosamente, detendo-me em duas frases sobre o subtítulo de “Objetos encontrados”. Ao terminar, tomei a guardar o relatório no envelope e deixei-o em cima da mesa.

Só então é que Eberhardt olhou-me.

— Descobriu alguma coisa?

— Há uma informação que não saiu nos jornais.

— E o que é?

— Encontraram uma garrafa pequena de Kesslers no bolso do casaco de Colly, dentro de um saco de papel.

Eberhardt deu de ombros.

— Era uma loja de bebidas, não é mesmo? Talvez ele tivesse metido a garrafa no bolso, ao sair.

— E tomou o cuidado de enfiá-la antes num saco de papel?

— As pessoas costumam fazer coisas esquisitas.

— É sim... — Tomei o café e levantei-me.

— Já está de partida?

— Estou, sim, Eb. Tenho algumas coisas a fazer.

— Está-me devendo um favor. Não se esqueça disso.

— Não esquecerei.

— Você e sua imaginação...

Parei o carro num estacionamento na Rua Chenery, a meio quarteirão do apartamento de três cômodos que Lucille e Colly Babcock tinham chamado de lar durante o último ano. Saí andando pela chuva, sentindo o frio no rosto. Subi os degraus de madeira até a porta do apartamento. Lucille atendeu na primeira batida.

Ela usava o mesmo vestido preto com que aparecera em meu escritório naquela manhã. Tive a impressão, ao fitá-la, de que passara a maior parte do dia sentada na mesma cadeira, no silêncio do apartamento vazio.

Trocamos cumprimentos e ela deixou-me entrar. Sentei-me numa cadeira velha, estofada em couro, ao lado da janela. Era a cadeira de Colly. Lucille disse:

— Quer alguma coisa?

Sacudi a cabeça.

— E você, Lucille? Já comeu alguma coisa hoje?

— Não.

— Tem que comer, Lucille.

— Talvez mais tarde.

— Está certo.

Fiquei girando o chapéu nas mãos, a fitá-lo. Desejava perguntar-lhe algumas coisas, mas não queria dar-lhe falsas esperanças. Tinha uma ideia, mas era apenas isso, ainda prematura demais.

Relatei minha conversa com Tommy Belknap e a visita que fizera à D. E. O'Mira. Quando julguei que podia apresentar a pergunta, sem despertar a curiosidade dela, tratei de indagar:

— Disse esta manhã que Colly gostava de dar um passeio de noite. Ele tinha o hábito de ir a algum lugar em particular ou seguia uma direção determinada?

— Não. Colly simplesmente gostava de dar uma volta. Às vezes ficava fora uma hora, outras chegava a se ausentar por duas horas.

— Ele nunca disse onde ia?

— Apenas que passeava pela vizinhança.

Pela vizinhança... A viela em que Colly Babcock fora morto ficava a 11 quarteirões daquele apartamento na Rua Chenery. Ele poderia ter seguido em linha reta ou se desviado para qualquer lado.

— Colly gostava de tomar um último drinque quando voltava desses passeios, não é mesmo?

— É, sim.

— Então ele mantinha uma garrafa aqui?

— Exatamente.

Continuei a rodar o chapéu.

— Poderia servir-me um drinque, Lucille?

Ela assentiu lentamente e foi até um armário perto da porta da cozinha. Abaixou-se, abriu a porta inferior e deu uma olhada. Empertigou-se um momento depois, dizendo:

— Desculpe. Nós... eu estou sem bebida...

Levantei-me.

— Não há problema. Já está mesmo na hora de eu ir.

— Para onde vai agora?

— Vou procurar algumas pessoas.

— Vai-me comunicar tudo o que estiver acontecendo?

— Claro, Lucille. — Fiz uma pausa. — Será que você tem alguma foto de Colly à mão?

— Acho que sim — disse ela, franzindo o rosto. — Mas por que você está querendo uma fotografia dele?

— Talvez seja necessário. Vou ter de falar com uma porção de pessoas.

Lucille pareceu satisfazer-se com tal resposta.

— Vou ver se consigo encontrar uma foto dele.

Fiquei esperando, enquanto ela entrava no quarto. Voltou um minuto depois, com uma foto de Colly, só a cabeça e os ombros, tirada naquela mesma sala. Ele estava sorrindo, com uma das sobrancelhas levantada, numa expressão zombeteira. Guardei-a no bolso e agradei a Lucille.

O céu parecia ter-se aberto, como o Mar Vermelho. Gotas de chuva tão grandes quanto bolinhas de gude caíam sobre a calçada. Ouviam-se trovoadas distantes, aproximando-se rapidamente. Ajeitei a gola do paletó em torno do pescoço e corri para o cano.

Entrei na loja de bebidas Tay's, na Rua Whitney. Fiquei parado junto à porta, pingando água no chão. Havia um aquecedor numa prateleira naquele local e permiti-me o luxo de alguns momentos a me aquecer. Só depois é que fui até o balcão.

Um jovem de camisa branca, com uma liga verde numa das mangas, levantou-se de um banquinho junto à caixa registradora e aproximou-se, exibindo os dentes.

— Está um tanto molhado lá fora — comentou ele.

— Não, pensei, está quente como o inferno. Mas disse apenas:

— Talvez você possa ajudar-me.

— Claro. Basta dizer qual é o seu veneno.

Ele transbordava de originalidade. Tirei a foto de Colly Babcock do bolso e mostrei-a.

— Já viu esse homem antes?

Ele fitou-me e perguntou, a voz ainda cordial:

— É da polícia?

Suspirei, mostrando-lhe minha identidade. Ele deu de ombros, examinou atentamente a foto. Os olhos se estreitaram, numa expressão pensativa.

— Tenho a impressão de que já vi mesmo esse cara...

Não me senti tão frio quanto no momento em que entrara. Há duas horas e meia que eu vinha palmilhando as ruas de Glen Park. Já visitara oito lojas de bebidas, dois supermercados que ficavam abertos a noite inteira, uma loja de artigos importados e seis bares que também vendiam garrafas. Nada conseguira, a não ser um iminente resfriado.

O rapaz ainda estava examinando a fotografia.

— Parece com o cara que estive aqui ontem à noite. Era até boa praça.

— A que horas foi?

— Por volta das onze e trinta.

Ou seja, 15 minutos antes de Colly Babcock ter sido morto com um tiro numa viela a três quarteirões e meio dali.

— Lembra-se do que ele comprou?

— Deixe-me pensar... Acho que foi um *bourbon*, de preço médio.

— Kesslers?

— Acho que foi isso mesmo, uma garrafa pequena de Kesslers.

— Obrigado. Qual é o seu nome?

— Ei, vamos com calma! Não estou querendo envolver-me em nenhuma confusão!

“Não se preocupe. Não é nada do que você está pensando.

Um tanto relutante, ele acabou dando-me o nome e endereço. Anotei em meu caderninho, agradei novamente e saí.

Agora, eu tinha algo mais do que apenas uma ideia.

“Eu devia arrebentar você – disse Eberhardt.

Ele acabara de sair do quarto, os olhos ainda enevoados de sono, os cabelos desgrehados, de pijama e com um roupão cor de vinho. A esposa estava ao lado dele.

“Desculpe tê-lo tirado da cama, Eb. Mas isto não podia esperar.

Ele disse algo que não entendi direito, mas a esposa ouviu perfeitamente. Ela apertou-lhe o braço de leve, manifestando assim sua desaprovação, depois virou-se e saiu da sala. Eberhardt foi sentar-se no sofá. Passou os dedos pelos cabelos, lançando-me um olhar furioso.

“Mas que diabo pode ser tão importante?

“Colly Babcock.

“Você não desiste, hem?

“Algumas vezes. Mas não desta vez. Não agora.

Contei-lhe o que descobrira na Tay’s. Eberhardt pensou um pouco, antes de dizer:

“Isso não prova grande coisa, apenas que ele comprou uma garrafa lá.

“Eb, se ele estava planejando assaltar uma loja de bebidas, acha mesmo que iria dar-se ao trabalho de *comprar* uma garrafa de *bourbon*, quinze minutos antes?

“Ele pode ter cometido o assalto num impulso súbito.

“Não era assim que Colly trabalhava. Quando ainda estava em ação, planejava todos os seus trabalhos cuidadosamente, com bastante antecedência.

— Ele estava ficando velho. E por isso tinha mudado. — Eberhardt estava procurando argumentar, mas é que não conhecera Colly.

— Há mais algumas coisinhas, Eb.

— Por exemplo?

— Andei lendo o noticiário sobre os assaltos. Todos se enquadram dentro de um padrão, Eb. A porta dos fundos arrombada, marcas na soleira e na fechadura. Um pé-de-cabra ou algo parecido. — Fiz uma pausa, deliberada. — Não encontraram nenhum pé-de-cabra com Colly.

— Talvez ele se tivesse livrado antes.

— E quando foi que teve tempo para isso? Apanharam-no quando ele estava saindo pela porta dos fundos.

Eberhardt passou a língua pelos lábios. Eu podia perceber que ele estava começando a ficar interessado.

— Continue.

— Pense um pouco no padrão dos assaltos, Eb. Portas arrombadas, gavetas vasculhadas, papéis espalhados por toda parte. Não havia impressões digitais, mas o negócio cheira a amadorismo.

Ele esfregou a barba incipiente no queixo.

— E Colly era um profissional.

— Ele poderia ter escrito um manual dos assaltantes, Eb. Era metódico, preciso. Não rebuscava uma loja. Sabia sempre o que estava procurando. E jamais mudou de método, Eb.

Eberhardt levantou-se e foi até a janela. Ficou parado ali, de costas para mim.

— Como acha então que foi?

— Imagine você mesmo, Eb.

Ele ficou calado por um longo tempo e depois disse, lentamente:

— Posso imaginar. Mas a ideia não me agrada. De jeito nenhum.

— E Colly? Acha que ele gostou?

Eberhardt virou-se abruptamente e foi ao telefone. Falou com alguém, depois com outra pessoa. Quando desligou, já estava desabotoando o roupão. Parou na porta do quarto e perguntou-me:

— Você quer ir comigo?

— Não, Eb. Não é o meu lugar.

— Espero que você esteja errado.

Fitei-o nos olhos.

— Espero não estar.

Eu estava sentado na escuridão do meu apartamento, fumando, quando o telefone tocou, três horas depois. Deixei tocar três vezes antes de atender.

— Você não estava enganado – disse Eberhardt.

Deixei o ar escapar dos pulmões lentamente, esperando.

— Avinisi e Carstairs – disse ele, com um tom de amargura na voz. – Estavam na Polícia há pouco mais de um ano. A velha história de sempre: contas a pagar, muitas horas de trabalho, pagamento insuficiente. Tiveram a ideia uma noite, quando estavam de serviço, fizeram uma experiência. Deu certo. Quem poderia imaginar que eram os próprios guardas?

— Lamento muito, Eb.

— Eu também.

— Teve muita dificuldade?

— Não.

— E Colly?

— Aconteceu o inverso. Ele estava atravessando a viela quando viu os dois saindo pela porta dos fundos da loja. Virou-se e saiu correndo. Os dois entraram em pânico. Avinisi acertou-o pelas costas. Quando foram dar uma olhada, Carstairs reconheceu-o das fotografias de assaltantes. Agora estão obrigando os novatos a darem uma olhada na galeria periodicamente.

— E pensaram imediatamente na possibilidade de escaparem impunes.

— Isso mesmo.

— Escute, Eb.

— Esqueça! Já sei o que você está querendo dizer.

— Não se pode evitar que, de vez em quando, apareçam dois tipos assim.

— Eu disse para esquecer.

— Está certo, Eb. Até a vista.

— Até a vista...

Ele desligou. Fiquei escutando o zumbido no fone por algum tempo. É um mundo nojento, pensei. Mas, às vezes, pelo menos há justiça.

Telefonei para Lucille Babcock e contei por que seu marido morrera.

Colly teve um lindo funeral.

O serviço religioso foi realizado numa pequena igreja no Bulevar Monterey. Havia muitas flores, principalmente rosas, amarelas e vermelhas, como Colly teria gostado.

Muitas pessoas compareceram. Tommy Belknap estava lá, assim como Sam Biehler, o velho Harlin e diversos outros funcionários da D.E. O'Mira. Havia também muitas pessoas que eu não conhecia. O assunto merecera o maior destaque nos jornais.

Surpreendentemente, para quem não o conhecesse, Eberhardt também compareceu. Lucille também estava, é claro. Ela sentou-se no primeiro banco, em frente do caixão, a meu lado, com os olhos secos. Era uma mulher e tanto.

Fomos para o cemitério, tranquilo e verde, em Colma. Ouvimos o sacerdote encomendar o corpo, vimos o caixão ser baixado à sepultura. Ao terminar, ofereci-me para levar Lucille em casa. Ela recusou, alegando que desejava fazer alguns acertos com o pessoal do cemitério, sobre flores que seriam plantadas na sepultura, a colocação de uma lápide.

Voltei para a igreja no Bulevar Monterey no carro fúnebre, ao lado do motorista. Eberhardt estava esperando ali, em seu carro. Fui até lá.

“Não gosto de enterros – disse ele.

“Nem eu.

“O que vai fazer agora?

“Ainda não pensei nisso.

“Vamos até minha casa. Minha esposa foi visitar a irmã e tenho uma garrafa de conhaque cheia. Talvez nos possamos embriagar.

Sentei ao lado dele.

É uma boa ideia...

Ei, vocês aí embaixo!

Calvin Spender tomou o café e limpou a boca com as costas da mão. Arrotoou ruidosamente e depois começou a encher o cachimbo de sabugo de milho com tabaco. Riscou um fósforo na mesa e levou-o ao cachimbo, sugando fundo, até que nuvens de fumaça acre saíam de sua boca.

Dora Spender estava sentada diante do marido, a comida a sua frente quase intacta. Ela tossiu de leve. Como o marido nem sequer franzisse o rosto, ela acabou dizendo:

— Vai escavar o poço esta manhã, Calvin?

Calvin fitou-a com seus olhinhos vermelhos, como se ela nem sequer tivesse falado.

— Comece logo a fazer o que tem de fazer, Dora. Você vai tirar a terra do buraco para mim.

— Está certo, Calvin.

Calvin tossiu e o pomo-de-adão sacudiu-se convulsivamente sob as dobras de pele em seu pescoço, vermelhas e flácidas. Ele levantou-se e saiu pela porta da cozinha, chutando perversamente o gato amarelo que estava deitado no degrau de fora.

Dora ficou olhando-o se afastar, perguntando-se, pela milésima vez, o que Calvin a fazia lembrar. Não era outra pessoa. Era uma coisa qualquer. De vez em quando ela tinha a impressão de que a resposta estava prestes a surgir bruscamente em sua mente, como acontecera no momento em que Calvin tossira. Mas a lembrança sempre parava um instante antes de atingir sua consciência. Era extremamente perturbador ter certeza absoluta de que Calvin parecia com alguma coisa e não saber exatamente o que era. Mas algum dia, pensou Dora, a resposta haveria de ocorrer-lhe. Ela se levantou

apressadamente e pôs-se a cuidar de suas tarefas.

Na metade do caminho entre a casa e o estábulo, havia um monte de terra em torno de um buraco. Calvin foi até a beira do buraco e olhou para baixo, com uma expressão de raiva. Somente a necessidade forçava-o a assumir tal tarefa. Mas tinha de escavar um novo poço ou então carregar barris e mais barris de água da fazenda de Nord Fisher, cerca de um quilômetro de distância, pela estrada.

Calvin não tinha muito gado, mas era impressionante a quantidade de água que consumia. Há duas semanas, desde que seu poço secara, que vinha trazendo água da fazenda de Nord. O trabalho se tornara ainda mais desagradável com as insinuações grosseiras de Nord sobre algum possível pagamento.

A alguns metros dá beira do buraco, Calvin fincara uma estaca de ferro, na qual estava presa uma escada de corda, que se tornara necessária quando o buraco atingira uma profundidade muito além das escadas de madeira que ele possuía.

Calvin esperava desesperadamente não ter que ir ainda mais fundo para encontrar água. Calculava já ter atingido uma profundidade de 15 a 18 metros, o que era o normal de quase todos os poços da região. Seu maior receio era encontrar uma camada de rocha, o que iria exigir os serviços de um equipamento de perfuração. Mas tanto seus recursos como seu crédito andavam baixos demais para isso.

Calvin pegou um balde, na ponta de uma corda comprida, e baixou-o pelo buraco. O trabalho de Dora, exaustivo, era suspender o balde, depois que Calvin o enchesse de terra, no fundo do buraco.

Praguejando, Calvin esvaziou o cachimbo e começou a descer pela escada de corda. Quando chegasse ao fundo e enchesse o balde, Dora já teria que estar ali em cima, a fim de suspendê-lo. Se ela não estivesse, iria arrepender-se amargamente.

Pela janela da cozinha, Dora viu Calvin descer pelo poço. Passou a trabalhar com uma pressa desesperada, a fim de concluir rapidamente suas diversas tarefas. Chegou à beira do buraco no momento mesmo em que um

grito abafado soou lá embaixo, indicando que o balde já estava cheio.

Recorrendo a todas as suas forças, Dora levantou o balde. Esvaziou-o e tornou a baixá-lo pelo buraco. Enquanto esperava pelo segundo balde, examinou o conteúdo do primeiro. Ficou desapontada ao descobrir que havia apenas a umidade normal da terra naquela profundidade, sem o menor indício da proximidade de água.

A sua maneira, Dora era profundamente religiosa. A cada décimo balde que levantava, ela murmurava uma prece para que contivesse mais água do que terra. Decidira rezar apenas de dez em dez baldes porque achava que não se devia importunar Deus a cada balde. E também variava as preces, achando que Deus acabaria entediado, se uma mesma prece fosse repetida interminavelmente.

Naquela manhã em particular, ao baixar o balde pela décima vez, ela rogou:

“Por favor, Deus, faça com que algo aconteça desta vez... algo realmente diferente, para que eu não precise mais levantar nenhum balde.

E algo aconteceu quase que imediatamente. No momento em que a corda em suas mãos afrouxou, indicando que o balde chegara ao fundo, ela ouviu um grito de terror saindo do buraco. A escada de corda sacudiu-se violentamente. Logo em seguida, Dora ouviu alguns balbucios de medo mortal, enquanto a escada de corda ficava toda esticada. Ela ficou de quatro à beira do poço e olhou para a escuridão lá embaixo.

“Calvin, você está bem? Aconteceu alguma coisa?”

Subitamente, de maneira desconcertante, Calvin emergiu da escuridão, literalmente disparando para fora do poço. O rosto dele não estava mais vermelho e sim um amarelo esverdeado. Ele tremia violentamente e tinha dificuldade em respirar.

Deve ser um ataque do coração, pensou Dora, tentando desesperadamente conter o impulso de alegria que a invadiu.

Calvin ficou deitado no chão, ofegando, até finalmente se recuperar. Em circunstâncias normais, Calvin não conversava com Dora. Mas, agora,

parecia ansioso em falar.

— Sabe o que aconteceu lá embaixo? – disse ele, a voz trêmula. – Sabe o que aconteceu? De repente, todo o fundo do buraco ruiu! E lá estava eu parado em pleno ar! Se não tivesse agarrado o último degrau da escada... Pelo jeito que o fundo caiu, o buraco deve ter pelo menos uns 300 metros!

Calvin continuou a falar, mas Dora não estava prestando atenção. Estava aturdida pela maneira como sua prece fora atendida. Se o buraco não tinha mais fundo, então ela não mais precisaria levantar o balde cheio de terra.

Depois de recuperar-se totalmente, Calvin foi até a beira do buraco e olhou para baixo.

— O que vai fazer, Calvin? – indagou Dora, timidamente.

— O que vou fazer? Vou descobrir até onde vai esse buraco! Vá buscar a lanterna na cozinha.

Dora afastou-se rapidamente para cumprir a ordem. Quando ela voltou, Calvin estava com um rolo de corda que fora pegar no barracão de ferramentas. Ele prendeu a lanterna na ponta da corda, acendeu-a e começou a baixar pelo buraco. Parou quando já tinha baixado uns 30 metros de corda. A luz era apenas um brilho fraco lá no fundo e não revelava coisa alguma. Calvin baixou mais 30 metros. A luz se tornou um minúsculo ponto na escuridão. Calvin baixou mais um pouco e mais e mais, até que a luz não era mais visível, a corda estava quase no fim.

— Quase 300 metros! – murmurou ele, aturdido. – E ainda não chegou ao fundo! – Acho que é melhor puxar.

Mas a corda não subiu quando Calvin a puxou. Ficou toda esticada, mas não subiu.

— Deve ter prendido em alguma coisa – murmurou ele, dando outro puxão.

Mas a corda não subiu também no segundo puxão. Pelo contrário, houve um puxão para baixo, que quase lhe arrancou a corda das mãos.

— Ei! – gritou Calvin. – Puxaram a corda lá de baixo!

“Mas Calvin...”

“Não fale nada! Estou-lhe dizendo que tem alguma coisa lá na ponta da corda!”

Ele deu outro puxão e novamente a corda foi quase arrancada de suas mãos. Calvin amarrou a corda na estaca de ferro e sentou-se, para pensar naquela situação inesperada.

“Não faz sentido – disse ele, mais para si mesmo do que para Dora. – O que poderia haver lá embaixo, a 300 metros de profundidade?”

Experimentalmente, ele puxou a corda mais uma vez. Desta vez não houve qualquer reação e ele suspendeu-a rapidamente. Não havia o menor sinal da lanterna, mas em seu lugar havia uma bolsa de um material que parecia couro.

Calvin abriu a bolsa com os dedos trêmulos e tirou uma barra de metal amarelo, juntamente com um pergaminho dobrado. A barra de metal não era grande, mas parecia pesada para seu tamanho. Calvin tirou o canivete do bolso e raspou o metal com a ponta.

“Ouro! – exclamou ele, a voz trêmula. – Deve ter quase meio quilo... E por uma lanterna vagabunda! O pessoal lá de baixo deve estar maluco!”

Ele meteu a barra de ouro no bolso e abriu o pergaminho. Um dos lados estava todo escrito. Calvin deu também uma olhada no verso e depois jogou-o no chão.

“Estrangeiros! Não é de admirar que não tenham o menor bom senso. Mas é evidente que estão precisando muito de lanternas lá embaixo.”

“Mas Calvin... como é que eles chegaram lá embaixo? Não existem minas nesta região!”

“Nunca ouviu falar dos projetos secretos do governo? – disse Calvin, desdenhosamente. – Deve ser um deles. Vou dar um pulo à cidade e comprar uma porção de lanternas. Devem estar precisando desesperadamente delas. E você fique vigiando o buraco. Não deixe ninguém chegar perto.”

Calvin encaminhou-se para a picape toda avariada que estava ao lado do estábulo. Minutos depois seguia ruidosamente pela estrada, na direção de

Harmony Junction.

Dora pegou o pedaço de pergaminho que o marido jogara no chão. Não conseguiu entender o que estava escrito. Era muito estranho, pensou ela. Se era mesmo um projeto secreto do governo, por que havia estrangeiros metidos naquilo? E por que precisariam tão desesperadamente de lanternas, a ponto de pagarem uma fortuna por uma?

Subitamente, ocorreu-lhe que o pessoal lá de baixo talvez não soubesse que havia gente que falava inglês ali em cima. Ela foi correndo até a casa vasculhou a escrivaninha escalavrada de Calvin à procura de papel e lápis. Em sua busca, encontrou também um pequeno dicionário, com muitas páginas rasgadas. Levou-o também para a mesa da cozinha. Dora não tinha muita facilidade em escrever as palavras corretamente.

Havia uma série de perguntas em seu bilhete. Por que eles estavam lá embaixo? Quem eram? Por que haviam pagado tanto dinheiro por uma lanterna velha?

Ao se encaminhar para o poço, ocorreu-lhe que talvez o pessoal lá de baixo estivesse com fome. Voltou à cozinha e enrolou um pedaço de pão e uma fatia grande de presunto num guardanapo limpo. Acrescentou uma frase ao bilhete, pedindo desculpas por não ter nada melhor para oferecer. Hesitou por um instante e depois concluiu que, sendo o pessoal lá de baixo obviamente estrangeiro, provavelmente não conhecia muito bem o inglês. O pequeno dicionário talvez fosse útil para ajudá-los a responder ao bilhete. Enrolou o dicionário junto com a comida, na toalha.

Levou um longo tempo para baixar o balde, mas finalmente sentiu a corda frouxa em suas mãos e compreendeu que o balde chegara ao fundo. Esperou um pouco e depois começou a puxar a corda, devagar. A corda continuou firmemente presa lá embaixo. Dora sentou-se na pilha de terra, para esperar.

O sol quente em suas costas era agradável e ela sentiu-se feliz por ficar sentada ali sem nada para fazer. Não receava que Calvin voltasse imediatamente. Sabia que nada sobre a terra – ou debaixo dela – poderia impedir que Calvin visitasse algumas tavernas, uma vez que estava na cidade.

E a cada taverna que visitava, o tempo se tornava algo mais e mais sem importância para ele. Dora duvidava que ele voltasse antes da manhã seguinte.

Meia hora depois, Dora deu outro puxão na corda, mas descobriu que continuava presa lá embaixo. Ela não se importou. Eram raras as ocasiões em que podia ficar sem fazer nada. Quando Calvin ia à cidade, geralmente enumerava uma série de tarefas que deveriam ser feitas durante sua ausência, acrescentando várias ameaças ao que lhe aconteceria, caso as instruções não fossem todas cumpridas.

Dora esperou outra meia hora antes de dar mais um puxão na corda. Desta vez, houve um puxão lá de baixo. Dora começou a suspender o balde. Parecia agora muito mais pesado e por duas vezes ela teve de parar e descansar. Quando o balde chegou à superfície, ela viu por que estava tão pesado.

“Santo Deus!” – exclamou ela, ao ver quase uma dúzia das barras de metal amarelo dentro do balde. – Eles devem estar com muita fome lá embaixo!

Havia também um pergaminho no balde e Dora pegou-o, esperando encontrar a mesma escrita estranha do bilhete anterior.

“Ora essa!” – disse ela, ao descobrir que o novo bilhete estava escrito em inglês.

As letras eram iguais às do dicionário e haviam sido escritas com um cuidado meticuloso. Ela leu o bilhete devagar, formulando cada palavra com a boca, silenciosamente, à medida que lia:

Sua língua é bárbara, mas o tosco livro de códigos que enviaram facilitou aos nossos sábios o trabalho de decifrá-la. Estamos muito curiosos a respeito de vocês. Como conseguiram superar o problema de viver sob a luz mortal? Nossas lendas falam de uma raça que vive na superfície, mas o raciocínio lógico levou-nos a ridicularizar tais histórias, até agora. Ainda duvidaríamos de que vocês fossem de fato habitantes da superfície, se nossos instrumentos

não confirmassem, sem a menor sombra de dúvidas, que a abertura acima de nós leva à luz fatal.

O tosco raio da morte que nos enviaram indica que o desenvolvimento científico de vocês é muito baixo. Além do fato de ser um artefato fabricado por outra raça, não tem o menor valor para nós. Enviamos o ouro apenas como um pagamento de cortesia.

A comida a que chamam de pão não é aceitável para nossos sistemas digestivos. Mas o presunto possui um valor inestimável. Trata-se evidentemente da carne de alguma criatura e pagaremos o dobro do preço em ouro por toda e qualquer quantidade que nos puderem mandar. Enviem mais, imediatamente. Queremos também uma história resumida de sua raça. Providenciem ainda para que seus melhores cientistas entrem em contato conosco.

Glar, o Mestre

Há Essa não! O pessoal lá de baixo é um bocado mandão! Não vou mandar mais nada! Além disso, se eu enviasse mais presunto, Calvin certamente iria perceber que está faltando!

Dora levou as barras de ouro para o canteiro de petúnias ao lado da casa e enterrou na terra preta e afofada. Não prestou a menor atenção ao barulho do carro passando pela estrada em alta velocidade, até ouvir o grito estridente das galinhas. Correu para a frente da casa, já sabendo o que acontecera. Ficou olhando desolada para as quatro *leghorns* brancas estendidas na estrada. Calvin iria acusá-la de negligência e espancá-la até que ficasse sem sentidos.

O medo fez com que tivesse uma ideia. Talvez pudesse dar sumiço nos corpos, de forma a que Calvin pensasse que tinham sido apanhadas por alguma raposa. Apressadamente, ela pegou as galinhas mortas e recolheu as penas espalhadas ao redor. Quando acabou, não havia o menor indicio do desastre.

Levou as galinhas para os fundos da casa, imaginando a melhor maneira de dar sumiço nelas. Subitamente, ao olhar para o buraco, percebeu como podia fazê-lo.

Uma hora depois, as quatro galinhas estavam depenadas e cortadas. Ignorando as outras instruções do bilhete, ela baixou-as dentro do balde.

Ficou sentada, desfrutando novamente o prazer de não fazer nada. Quando finalmente puxou a corda, sentiu uma resposta*imediata do outro lado. Desta vez, o balde estava pesado demais e Dora receou que a corda pudesse arrebentar. Estava exausta quando finalmente puxou o balde para a beira do buraco. Havia várias dezenas de barras de ouro e um outro bilhete, escrito com a mesma letra precisa do anterior.

Nossos cientistas são de opinião que a carne que nos enviaram pertence a uma criatura a que chamam de galinha. É um alimento supremo. Jamais comemos antes algo tão delicioso. Para demonstrar nosso agradecimento, estamos mandando um pagamento extra. O livro de códigos de vocês indica que existe uma criatura maior, semelhante à galinha, chamada peru. Mandem-nos peru imediatamente. Repito: mandem-nos peru imediatamente.

Glar, o Mestre

“Essa não! – balbuciou Dora. – Eles devem ter comido as galinhas cruas! Onde diabo vou agora arrumar peru?”

Ela enterrou as barras de ouro em outra parte do canteiro de petúnias.

Calvin voltou pelas 10 horas da manhã seguinte. Os olhos dele estavam injetados, o rosto avermelhado. A pele flácida do pescoço estava mais descaída que o habitual. E mais do que nunca ele lembrava a Dora alguma coisa que ela não conseguia determinar.

Calvin desceu da picape, e Dora se encolheu toda. Mas ele parecia muito cansado e preocupado para perder tempo com ela. Foi examinar o buraco com uma expressão sombria, depois voltou à picape e deu marcha à ré até a beira do monte de terra. Atrás da picape havia um guincho, com um tambor grande de cabo de aço.

“Vá preparar alguma coisa para eu comer – ordenou ele a Dora.

Dora foi correndo para a casa e começou a fazer presunto com ovos.

Esperava que Calvin entrasse a qualquer instante e indagasse, com alguns tapas, por que a comida estava demorando tanto. Mas Calvin parecia estar muito ocupado nas proximidades do buraco. Quando Dora saiu para avisá-lo de que a comida estava pronta, descobriu que ele já fizera uma porção de coisas. Prendera um tambor de óleo na ponta do cabo de aço, que estava preso ao guincho, por cima do buraco.

— A comida já está pronta, Calvin.

— Cale a boca!

O guincho era acionado por um motor elétrico. Calvin estendeu um fio do motor até um ponto de luz no alpendre. Tirou diversas caixas da cabina da picafe e colocou-as no tambor de óleo.

— Há cem lanternas aí – disse ele, soltando uma risadinha, mais para si mesmo do que para Dora. – Saiu a 59 *cents* cada uma. Mas isso é porcaria... uma barra de ouro pode comprar milhares.

Calvin apertou o botão que acionara o guincho. Aturdida, Dora compreendeu subitamente a coisa terrível que iria em breve acontecer. As criaturas lá de baixo não tinham o menor uso nem davam a menor importância a lanternas!

O tambor desceu rapidamente, com o cabo de aço guinchando. Calvin pegou uma lata de óleo na picafe e despejou generosamente sobre o cabo e o guincho. Não demorou muito para que o cabo ficasse frouxo. Calvin parou o guincho e disse:

— Vou dar uma hora para eles carregarem o ouro.

E ele foi para a cozinha, a fim de comer o que Dora preparara. Ela estava praticamente em estado de choque. O que aconteceria quando as lanternas voltassem, com um bilhete insultuoso em inglês, era terrível demais para sequer pensar. Calvin sabia do ouro que ela já recebera e era bem provável que a matasse de pancada.

Calvin comeu devagar. Dora ocupou-se com as tarefas domésticas, esforçando-se ao máximo para não pensar na tragédia que iria em breve ocorrer.

Finalmente, Calvin olhou para o relógio na parede, bocejou e esvaziou o cachimbo. Ignorando Dora, foi até o buraco. Apesar do medo terrível que sentia, Dora não pôde deixar de segui-lo. Era como se alguma força estranha a obrigasse a ir também.

O guincho já estava em movimento quando ela chegou ao buraco. Teve a impressão de que se passaram apenas alguns segundos quando o tambor de óleo apareceu. Sorrindo, Calvin estendeu a mão e puxou o tambor para a beira do buraco. Quando ele olhou, uma expressão de incredulidade substituiu o sorriso. O pomo-de-adão parecia vibrar e mais uma vez Dora se perguntou com o que ele era afinal parecido.

Calvin estava emitindo uivos angustiados, como um bezerro desmamado. Suspendeu o tambor de óleo e despejou o conteúdo no chão. As lanternas, muitas amassadas e com o vidro quebrado, formaram uma pilha de tamanho considerável.

Desferindo um tremendo pontapé, Calvin espalhou-as em todas as direções. Uma delas, com um bilhete preso, foi cair aos pés de Dora. Ou Calvin estava tão cego pela raiva que não viu o bilhete ou então presumiu que estava escrito na mesma linguagem indecifrável do primeiro.

“Ei, vocês aí embaixo! – gritou ele para o buraco. – Não passam de uns porcos nojentos! Mas vou dar um jeito em vocês! Vão-se arrepender de me terem traído! Eu... eu...”

Ele saiu correndo para a casa, e Dora, apressadamente, pegou o bilhete e leu:

Vocês são ainda mais estúpidos do que havíamos imaginado. Esses toscos raios da morte não têm a menor utilidade para nós. Já informamos isso. Queremos peru. Mandem-nos peru imediatamente.

Glar, o Mestre

Ela amassou o bilhete apressadamente, quando Calvin saiu da casa com a espingarda de cano duplo. Por um momento, Dora pensou que ele sabia de tudo e ia matá-la.

— Por favor, Calvin...

— Cale a boca! Você já me viu pôr o guincho em movimento. Pode fazer isso?

— Posso, sim. Mas o que...?

— Escute aqui, sua idiota! Vou descer até lá embaixo e dar uma lição naqueles estrangeiros nojentos! Quero que me baixe até lá embaixo e depois me suspenda! — Ele agarrou Dora pelo ombro e acrescentou: — E se você fizer alguma besteira, vou dar também uma lição em você! E vai ser a última!

Dora assentiu, aturdida.

Calvin pôs a espingarda dentro do tambor de óleo e empurrou-o para o buraco. Depois, segurando no cabo, ele entrou no tambor.

— Dê-me só uma hora para dar um jeito naqueles ratos nojentos e depois pode suspender-me!

Dora ligou o guincho e o tambor começou a descer. Ela passou quase que toda a hora seguinte a rezar para que Calvin não encontrasse as pessoas lá de baixo e se tomasse assim um assassino.

Uma hora depois, Dora tornou a ligar o guincho, suspendendo o tambor. O motor trabalhava resfolegando, como se estivesse fazendo uma tremenda força. O cabo de aço parecia esticado quase ao ponto de arrebentar.

Dora ficou atordoada quando o tambor finalmente aflorou à superfície. Calvin não estava à vista! Ela desligou o motor e correu até a beira do buraco, esperando encontrar Calvin agachado lá dentro. Mas Calvin não estava lá. Em vez disso, havia incontáveis barras de ouro e um bilhete por cima, no pergaminho que já lhe era agora familiar.

— Santo Deus! — exclamou Dora, ao ver o conteúdo do tambor.

Ela não tinha a menor ideia do valor daquele tesouro fabuloso. Sabia apenas que devia ser muito alto. Cuidadosamente, ela pegou o bilhete, escrito com a mesma letra precisa de sempre. E leu-o:

Nem mesmo o sabor delicado da galinha se compara à delícia do peru que nos enviaram. Temos de confessar que nossa ideia de um

peru era bastante diferente, mas isso não tem nenhuma importância. O peru era tão delicioso que estamos novamente mandando um pagamento extra Imploramos que nos mandem mais peru imediatamente.

Glar, o Mestre

Dora leu o bilhete uma segunda vez, para ter certeza de que o compreendia plenamente. E depois disse para si mesma, espantada:

Ó Ora essa! Mas então era isso!

A Mosca e o Caixão

Uma mosca zumbiu sob o olho cego. Parecia um avião mergulhando na direção do bosque, por um instante muito perto e depois se afastando pelo vale abaixo. Hanford ficou imóvel, tentando não respirar. Sabia que, se o fizesse, a dor seria lancinante, como a dor que sentira com a explosão da espingarda.

Fora um acidente. Hanford tinha certeza disso. Só não podia ainda recordar como nem onde. Mas agora sentia-se plenamente desperto, leve o bastante para flutuar.

Cautelosamente, tentou abrir um olho, para observar a mosca, sabendo que estava pousada na janela, ainda adejando as asas. Era uma mosca varejeira, que viera pôr seus ovos nas entranhas dele, para apressar a decomposição do corpo que ele arrastara pelos campos, até o estábulo. Aquele corpo o servira muito bem, permitindo-lhe ganhar a vida com a velha fazenda e descobrir a alegria de estar vivo. Mas não o ajudara a tornar-se um fazendeiro bem-sucedido.

A luz da manhã possuía uma estranha intensidade, a mesma que costuma afetar uma semente enterrada no solo. Ele ainda era muito moço para estar deitado dentro daquele caixote, revestido de cetim branco. O filho, Shean, precisava de alguém para orientá-lo. E Betty ainda era jovem o bastante para casar-se de novo. Doía só de pensar nisso.

Agora, por cima da beira do caixote, ele podia avistar a mosca. Era fêmea, grande e verde. As asas brilhavam à luz do sol. Estava perto o suficiente para que a esmagasse. Ele estendeu a mão rapidamente.

O movimento levantou-o do caixote e descobriu que estava flutuando. A princípio, foi um pouco estranho e difícil mover-se como uma nuvem. Era, no entanto, mais fácil que usar uma muleta, como tivera de fazer quando seu

primeiro trator rolara da colina e quebrara sua perna.

Estava-se deslocando na direção da parede e fechou os olhos, esperando o impacto. Em vez disso, passou direto, como se não existisse coisa alguma ali. Lá fora, ao sol, contornou uma árvore, como se estivesse deslizando num carrossel de nada.

Na segunda volta, viu o casal chegando no sedã, que foi parar junto ao portão do jardim. Compreendia agora que fora o barulho do motor do carro que o despertara. Foi até o portão para ver quem eram.

E foi nesse momento que avistou o filho Shean saindo do galinheiro com dois baldes cheios de ovos. Hanford devia recordar-se de advertir o filho a retirar os ovos pelo menos duas vezes por dia, com aquele calor.

Rolando de lado e ainda ouvindo o zumbido da mosca varejeira no vidro, Hanford reconheceu os visitantes: a irmã de sua esposa, Elizabeth, e o marido dela, Matt Burr. Vinham certamente para o velório.

“Mamãe está esperando na sala, Tia Bess – disse Shean, largando no chão os baldes com ovos. Hanford notou o logotipo amarelo nas costas da blusa azul de Shean: Futuros Fazendeiros da América.

A mulher abriu os braços para apertar o menino.

“Mas que coisa terrível que aconteceu! – disse ela.

Shean esquivou-se rapidamente, empurrou para trás os cabelos vermelhos rebeldes e gesticulou na direção da porta da cozinha. O marido de Elizabeth, procurando disfarçar o constrangimento, estendeu a mão para um dos baldes.

“Deixe-me ajudá-lo a guardar esses ovos, Shean.

“Pode deixar, Tio Matt.

O filho de Hanford pegou os dois baldes e encaminhou-se para o porão. O marido de Elizabeth gritou-lhe, enquanto se afastava:

“Gostaria de ver como estão indo aquelas macieiras que você plantou no ano passado, quando estava na escola secundária!

No momento em que Elizabeth abriu a porta lateral, uma rajada de vento atingiu Hanford, impelindo-o, leve como uma paina, até o barracão de

ferramentas, onde ficou pairando por cima do telhado.

O marido de Elizabeth, esperando Shean sair do porão, fazia com que Hanford se recordasse do centurião que dissera a Jesus que estava acostumado a comandar os outros homens. Nascido num gueto de Brooklyn, ele aprendera a subir montando nas costas dos outros, até tomar-se o chefe absoluto em sua fábrica. Só não mandava em sua própria casa.

Shean saiu do porão, trazendo a espingarda de Hanford. Shep, o *collie*, levantou-se de debaixo de uma moita de lilás, o rabo abanando como o metrônomo que Betty mantinha em cima do órgão na sala. Shean seguiu na frente, subindo a trilha que passava pela cerejeira, na direção do silo e do velho estábulo vermelho. Hanford ficou admirado de não o estarem vendo, suspenso ali no ar, por cima do cata-vento.

O cachorro levantou o focinho e farejou. Depois, para demonstrar o seu desdém por gente que flutuava no ar, ao invés de caminhar sobre a terra como as pessoas normais, o cachorro levantou uma das pernas e regou um arbusto ao lado.

No estábulo, a bezerra de Shean levantou a cabeça do feno e encostou o focinho no portão da baia, para receber a carícia do menino. Shean disse:

“Ela deve dar cria por esses dias, Tio Matt.

Matthew Burr estendeu a mão para afagar o pescoço da bezerra, mas ela recuou rapidamente, sacudindo a cabeça e observando-os. Flutuando sobre a pilha de feno, Hanford riu para si mesmo, satisfeito, por ver a bezerra afastando-se instintivamente do marido de Elizabeth.

“Mas por que uma Jersey, Shean? – indagou Burr.

“Está parecendo até meu velho, Tio Matt. Não sabe que compensa ter um aumento de quatro por cento na gordura do leite?

“Isso faz algum sentido. O que tem feito para modernizar o estábulo?

“Venha comigo que lhe mostrarei a máquina de ordenhar e os depósitos de aço inoxidável.

Seguiram para a área em que estavam as fileiras de baias. Hanford preferia não segui-los, para não ter de ouvir o que Burr iria dizer a respeito

das modernizações ali introduzidas. O filho comprara tudo aquilo contra a sua vontade, endividando-se cada vez mais. De certa forma, Hanford sentia que não mais pertencia a tudo aquilo.

Ele estava começando a aprender o jeito de melhor flutuar no ar. O truque era desejar intensamente estar em algum lugar, limitando-se a descansar no espaço, sem fazer nada, como boiar de costas quando se está na água. Lá em cima, ele podia ouvir tudo o que diziam.

— Meu velho achava que se podia ordenhar melhor as vacas com as próprias mãos, do jeito como sempre se fez na Irlanda. — A voz de Shean ecoava suavemente pelo estábulo e deslizava pela parede de pedra junto ao cocho.

— Mas sua mãe... ela estava do seu lado, não é mesmo? — A voz de Burr era provocante, sondando, tentando definir todos os fatos. Era preciso padronizar isto, tomar aquilo automático. Com isso, o problema estava resolvido.

Os dois estavam de novo fora, passando diretamente abaixo dele e seguindo para o pomar. As velhas árvores tinham morrido e Hanford as derrubara sozinho, transformando-as em lenhas. O filho plantara o novo pomar naquela mesma encosta, com a ajuda do agente agrícola do condado, num projeto financiado.

Hanford fora contra o projeto. O leite dava bom dinheiro e as vacas devolviam todo o vigor ao solo. O novo pomar teria de ser pulverizado com todos aqueles venenos novos, que matavam o gorgulho e as lagartas. Mas os venenos ficavam impregnados no solo e com o tempo filtravam-se até o poço, chegando até a horta. A ciência pode ir muito longe, dissera o Avô Scanlon a Hanford quando ele era pequeno, ao passearem nas tardes de domingo.

— Meu velho adorava este lugar, assim como era — Shean estava dizendo. — E queria que continuasse como fora no tempo do pai e do avô dele.

Shean caminhava em passadas longas, da maneira como um rapaz de fazenda aprende a andar, para não pisar nos suíços abertos pelo arado. E pelo resto da vida ele continua a caminhar assim.

“Ele parecia até estar fora da realidade da vida – comentou Burr. O tom com que ele falava era como se explicasse por que se tornava necessário despedir um dos seus contadores, agora que o número de empregados passara de 50 e a folha de pagamento podia ser entregue a uma máquina que se encarregaria inclusive de preencher os cheques.

Elizabeth escrevera a Betty sobre os métodos e equipamentos que o marido instalara na fábrica para ganhar tempo e dinheiro. Mas a esposa jamais se queixara a Hanford, nunca insinuara que ele não estava acompanhando aquela coisa a que davam o nome de progresso. Era por isso que ele continuava a acreditar nela, amando-a mais do que nunca, sentindo o calor dela embalá-lo nas noites frias da velha fazenda.

Lá embaixo, o menino e o homem caminhavam por entre as fileiras de árvores ainda em crescimento. Shean parava de vez em quando, esfregando uma fruta verde com a manga da camisa azul.

“Elas já estão começando a amadurecer, Tio Matt.

“Quantas vezes tem de pulverizá-las?

Hanford não conseguiu ouvir a resposta de Shean. Deslizando sobre as copas das árvores, a barriga roçando nas folhas verdes e macias, ele podia sentir a fricção a queimar-lhe o peito, como cal virgem a passar pela camisa.

Ali em cima, mais alto que o cume da serra, a fazenda parecia um brinquedo, com sua casa antiga de troncos, o estábulo vermelho, as manchas brancas e pretas do gado Holstein pastando ao longo do córrego. A vegetação impedia que a terra deslizasse para o fundo do vale. As vacas enriqueciam a terra, devolvendo tudo o que tiravam e mantendo assim o equilíbrio. Era uma contabilidade perfeita com o tempo, muito maior do que as máquinas de processamento de dados de Burr jamais poderiam atingir. A vida ali era mais simples, zombando de todo o furor com que se fabrica mais e mais aço, moldando-o em engrenagens e máquinas de todos os tipos, carros, geladeiras, tampinhas de garrafa. O absurdo de tudo isso fez com que Hanford soltasse uma gargalhada.

Ao ressoar da gargalhada, Shean levantou a cabeça, olhando para o céu, por entre as árvores. Por um momento, Hanford julgou que o filho o

estava vendo, flutuando no ar.

— As trovoadas estão-se aproximando – disse Shean a Burr. – Acho melhor voltarmos logo para casa.

— Ouvi um som estranho...

Burr levantou a cabeça, de rosto franzido, olhando na direção de Hanford, como se ordenasse que voltasse à terra e fosse um homem novamente. Burr dissera-lhe muitas vezes:

— Você ganharia muito mais em um ano, trabalhando para mim, do que vai conseguir arrancar desta fazenda pelo resto de sua vida.

Você já tentou isso antes, pensou Hanford, apresentando ofertas tentadoras através da irmã de minha esposa. E agora vai tentar seduzir meu filho. Mas nada conseguirá, a menos que ele não tenha nas veias uma só gota do meu sangue rebelde irlandês.

— Posso arrumar-lhe um emprego na fábrica, Shean. – Burr caminhava rapidamente pelos campos, quase tropeçando nos sulcos deixados pelo arado, tentando acompanhar as passadas largas do menino.

Shean seguia na frente, a espingarda equilibrada no gancho do braço. Do outro lado do campo, soou um latido estridente. Um coelho saiu em disparada do bosque, vindo na direção deles. O menino levou a espingarda ao ombro. Houve a explosão e uma nuvem de terra levantou-se alguns palmos à frente do coelho, que virou em outra direção e correu em ziguezague até desaparecer novamente no bosque. O cachorro saiu correndo do bosque, a língua de fora, na expectativa de encontrar o corpo inerte do coelho.

— Você errou. – Burr estava criticando Shean, da mesma forma que o faria na primeira vez em que o menino deixasse passar uma engenhoca defeituosa na linha de montagem.

Mas Hanford sabia perfeitamente o que acontecera. Shean errara deliberadamente, querendo simplesmente afugentar o coelho. Ele detestava matar qualquer animal, assim como a mãe.

Hanford ficou observando Shean abrir o cano, tirar a cápsula deflagrada e soprar, como fora ensinado. Não era preciso explicar duas vezes

a um irlandês que devia manter sua arma em perfeitas condições.

Os dois chegaram à cerca do milharal. Hanford baixou o mais possível na corrente de ar quente que descia do cume, para ouvir o que iriam dizer. Fora naquele local que estivera com a arma pela última vez, segundo se recordava. Fora no dia anterior ou uma semana antes? Ou fora além de um tempo objetivo? Mas fora ali. Ele tinha certeza quase absoluta.

— Foi aqui que o encontrei ontem — disse Shean, como se estivesse pensando nisso quando mirara deliberadamente alguns palmos antes do coelho.

— Bem aqui? — indagou Burr, olhando para uma mancha meio marrom junto à cerca. Ele sempre fazia questão de saber todos os fatos com exatidão.

— Parecia até que ele não sabia passar por cima de uma cerca. — Shean entregou a arma ao marido de Elizabeth e acrescentou: — Segure isto um instante, Tio Matt, enquanto tiro o último travessão.

— Acha que o gatilho prendeu em alguma coisa? — indagou Burr.

Hanford teve a sensação de que era muito importante ouvir o que o filho tinha a dizer. Mas no momento em que Shean passava por cima da cerca, um raio foi atingir uma árvore no bosque. O impacto impeliu Hanford para longe, numa lufada de ar quente. Quando conseguiu finalmente se recuperar, Hanford estava flutuando muito alto, as vacas pontos minúsculos lá embaixo. Sacudiu as protuberâncias que eram seus braços, como se fossem asas. A chuva estava agora caindo através dele e Shean e Burr corriam pela horta na direção da casa.

Hanford flutuou atrás deles, encontrando alguma dificuldade em acompanhá-los. Sentia que algo estava-se esvaindo dele, da mesma maneira como a água levava os sais da terra, deixando-a infecunda.

Hanford esgueirou-se silenciosamente pelas fendas entre os troncos que o avô colocara, ao se fixar ah, 150 anos, fugindo da grande fome na Irlanda.

Elizabeth estava sentada na cadeira de balanço junto à janela, de frente para Betty, de pé, ao lado da porta, como se vigiasse o caixão. Burr

acomodara-se na poltrona de couro de Hanford, herança de um Scanlon. As pernas de Burr estavam esticadas, como se desejasse descansar os pés, depois de escalar a encosta. Shean não estava na sala. Provavelmente fora para o estábulo, a fim de verificar se a bezerra Jersey já tivera cria.

Ao invés de retomar ao caixão, através do tampo preto, Hanford foi pousar sobre uma teia de aranha, a um canto do teto. A teia era macia e dali podia observar a todos, até mesmo ouvir-lhes a respiração. Pela maneira como o dedo de Elizabeth derrubou a cinza do cigarro comprido, Hanford compreendeu que a irmã de sua esposa tinha algo a dizer antes de Shean chegar e aproveitaria aquele momento, em que o marido estava ali para servir de testemunha.

“Matthew está disposto a comprar a fazenda. – Elizabeth levantou a cabeça para o canto do teto, como se visse Hanford deitado ali, sobre a teia de aranha. Deu de ombros. Parecia até ter sentido um calafrio. Passou a mão diante dos olhos, para afastar a fumaça que subia de seu nariz.

Betty sentou-se rapidamente, da maneira como um bezerro tomba, quando o carnicheiro o atinge com o malho. Ele já a vira desmoronar assim antes, quando um raio atingira o velho estábulo, logo depois de terem colhido o feno. Tudo pegara fogo, o feno e os cereais ali guardados, até mesmo o gado. Só escapara a casa. Era verão e Betty estava grávida de Shean.

Hanford procurou ajeitar-se da maneira mais confortável possível sobre a teia de aranha. Sentiu-se subitamente muito cansado, querendo acomodar-se na poltrona em que Burr estava. O homem estava esperando a reação de Betty à oferta de comprar a fazenda. Betty e o menino se mudariam para a cidade. Shean poderia ter um emprego na linha de montagem, como já lhe oferecera antes, quando tinham conversado junto à cerca, Burr segurando a espingarda que tinha um papel de destaque naquela reunião de família.

“Da maneira como o mundo está mudando – disse Burr – o jeito é a gente estar sempre na frente das coisas.

Deve ser assim que ele pensa, que a mudança é tudo na vida, que sempre é para melhor. Hanford sacudiu a cabeça. Mas sabia agora que nenhum deles procuraria sua orientação. Ele não passava de um fazendeiro

antiquado, orgulhoso de seus acres. Apesar de não ser muito rendosa, aquela terra o sustentara, à esposa e ao filho. Isto é, até o acidente.

A mosca varejeira estava novamente zumbindo pela sala, em protesto por não ter acesso ao interior do caixão. Parecia carregada de ovos, as larvas que iriam assegurar a decomposição do corpo de Hanford.

— Você estará melhor vivendo numa casinha em Somerset. — Elizabeth apagou o cigarro vigorosamente na beira do jarro e atirou a ponta entre os pequenos juncos que ali estavam plantados, como a dizer que já estava tudo acertado, tudo resolvido.

A porta se abriu neste momento e Shean apareceu, emoldurado pela luz, o típico garoto de fazenda. Os cabelos vermelhos estavam escorrendo água, o rosto estava salpicado de lama.

— Mamãe, Betsy acabou de ter cria! Não é maravilhoso? — Ainda sorrindo, ele virou-se para o marido de Elizabeth. — Tem que ir até lá para dar uma olhada, Tio Matt!

— Não, obrigado. Não vamos poder demorar. — Burr estava agora empertigado, como fazia quando estava prestes a confirmar uma decisão sua para os diretores da fábrica.

Elizabeth reagiu imediatamente à deixa do marido, olhando primeiro para o caixão e depois para o rapaz.

— Matthew vai cuidar para que você progrida rapidamente na fábrica. E pode ser até que um dia a fábrica seja sua.

Hanford virou de lado sobre a teia de aranha para observar o rosto do filho. Shean dava a impressão de que não havia entendido direito a perspectiva maravilhosa que o tio rico lhe oferecia.

O *collie* passou por Shean, olhou para trás uma vez e foi deitar-se aos pés de Betty. Era uma atitude que parecia indagar: E eu, quem me vai dar de comer?

— Eu não gostaria de trabalhar em sua fábrica — declarou Shean. — Esta é a minha fazenda. Pertenço a este lugar.

— Que vergonha, Shean! — disse Betty. — Matthew está apenas querendo

ajudar-nos e não ficar com a fazenda.

“A fazenda não está à venda.

Os olhos de Shean pareciam estar fixados na tampa preta do caixão a um canto, como se estivesse fazendo uma promessa solene.

“Pense nisso e se por acaso mudar de ideia... – O marido de Elizabeth levantou-se. A cabeça dele quase encostou em Hanford. Tirando um pouco de teia de aranha que lhe ficara na cabeça calva, Burr saiu da sala, decidido.

Adeus, adeus. Hanford quase caiu da teia de aranha, de tanto rir de alegria. O filho era, em tudo e por tudo, um irlandês independente.

Betty ainda ficou na sala por um momento. Passou a mão levemente pela tampa do caixão e depois foi abaixar a persiana, como uma cortina caindo sobre o último ato.

Depois que ela saiu, Hanford ficou esperando o barulho do motor do carro. Quando o carro arrancou, as vidraças tremeram, como acontecia a cada trovoadas distante. A mosca varejeira recomeçou seu zumbido frustrado, recordando a Hanford o que tinha de fazer.

Podia sentir os espaços abertos, limpos pela chuva, como a lufada de ar frio quando abria a porta do refrigerador em que guardava os ovos, no porão. Ainda podia ouvir o padre ajoelhando-se a seu lado, murmurando as palavras da extrema-unção. Recordou-se em seguida de seus próprios murmúrios, a língua engrolada, o fogo a consumi-lo por dentro. Passara o dia inteiro bebendo no estábulo, sem nem mesmo se dar ao trabalho de ordenhar as vacas. Gastara o dinheiro dos ovos com um pouco de diversão, querendo esquecer com uma garrafa de uísque irlandês, o melhor que havia.

Shean voltara quando estava começando a escurecer. O rapaz desperdiçara quase que o dia inteiro numa reunião dos plantadores de maçã do condado, em Bedford. Insistira para que Hanford o acompanhasse até a encosta em que ficaria o novo pomar. O que deixara Hanford mais irritado fora a loucura de comprar mais mil mudas de macieira Delicious com um empréstimo no banco, a conselho do agente agrícola do condado, ficando ainda mais endividado. Para Hanford, isso não fazia o menor sentido.

Foram discutindo a caminho da encosta. Ao chegarem à cerca, a raiva de Hanford, aumentada pelos efeitos do uísque, chegara a um ponto de ebulição. Dera um tapa na boca do filho, derrubando-o no chão. As chamas da rebelião diante da mudança do seu modo de vida, do fim de tudo aquilo por que trabalhara, haviam dominado a mente dele, consumido toda a razão, deixando à tona tão-somente a causa de sua frustração. Recordava-se de ter apontado a espingarda para o peito de Shean. O rapaz segurara o cano, implorando. Houvera então a explosão e Hanford sentira o peito desmoronar, como acontecera ao sofrer o acidente com o trator.

De alguma forma, ficara esperando despertar no inferno. Ou talvez, se tivesse sido absolvido, despertaria sozinho numa nuvem, tomando cerveja choca numa caneca de ouro, os dedos entorpecidos tentando tocar *Londonderry Air* numa harpa irlandesa. Em vez disso, aquele paraíso era mais como uma extensão da memória, ligando-o aos vivos, para sempre perto daqueles a quem amava, na velha fazenda.

O cansaço dominou-o, através dos espaços abertos deixados pela chuva. Estava caindo num sono insondável. Primeiro os pés, esticados como fumaça, ele deslizou lentamente de volta ao caixão preto, sentindo o cetim a lhe roçar o rosto como a mão de Betty de noite. *Agora vá dormir, Hanford, meu amor, meu príncipe irlandês.*

Pouco antes de mergulhar no total esquecimento, lembrou-se de suspender a tampa do caixão com o dedão, ligeiramente. Assim, a mosca varejeira poderia entrar, botar seus ovos, garantindo o retorno do corpo dele ao mesmo solo que o formara.

Cuidado com a Vizinha

Jeanette puxou ligeiramente a cortina para trás, com um dedo, olhando para o outro lado da rua. Fizera a mesma coisa meia dúzia de vezes, desde a hora do almoço. Agora, aparentemente, ela tomara uma decisão, pois virou-se e dirigiu-se até o sofá.

— Lou, decididamente há uma coisa esquisita acontecendo lá do outro lado.

Lou Meakin gesticulou impacientemente.

— Espere um minuto, Jeanette, está bem?

Ia ser o lance decisivo, o lance que decidiria aquela partida de beisebol. Jeanette estendeu a mão e desligou o aparelho de TV.

— Quero que você dê uma olhada, Lou. Não vi Betty durante a manhã inteira e ele está pondo todas as coisas da casa dentro de um caminhão, juntamente com dois homens.

Freneticamente, Lou voltou a ligar a TV. A imagem era da multidão deixando o estádio. Ele suspirou e pegou sua cerveja. Foi até a janela da frente.

— Por que a cortina está fechada a esta hora do dia?

— Para que ele não nos possa ver a observá-lo.

Ela tomou a entreabrir a cortina.

— Dê uma olhada.

Lou olhou, depois deu de ombros e voltou a sentar-se no sofá.

— Nós lá sabíamos que eles estavam de mudança. O que há de tão esquisito no Fato de Tom estar pondo as coisas dentro de um caminhão, com a ajuda de dois homens? Pessoalmente, eu acharia meio esquisito se eles se

mudassem e deixassem todas as suas coisas aqui.

— Está bem, está bem — disse Jeanette, começando a se irritar. — Mas você a viu, por acaso? Viu Betty em algum lugar? Claro que não viu. Ha não aparece desde anteontem. Pelo menos... bem, eu não diria uma coisa dessas. Ainda não.

— Não diria o quê?

— O que estou pensando. Sabia que ele sempre foi um bruto para com Betty? Um homem grande e rude daquele jeito, enquanto Betty era pequena e frágil como uma rosa...

Lou franziu o rosto.

— Por que pôs o verbo no passado?

— Veremos — disse Jeanette, enigmaticamente. — Lou... — Ha estava espiando novamente para o outro lado da rua. — Lou, vá até lá e diga a ele que gostaríamos que ambos viessem até aqui, tomar uma xícara de café, antes de irem embora. Dessa maneira, ele terá que dizer alguma coisa!

Lou comprimiu as mãos contra as têmporas.

— Deus do céu, Jeanette!

— Está bem. Se você não quer ir, então *eu irei!*

— Pode deixar que eu vou.

He sabia perfeitamente como Jeanette falaria, dando a impressão de que era um desafio ao invés de um convite. Ha jamais gostara de Tom Regan. Sempre desconfiara dele, por motivos vagos, desde que se haviam tomado vizinhos, um ano antes.

Lou vestiu um casaco leve e saiu de casa. Para fins de abril, ainda estava frio. As nuvens carregadas que corriam pelo céu, apenas algumas dezenas de metros acima das árvores, continham a promessa de chuva antes que a tarde terminasse.

Do outro lado da rua, Tom Regan saiu de casa, carregando uma caixa de papelão. Colocou-a na traseira do caminhão, viu Lou e sorriu, atravessando a rua para cumprimentá-lo.

“Olá companheiro! Eu já ia visitá-lo. Queria que me ajudasse a acabar com algumas cervejas que deixei na geladeira.

Lou olhou para trás, por cima do ombro, em dúvida, sabendo que Jeanette estava acompanhando toda a cena, por trás da cortina.

“Claro... mas primeiro Jeanette gostaria que você e Betty fossem até lá em casa, para tomar um café. Tenho algo um pouco mais forte para nós dois.

Regan pareceu ficar surpreso.

“Betty foi embora anteontem. Pensei que ela tivesse falado com Jeanette. Pegou o carro e foi na frente, a fim de preparar tudo, para o momento em que eu chegar com o caminhão. Mas quem sou eu para lhe falar em técnicas de mudança? Você já se mudou muito mais do que eu. E agora vamos terminar aquela cerveja de que falei, antes de eu ir embora também.

Eles entraram na casa de Regan, passando pelos dois homens que o estavam ajudando a carregar o caminhão. He e Tom eram bastante parecidos, pensou Lou. Este era engenheiro industrial, enquanto Tom era desenhista. Ambos estavam sempre procurando por melhores oportunidades, mudando de emprego de ano em ano, deslocando-se por todo o país. Havia realmente muita gente como eles, ciganos práticos, altamente profissionais. Nunca paravam o tempo suficiente para fincarem raízes, em lugar algum.

Meia hora depois, os dois carregadores entraram na cozinha.

“Já acabamos, Sr. Regan. Só faltam esta mesa e as duas cadeiras.

“Podem levá-las, rapazes – disse Tom, levantando-se e estendendo a mão para Lou. – Até à vista, companheiro. E boa sorte para você.

“Eu sinto nos ossos, Lou – disse Jeanette, depois de ouvir o relato de Lou. – Olhe! Ele está indo embora no caminhão! Lou... tenho o estranho pressentimento de que Betty está bem ah, naquele caminhão...

“No *caminhão*? Você está doida, Jeanette! Eu estive lá conversando com Tom e ele me disse que Betty foi embora anteontem, no carro. Que

diabo ela estaria fazendo no caminhão? Vamos, explique-me!

— É justamente isso o que estou querendo fazer — disse Jeanette, afastando-se da janela. — Ela *não* está fazendo nada! Notou aquele pequeno baú de cedro, ainda novo, que os homens puseram dentro do caminhão? Acontece que eu sei que eles não tinham nenhum baú de cedro, pelo menos até há poucos dias. He deve ter comprado quando... quando planejou o que fez.

— Quando ele planejou o quê?

Jeanette não respondeu diretamente:

— Tenho certeza de que Betty não iria embora sem ao menos telefonar-me.

O caminhão alugado virou na esquina ao final da rua e desapareceu. Jeanette abriu a cortina, deixando que a claridade da tarde cinzenta entrasse na sala.

— Há um mês pelo menos que eles estavam sempre brigando, como cão e gato. Sabia disso, Lou? E Betty me contou que ele a ameaçou. Um bruto como Tom Regan podia pegar uma coisinha como Betty com as duas mãos e... você sabe o que, Lou...

— Não, Jeanette, não sei. E você também não sabe. Quanto ao fato de Betty não ter telefonado para você antes de partir, Tom explicou o que aconteceu. Ha ligou para cá, mas não havia ninguém em casa.

Jeanette contraiu os lábios.

— Isso foi o que *ele* disse.

Lou descobriu que estava também começando a estranhar. Tom parecera-lhe contente demais por algum motivo. E era verdade que os Regans não se davam muito bem.

— Acha que Betty estava... estava dentro daquele baú de cedro, Jeanette?

— Tudo o que posso dizer é que, se dentro de uma semana eu não tiver notícias dela, vou tomar as devidas providências.

— Pretende fazer o quê?

— Betty era minha amiga. Tenho uma responsabilidade e um dever para com ela.

Três dias depois, Jeanette telefonou para o escritório de Lou, às dez horas da manhã. Era a primeira vez, ao que Lou se recordava, que ela lhe telefonava pela manhã. De vez em quando telefonava à tarde, para lembrar-lhe que fosse direto para casa ou comprasse alguma coisa no caminho.

— Estou aqui embaixo, Lou – disse ela, num sussurro tenso. – Desça o mais depressa possível!

— Para que, Jeanette? Tenho muito trabalho a fazer e...

— É sobre *eles*! Eu estava certa. E agora tenho *provas*!

Lou largou o trabalho que estava fazendo e desceu rapidamente. Jeanette estava esperando junto aos elevadores. Tinha a aparência conspícua de alguém que procurava parecer inconspícua.

— E você não queria acreditar em mim, não é? – disse ela, em tom triunfante.

— Mas de que diabo você está falando, Jeanette? Por favor, explique.

— Você vai ver. Vamos indo.

O carro deles estava encostado junto ao meio-fio. Com Jeanette ao volante, eles partiram. Momentos depois, a menos de três quarteirões de distância, Jeanette entrou num estacionamento de venda de carros usados.

— Siga-me, Lou.

Eles se embrenharam por entre as fileiras de automóveis reluzentes. Jeanette estancou abruptamente.

— Veja!

Ha apontava um dedo para um sedã azul, em duas tonalidades. Lou encaminhou-se lentamente para o carro, franzindo o rosto enquanto o fazia.

— Acha que esse é o carro de Regan?

— Eu não acho, tenho certeza que é! E agora o que me diz do Sr. Tom Regan declarar que Betty foi na frente, no carro deles?

— Parece-se realmente como carro deles. — Lou riu, inquieto, sem despregar os olhos do sedã azul. — Mas deve haver um milhão de carros iguais a esse...

— Com esse amassado no para-lama traseiro? — disse Jeanette, apontando para o para-lama esquerdo.

Neste momento, apareceu um vendedor sorridente.

— Posso ajudá-los amigos? — O homem deu uma pancadinha afetuosa no capô do sedã azul. — Este é um excelente carro, em ótimas condições. Só teve um proprietário. E quase não rodou. Os pneus estão perfeitos. É um grande negócio para quem comprá-lo.

— Quem era o proprietário? — perguntou Lou, ainda olhando para o carro.

— Quem era o quê?

— Disse que o carro só teve um proprietário. Quem era ele?

O vendedor pareceu ficar irritado.

— Não vou dizer que era uma velhinha que não ia a lugar nenhum além da caixa do correio na esquina. O que...

— Escute aqui, companheiro, não quer ir verificar lá no escritório? Quero saber quem trouxe este carro para cá. Se é trabalho demais para você, podemos dar outro jeito.

— Não é incômodo nenhum, senhor. É só esperar por mim. Voltarei num instante.

O vendedor atravessou rapidamente o estacionamento e entrou no pequeno escritório pré-fabricado. Ao voltar, trazia uma ficha na mão.

— Aqui está. Não foi uma troca, mas uma venda pura e simples. O cara estava-se mudando para a Califórnia. — Fui eu mesmo quem falou com ele. Disse que sua nova companhia iria fornecer-lhe um carro e não precisava...

Lou estendeu a mão e arrancou a ficha da mão dele. Com Jeanette espiando por cima de seu ombro, ele leu em voz alta:

“Thomas Regan...”

“Isso não prova nada – insistiu Lou, ao se afastarem. – A não ser que Tom vendeu o carro.

“Mas ele não disse que Betty tinha ido na frente, de cano?”

“Disse. Mas...”

“Você mesmo me disse, Lou, que ele tinha um ar estranho no dia em que partiu.

“Mas que diabo, Jeanette! Eu não disse que ele estava estranho. Falei apenas que parecia... satisfeito demais.

“No caso dele, é a mesma coisa. Jamais conseguirá convencer-me de que ele não matou a pobre Betty, meteu o corpo naquele baú e simplesmente foi embora, escapando diante dos nossos narizes, com a maior desfaçatez! Em algum lugar, daqui até a Califórnia, ele parou e enterrou o corpo, num local onde jamais será encontrado. E agora está na Califórnia, num novo emprego, entre pessoas que jamais souberam que ele era casado. Deve estar-se divertindo muito. Mas juro que não vai escapar impune!”

Lou não podia deixar de admitir que muitas das coisas que Jeanette dizia, no fundo, faziam sentido. Apesar disso, ele ainda estava cético. Ele não sabia se o ceticismo era genuíno ou se por medo de meter o nariz no que não era da sua conta, correndo o risco de o tiro sair pela culatra.

“Você está tirando conclusões precipitadas e criminosas, Jeanette. Só porque ele disse uma coisa e fez outra, isso não significa...”

Ela o interrompeu furiosa:

“Está certo, Sr. Einstein. Já explicou tudo.

Lou abriu a boca. Mas não tinha mais qualquer explicação a dar e achou melhor calar-se. Depois de um momento, Jeanette voltou a falar:

— Quer saber de uma coisa, Lou? Se não fosse por mim, aquele homem horrível poderia facilmente ter escapado impune.

— O que pretende fazer, Jeanette? Só quero que não se esqueça de que, se começar a lançar acusações a torto e a direito, estaremos correndo o risco de um processo.

— Não vou fazer nenhuma acusação... por enquanto. Mas vou começar a mexer meus pauzinhos.

— E o que isso significa?

Jeanette parou o carro diante do edifício em que ele trabalhava.

— Você vai ver – disse ela, com um sorriso misterioso.

Na tarde seguinte, ao chegar em casa, Lou Meakin foi recebido na porta por uma Jeanette entusiasmada.

— He foi muito esperto, Lou, mas não esperto o bastante.

Lou jogou o chapéu na direção da mesinha do vestíbulo.

— Como assim?

— Não creio que você jamais tenha-se importado se Tom Regan matou ou não a pobre Betty. Se eu não tivesse achado esquisito quando ele foi embora e se não tivesse visto o carro deles naquele estacionamento...

Lou seguiu até a cozinha e tirou uma cerveja da geladeira.

— Está bem, está bem. Qual é a última notícia, Jeanette?

— He não se mudou para o lugar que nos indicou.

Lou ficou imóvel por um momento, o abridor suspenso no ar.

— O quê?

Jeanette assentiu, triunfante.

— He não disse que ia para Los Angeles? Não disse que tinha arrumado um emprego melhor por lá?

— Foi isso mesmo.

Jeanette cruzou os braços.

— Pois eu me lembrei do nome da companhia locadora do caminhão no

qual ele foi embora daqui. Telefonei para lá e descobri que ele não tinha ido para Los Angeles e sim para *Chicago*!

Lou abriu a cerveja, lentamente. Tudo parecia ajustar-se nos devidos lugares. He começou a pensar que, talvez, no final das contas, Jeanette tivesse descoberto alguma coisa.

— Vou procurar a polícia, Lou! Aquele... aquele monstro vai pagar pelo que fez!

— Espere um minuto, Jeanette. Espere só um minuto. Sei que não posso explicar tudo isso, mas talvez haja alguma explicação. Não nos vamos arriscar.

— E enquanto ficamos pensando na nossa segurança, um assassino escapa impune!

— Escute! Se Tom é um... um assassino, ele provavelmente pensa que está a salvo. Assim, vai ficar onde quer que esteja. Por que não pensamos um pouco nisso tudo, por alguns dias?

Jeanette suspirou, impaciente.

— Está certo, Lou. Mas se eu não tiver recebido nenhuma notícia de Betty até segunda-feira, irei imediatamente procurar a polícia!

Aconteceu na tarde de sábado. Lou estava sentado diante da televisão, assistindo a um jogo disputado palmo a palmo pelos Braves e pelos Dodgers. Jeanette estava na mesa da sala de jantar, catando milho numa máquina de escrever portátil, cuidadosamente documentando o progresso do seu caso. A campainha da porta tocou. Ainda imersa em seus pensamentos, Jeanette levantou-se e foi atender.

E parado na porta estava o vulto pequeno de Betty Regan, completamente viva.

— Olá, Jeanette.

— É... é...

— Está ocupada? Posso entrar por um minuto?

— Mas como... o que...?

Betty sorriu, com uma expressão culposa, entrando na casa.

— Olá, Lou. Calculo que vocês tenham ficado preocupados com o que estava acontecendo entre mim e Tom.

Lou assentiu.

— Se não estou enganado, Jeanette falou alguma coisa.

— Eu sabia que Tom não ia dizer coisa alguma. He é orgulhoso demais. Acho que foi o orgulho dele que realmente nos levou a brigar.

— Isso acontece de vez em quando – disse Lou, assentindo novamente.

— Tivemos uma briga e eu o deixei. He tinha um emprego acertado em Los Angeles, mas acabou não indo para lá. Acho que, na última vez em que o viram, ele estava todo sorridente, não é mesmo?

— Creio que sim.

— É assim que ele é, sorrindo por fora, enquanto está chorando por dentro. Descobri que ele vendeu o carro e os móveis e foi morar com o irmão em Chicago. Fiquei com muita pena dele. Telefonei-lhe. E Tom desmoronou por completo, suplicando que eu voltasse e tudo o mais...

As duas mulheres continuaram a conversar. Depois de algum tempo, Lou voltou a concentrar-se no jogo. Os Braves estavam vencendo. O *pitcher* acabara de lançar uma bola perfeita.

Lou pegou sua cerveja e tomou um gole. As imagens na tela desapareceram de sua mente. Lou estava pensando no que acontecera e em uma coisa que Jeanette dissera. Poderia ter acontecido exatamente como ela imaginara e Tom Regan poderia perfeitamente ter escapado impune, se não fosse por uma vizinha bisbilhoteira. Fora algo assim como um ensaio geral, apontando o que era bom e o que era ruim, *ressaltando as coisas que deviam ser evitadas*.

He largou a cerveja em cima da mesinha e pegou o jornal matutino. Virando para a seção de classificados, releu o anúncio que já atraíra sua atenção antes. Ocupava uma página inteira e o cabeçalho era o chamariz: *Engenheiros! Não gostariam de Dar uma Nova Oportunidade às Suas Vidas? Venham para a Califórnia Meridional! A Ace Aircraft Precisa de Vocês....*

Irei com você

Como se tomasse uma decisão súbita e nervosa, o homenzinho de terno cinza atravessou o vagão-bar, com um drinque na mão, e foi postar-se diante de Lowe.

— Importa-se de ter alguma companhia? — perguntou ele, com um sorriso forçado.

— Absolutamente.

Lowe examinou o homenzinho, na casa dos 40 anos, a calvície acentuada, as feições delicadas, enquanto tirava o jornal do banco para que ele pudesse sentar-se.

O homenzinho sentou-se, com uma expressão agradecida.

— Posso pagar-lhe um drinque?

— Não, obrigado — respondeu Lowe, sorrindo. — Só bebo um quando estou viajando de trem.

— E um refresco qualquer?

— Um refresco pode ser. Obrigado.

O homem pediu um refresco para Lowe e um *scotch* para si, terminando o drinque que tinha na mão, enquanto o garçom providenciava o pedido.

— Vai para muito longe? — perguntou ele, depois que foram servidos.

— Vou para Baltimore.

— Eu também vou descer em Baltimore.

Ele fez uma pausa, baixando os olhos para o seu drinque. Depois, levantou o copo subitamente e bebeu quase tudo, num só gole. Só então é que voltou a falar:

— Sei que deve estar estranhando minha atitude. Não costumo entabular conversa com estranhos, mas eu precisava falar com alguém.

— As viagens de trem são sempre aborrecidas – disse Lowe.

— Não se trata disso. Importa-se que eu lhe fale sobre o que está acontecendo? Não iria ficar envolvido só por causa disso. Eles estão apenas atrás de mim.

— Eles quem? – perguntou Lowe, ligeiramente divertido.

— O sindicato ou como quer que eles se intitulem. Não sei direito. E até agora não entendo como posso estar envolvido nessa confusão toda. Sabe em que eu trabalho? Num escritório da Western Union. Trabalhei lá durante toda a minha vida, nunca tive emprego. Comecei como estafeta, ganhando 10 dólares por semana. E, trabalhando arduamente, fui sendo promovido, até chegar a gerente do escritório, ganhando 96 dólares por semana. Acha que sou um homem indicado para envolver-me com gângsteres!

A pergunta obviamente era apenas retórica.

— O problema é o meu irmão – continuou o homem. – Meu irmão mais velho. Durante toda a minha vida, sempre vivi à sombra dele. Meu irmão é que era o inteligente da família, ele é que foi para a universidade. Depois, ele abriu seu próprio escritório de advocacia. E começou a ganhar muito bem, 15, 20, 30 mil dólares por ano. Mas isso não era o bastante para ele. Nada era o bastante para meu irmão. – O homenzinho cruzou as mãos e fitou-as, como se estivesse lendo alguma coisa nelas. – E de alguma forma, meu irmão acabou envolvendo-se com os gângsteres. Talvez tenha sido por intermédio de um dos seus clientes importantes, mas não sei dizer com certeza. Eu não sabia de nada até duas semanas atrás, quando meu irmão foi procurar-me e contou que estavam atrás dele. Era por causa de uns documentos que meu irmão guardara para eles. Havia pedido os documentos de volta e meu irmão devolveu-os, mas eles descobriram que ele ficara com uma cópia.

O homenzinho deu de ombros, com uma expressão desolada, e prosseguiu:

— Ele me contou tudo isso bem depressa, citando uns termos legais que

não consegui compreender direito. Mas deu para entender que ele queria que *eu* ficasse com os documentos. Só que eu não queria. E foi o que eu disse, sugerindo a meu irmão que os levasse para algum outro lugar, e os metesse em algum cofre. Por que eu me deveria envolver? O que sabia sobre gângsteres? Sou apenas um homem comum. Mas meu irmão insistiu, alegando que precisava deixar os documentos num lugar seguro, mas onde pudesse pegá-los a qualquer momento. Era de se esperar que ele deixasse os documentos com a esposa, não é mesmo? Mas não, ele não queria que a esposa se envolvesse. Achava que era perigoso demais para ela. Mas comigo, o irmão, era diferente!

O homenzinho cerrou os maxilares, num gesto ao mesmo tempo duro e impotente. Olhou para o seu copo vazio e depois para o refresco ainda não tocado de Lowe.

— Tem certeza de que não quer tomar um drinque comigo? — perguntou.

— Não, obrigado.

— Pois eu vou tomar outro. — Fez sinal para o garçom. — Acho que não tomei mais que uma dúzia de drinques em toda a minha vida e agora sinto vontade de tomar um a cada minuto. E a mesma coisa aconteceu com o cigarro. Fumei demais nos três últimos dias, a tal ponto que já não consigo mais suportar o cheiro de cigarro. Estou como um animal acuado. Não como, não durmo, só consigo...

Ele parou de falar quando o garçom se aproximou, esperando até que pusesse o drinque em cima da mesa e fosse embora.

— Eles o mataram. — continuou. — Há uma semana, eles mataram meu irmão. Tocaram a campainha da casa dele às 9 horas da noite. Meu irmão foi atender e liquidaram-no com uma metralhadora.

A mão dele apertou o copo com toda força, os dentes cravaram-se no lábio inferior, até a carne embranquecer. Procurando controlar cuidadosamente a voz, o homenzinho prosseguiu.

— Quando eu soube, não quis acreditar. Essas coisas podiam acontecer com gângsteres, mas não com o nosso próprio irmão. Passei vários dias em

estado de choque. Depois, lembrei-me dos documentos. E sabe o que fiz então? – Levantou os olhos para Lowe, suplicando absolvição. E disse, veementemente: – Fui um idiota! Quer saber o que fiz? Queimei os documentos! Simplesmente joguei tudo no incinerador, sem nem mesmo abrir o envelope. Eu ainda estava atordoado. Só conseguia pensar numa coisa: mataram meu irmão por causa daqueles documentos; assim, o melhor era eu me livrar deles. Fui um idiota, mas foi esse o meu raciocínio. E há três dias eles me telefonaram, dizendo que eu tinha alguns papéis que lhes pertenciam. Falei que não sabia de nada, que deviam ter ligado para a pessoa errada e desliguei rapidamente. Na noite seguinte, eles voltaram a ligar. Conte então que tinha queimado os documentos, que nem mesmo chegara a abrir o envelope. Jurei por tudo o que havia de mais sagrado. E quer saber o que eles me disseram? “Encontre os papéis!” Só isso, nada mais. – Pegou o copo, tomou um gole grande. Ao pôr o copo outra vez em cima da mesa, parecia ter envelhecido mais um ano. – Sabe que cheguei a descer e dar uma olhada no incinerador? Imaginei que os papéis talvez ainda não tivessem sido queimados, que poderiam estar intactos.

— E não estavam? – perguntou Lowe.

O homenzinho sacudiu a cabeça.

— Cinzas, apenas cinzas, foi tudo o que encontrei lá embaixo. Ontem à noite, eles me telefonaram novamente. Disseram-me que iriam buscar os documentos esta noite e que era melhor eu entregar. – Tomou outro gole e olhou para Lowe, com uma expressão desesperada. – O que teria feito em meu lugar? Vamos, diga-me o que faria se fosse eu! Eu poderia ir à polícia. Se eles acreditassem na minha história, poriam um detetive sentado diante da minha porta por algumas horas. Depois, caso nada acontecesse, o detetive iria embora e eles então poderiam matar-me tranquilamente. Ou talvez eles me liquidassem num dia em que eu estivesse seguindo para o trabalho. Ou voltando para casa. Não posso passar o resto da vida trancado em meu quarto. O que faria em meu lugar?

— Não sei. Mas calculo que estaria fazendo a mesma coisa que está fazendo.

“Estou fugindo – murmurou o homenzinho. – Minha mãe ainda mora em Baltimore e é para lá que estou indo. É o único lugar para onde posso ir. E se eles souberam por intermédio de meu irmão do endereço de minha mãe, então estou correndo direto para os braços deles. É possível que estejam no trem, neste exato momento, acompanhando-me. Afinal, o que sei sobre gângsteres! Nem mesmo sei como eles se parecem. Se não forem iguais aos que a gente vê na televisão, eu não poderia reconhecê-los, mesmo que se sentassem ao meu lado.

O garçom aproximou-se com a conta. Era um homem alto, de cabelos ruivos, um sorriso afetado.

“Desejam mais alguma coisa?”

O homenzinho sacudiu a cabeça, pondo uma nota em cima da mesa.

“Não precisa dar troco.

O garçom agradeceu e voltou para o bar.

“Até esse garçom pode ser um deles – murmurou o homenzinho, pateticamente.

“Talvez eles tenham decidido acreditar em você e esquecer toda a história – disse Lowe.

“Talvez... E talvez eu esteja morto, dentro de 10 minutos. – Acabou o drinque e afastou o copo para o outro lado da mesa. – Minha intenção não era deixá-lo preocupado. Eu apenas precisava desabafar com alguém. Se for um homem inteligente, irá esquecer tudo o que lhe contei.

O homenzinho levantou-se, trêmulo.

“Estou-me sentindo um pouco tonto por causa dos drinques. Acho que vou até a plataforma de observação para respirar um pouco de ar fresco. Adeus.

Ele se encaminhou para a porta. E foi nesse momento que Lowe disse: Espere um instante. Irei com você.

Lucrezia

Eu nunca tinha imaginado que me pudesse regozijar com a morte de um homem, mas foi o que fiz quando Nicolo di Donato morreu. Não demonstrei abertamente o que estava sentindo. Não gritei e não cantei minha alegria para o mundo. Mantive o semblante adequadamente triste e expressei as lamentações apropriadas quando em companhia de outras pessoas, lastimando que um homem tão bom e generoso, marido exemplar, tivesse que morrer tão subitamente.

Não me levem a mal. Eu não odiava Nicolo di Donato. Não foi por causa de alguma emoção que me regoziquei. Eu não o odiava nem o amava. Mas eu amava a esposa dele, Lucrezia.

Eu conhecera Nicolo na velha terra, em nossa aldeia natal de Velo d'Astico. Fôramos *paesani*, conterrâneos. E quando se viaja por uma longa distância, atravessa-se todo um oceano e depois metade de um continente para se ir viver numa terra estranha, é natural que se procure um lugar onde se tenha um outro *paesani*. Neste caso, é mais fácil aguentar a estranheza de tudo e a solidão. A saudade de casa não é tão intensa e dolorosa. Foi assim que me tomei um *bordante*, um inquilino na casa de Nicolo e sua esposa, Lucrezia.

Carson Location, onde Nicolo vivia, era um bairro de uma cidade mineira no norte de Winsconsin. Era como um pequeno pedaço da Itália, transplantado para o meio de uma terra estranha, pois havia muitos emigrantes italianos vivendo ali e mantínhamos muitos dos hábitos e costumes da velha terra. Cada homem que era afortunado o bastante para se casar, construía uma casa grande e mantinha *bordanti*, inquilinos, que eram solteiros e não tinham outro lugar para morar. Assim, como Nicolo e eu éramos *paesani* e como havia uma vaga em sua casa, mudei-me para lá e logo

me apaixonei por Lucrezia.

Ela não era uma *paesana* de Nicolo e de mim. Era de uma pequena aldeia à margem do Tibre, perto de Roma. Nicolo a conhecera e casara-se depois de ter vindo para este país. Ela tinha cabelos que tomavam a cor de vinho ao sol e olhos de um púrpura enevoadado, ombros lindos e seios grandes, com as nádegas bem torneadas de suas conterrâneas. O riso era fácil e sincero, os olhos possuíam um brilho de demônio quando sorria para os homens. Compreendi no mesmo instante por que Nicolo se apaixonara por ela e se casara, pois a paixão que senti foi igualmente súbita.

Não lhe declarei meu amor, preferindo sofrer meus tormentos em silêncio. Ela era a esposa de outro homem, que jamais fizera qualquer coisa contra mim. Assim, eu não podia traí-lo. Se Lucrezia alguma vez percebeu meus sentimentos, nunca o deixou transparecer.

Foi na casa de Lucrezia que conheci Gian Cario Corradini. Como era o costume nas pensões, Gian Cario e eu partilhávamos o mesmo quarto. Passamos a conhecer um ao outro a fundo, Gian Cario me compreendendo melhor do que eu o compreendia. Não demorou muito para que ele adivinhasse o que eu sentia por Lucrezia.

“Ah, ah, Annibale – dizia-me ele, sorrindo e sacudindo-me um dedo acusador. – Esta noite, no jantar, você estava novamente olhando para Lucrezia. E em seu rosto estava estampado todo o amor que sentia. Um desses dias, Nicolo vai perceber e aí você será jogado na rua. Devia ser mais discreto, Annibale.

“*Ma vala* – dizia eu. – O que você está dizendo é pura bobagem.

“Bobagem? Então por que seu rosto está tão vermelho? É por causa do vinho que tomou?

Gian Cario e eu trabalhávamos juntos na mina. Fora ele quem me arrumara o emprego, perfurando e explodindo no fundo da terra, arrancando minério de ferro. O trabalho era árduo e perigoso e as horas pareciam nunca acabar, mas o pagamento era bom, comparado ao salário que se ganhava na velha terra – quando se era afortunado o bastante para encontrar um trabalho por lá. Assim, nunca nos queixávamos. Trabalhávamos as nossas doze horas

diárias, voltávamos para casa e partilhávamos uma das garrafas de vinho de Lucrezia, enquanto esperávamos que ela nos servisse um de seus excelentes jantares.

Acho difícil, depois de tantos anos, recordar como era Nicolo. Ele sempre fora um homem apagado, retraído e dado a longos silêncios, um contraste marcante com a animada Lucrezia, que tinha a capacidade de fazer a gente esquecer tudo e todos, quando estava presente. Ela dominava a sala assim que entrava. Mesmo na rua, ninguém podia deixar de perceber sua beleza ou a desolação do dia ofuscado. Assim, era bastante natural que ninguém se referisse à casa como sendo a de Nicolo di Donato. Era a casa de Lucrezia, o jardim de Lucrezia, a vaca de Lucrezia, o queijo de Lucrezia, o vinho de Lucrezia. Tudo dentro e ao redor da casa carregava o nome de Lucrezia.

Nicolo, contudo, parecia bastante satisfeito com tal situação. Ou se não gostava, nunca deixou que seus sentimentos transparecessem. Todos achavam que ele e Lucrezia estavam-se tornando ricos, embora não o ostentassem. Nicolo trabalhava na Carson Mine, da qual eu e Gian Cario éramos empregados. Com o dinheiro desse emprego, de meia dúzia de inquilinos, do vinho que ele fabricava e vendia e da quadra de *boccia baila* no jardim, os dois certamente deviam estar ganhando muito dinheiro.

Eram os dias da Lei Seca e as pessoas vinham não apenas de Location mas também de cidadezinhas vizinhas para beber e jogar *bocci*, enchendo cada vez mais os cofres de Nicolo e Lucrezia. Foram os dias mais felizes de minha vida, aquelas tardes quentes e ensolaradas de domingo, quando eu ficava inebriado pelo vinho e dominado pelo excitamento do jogo disputado com as pesadas bolas de madeira. Pois era nessas tardes que os olhos de Lucrezia mais cintilavam como joias reluzentes e as rosas eram mais brilhantes em suas faces. E eu julgava distinguir um calor especial na voz dela, ao me falar.

« Annibale – dizia ela, quando eu ia comprar outra garrafa de vinho, pois os perdedores sempre pagam no *bocci* – é tão bom vê-lo rir! Você está sempre muito sério. Devia rir com mais frequência.

— É porque você está rindo que eu rio, *padrona!* — respondia eu, numa tentativa de galanteria.

— *Ma vala*, vá, guarde suas palavras doces para sua namorada. Ela é quem as deveria estar ouvindo agora, não eu.

Eu era realmente feliz naqueles dias, embora meu amor fosse um tormento e eu ansiasse em poder contar a verdade a Lucrezia sobre o que havia em meu coração. Mas mantinha silêncio, porque não era correto falar do que me torturava e porque, naquele tempo, eu era incapaz de magoar a quem quer que fosse, mesmo a um inimigo.

Foi então que comecei a sentir uma mudança em mim. Percebi-a pela primeira vez quando o outono morreu e começou o longo e cruel inverno, muito diferente dos invernos da velha terra, que são bem mais suaves, até mesmo nas montanhas do norte da Itália. Uma noite em que eu estava acordado, ouvindo os estalos dos pregos nas paredes, numa temperatura abaixo de zero, descobri-me pensando como seria maravilhoso se alguma coisa acontecesse a Nicolo. Uma morte rápida e sem dor e Lucrezia seria viúva. Decorrido o tempo conveniente, eu poderia então declarar-lhe meus sentimentos.

Não que eu pudesse cometer alguma violência contra Nicolo. Eu estremecia de horror só de pensar nisso. Um ato da Divina Providência, o fechamento da página final, quando se acaba a história da vida de um homem, era isso o que eu tinha em mente e o que passei a sonhar, dia e noite, a partir daquele momento.

Nicolo era bastante mais velho que Lucrezia. Os inquilinos e todos os outros que frequentavam a casa de Lucrezia costumavam brincar entre si a propósito disso, dizendo que ele era velho demais para dar conta dela. Insinuavam também que ela poderia ansiar por um homem mais moço. Parecia haver um fundo de verdade em tais especulações, pois os silêncios de Nicolo tornavam-se cada vez mais prolongados e ele raramente sorria. Acabava com duas ou mais garrafas de vinho todas as noites, indo para a cama num estado de estupor alcoólico. Por mais que eu desejasse Lucrezia e torcesse para que ele morresse, não podia deixar de sentir uma certa pena de

Nicolo. E ficava invariavelmente irritado, por ser tão mole.

Gian Cario não parava de caçoar de mim por causa de Lucrezia, até um dia em que perdi a calma e brigamos a socos. Ele era mais ágil e mais forte do que eu. A surra que levei serviu para fazer com que eu recuperasse o bom senso. Brigamos na volta para casa, depois do trabalho. Senti-me grato por não ter havido testemunhas da minha vergonha. Gian Cario não era um homem de guardar ressentimento. Ajudou-me a ficar de pé, depois de ter-me derrubado tantas vezes que eu já não mais podia levantar-me sozinho.

— *Sacramento, Annibale!* Era tudo brincadeira. Será que não pode aguentar uma brincadeira?

— Não quando se refere a ela.

Ele inclinou-se para poder ver-me o rosto, pois estávamos nos dias curtos do inverno, quando saíamos de casa para trabalhar no escuro e voltávamos para casa no escuro. Depois de algum tempo, grunhiu.

— O que está fazendo não é nada bom, Annibale. Encontre uma mulher, case-se, crie sua própria família. Você é do tipo talhado para isso. Deixe que os tolos como eu sigam atrás das Lucrezias desta vida. Ela não é do tipo de mulher de prender-se a um só homem.

— O que está querendo insinuar? — disse eu, alteando a voz.

— Fique calmo, Annibale — disse ele, erguendo as mãos, para desviar meus golpes. — Vai-me obrigar a derrubá-lo novamente? Vamos continuar amigos. Nunca mais me ouvirá falando de Lucrezia.

— Não vai mais caçoar?

— Palavra de honra.

Quando aconteceu, foi como se minhas preces tivessem sido atendidas. Não que eu alguma vez tivesse ficado de joelhos e rezado de verdade ou tivesse ido à igreja para pedi-lo, pois tais orações teriam sido uma blasfêmia, um sacrilégio. Mas a vontade que acontecesse estava em meu coração, havia um desejo brutal e implacável em minha mente. E foi então que aconteceu, da maneira mesmo como eu muitas vezes sonhara.

Nicolo acordou doente uma manhã, delirando e ardendo em febre.

Lucrezia ficou torcendo as mãos de ansiedade e medo, enquanto esperávamos pela chegada do médico.

«*Stupido ghiotto* – soluçava ela, com um misto de dor e de raiva. – Eu sempre disse que todo aquele vinho antes do jantar não era bom para ele. Por que ele tinha de ser um glutão? Um copo de vinho de vez em quando não é suficiente? Não. Ele tinha que beber como um porco. Tinha que beber até cair de sono e agora está doente.

Afaguei o ombro dela desajeitadamente, procurando tranquilizá-la e confortá-la.

«Provavelmente não é nada. Um dia ou dois de cama, depois que o médico lhe der os remédios, e ele estará tão bom quanto antes.

Ela fitou-me com os olhos marejados de lágrimas.

«Oh, Annibale, eu tenho tanto medo! Tenho certeza de que ele está com pneumonia. Tive um *bordante*, antes de você chegar aqui, que apareceu com os mesmos sintomas. Era pneumonia e ele acabou morrendo. Oh, meu pobre Nicolo! *Che dolore!* Annibale, Annibale!

Lucrezia estava certa. Nicolo tinha pneumonia e, apesar dos remédios, das garrafas de água quente e dos emplastros de mostarda, acabou morrendo dois dias depois...

A primavera daquele ano foi a mais linda que eu já tinha visto. Os ventos quentes chegaram cedo, ao final de março, e o sol brilhou, enquanto a água da neve se derretendo corria com um brilho alegre e encrespado. No princípio de abril, depois de uma noite de chuva forte e quente, acordamos para descobrir que toda a neve desaparecera e uma neblina suave e aromática se erguia da terra encharcada.

Mas à medida que os dias foram aumentando e a relva foi-se tornando verde, com uma salada de *radiei* todos os dias na mesa, meu coração foi ficando cada vez mais acabrunhado, com um tormento maior que o anterior. Nicolo estava morto e eu me regozijara por isso, mas agora me sentia profundamente triste, pois Lucrezia favorecia Gian Carlo, preferindo-o a mim.

Eu tinira pensado em guardar o tempo apropriado, deixar passar o intervalo decente de luto, para depois declarar meu amor por Lucrezia. Enquanto isso, eu fazia pequenas coisas que indicariam a ela, sem que fosse necessário expressá-lo em palavras, todo o meu amor. Eu me levantaria enquanto ainda estivesse escuro, para ordenhar a vaca para ela, limpar o estábulo e carregar toda a lenha necessária. E tudo isso antes de ir para o trabalho. À noite, depois das minhas doze horas na mina, eu ordenharia a vaca novamente e realizaria uma dúzia de outras pequenas tarefas para ela. Eu pensara que isso seria suficiente para fazer com que ela compreendesse meus sentimentos. Mas enquanto eu me comportava como um escravo, Gian Cario despejava em cima dela todo o seu charme.

Ainda me lembro da noite em que eu estava voltando do estábulo, carregando o balde de leite e assoviando, porque decidira que o período apropriado de luto já acabara e na primeira oportunidade poderia declarar meu amor a Lucrezia e pedi-la em casamento. Ouvi-os rindo na cozinha, Lucrezia e Gian Cario rindo da felicidade de estarem juntos. Senti que minha própria felicidade me abandonava, deixando-me apenas com o gosto de fel na boca. Não sei por quanto tempo fiquei parado ali, ouvindo-os rir, enquanto uma raiva intensa e sombria envolvia-me implacavelmente. Esperou demais, disse a mim mesmo. *Stupido, senza cervello*, o que mais podia querer?

Finalmente, disse a mim mesmo que tinha de entrar. Não poderia ficar lá fora a noite inteira. Minha presença não diminuiu a alegria deles. Ambos pareceram não perceber a tristeza que havia em mim, as lágrimas que eu vertia interiormente. Ou se percebiam, não se importavam.

— Ah, Annibale, você chegou bem a tempo! — disse Gian Cario, o rosto corado pelo vinho, sacudindo a bilha de vinho e virando o gargalo para baixo. — Pode ver que está vazio. Por favor, vá buscar mais um pouco.

Lucrezia também estava corada pelo vinho, o rosado mais profundo do que nunca em suas faces, os olhos escuros parecendo enevoados. Ela me abraçou, enquanto eu ficava estatelado no mesmo lugar, constrangido, sentindo vergonha por ela.

— Você é tão bom para mim, Annibale! — disse ela, afagando-me o

rosto. – *Cosí bravo*. Tem feito tanta coisa por mim, desde que meu pobre Nicolo faleceu! Algum dia, ainda irei recompensá-lo. Talvez até agora.

E ela comprimiu sua boca quente e úmida contra a minha, enquanto Gian Cario dava uma palmada em sua própria coxa e desatava a rir. Ela deu um passo para trás, a respiração ofegante, rindo suavemente. Afagou meu rosto novamente, dizendo:

— Agora você pode ir buscar mais vinho? Para mim?

Por causa dos agentes da Lei Seca, mantínhamos o vinho escondido no estábulo, por trás do feno. Fui até lá e abri a torneira do barril. As lágrimas de raiva e dor me cegaram a tal ponto que não percebi que a bilha estava cheia, até começar a derramar. Fechei a torneira e enxuguei os olhos, procurando recuperar a compostura, para voltar.

Depois que eu havia entregue o vinho e já me virava para subir a escada, Lucrezia perguntou:

— Não quer tomar um copo também, Annibale? Não? O que há com você?

— Não me estou sentindo bem – menti.

— Pois é mais uma razão para você tomar um copo. Assim, irá sentir-se melhor. Vamos, Annibale, beba um pouco conosco.

— Esta noite não.

Ela me fitou com uma expressão que poderia ser de preocupação por mim e que eu assim teria interpretado, se não fosse pelo olhar possessivo e de felicidade de Gian Cario.

— O que há de errado? – perguntou Lucrezia.

Improvisei uma tosse.

— Poeira da rocha na minha garganta – expliquei. – Fiz um bocado de perfuração hoje. Pergunte só a Gian Cario.

— Foi mesmo – confirmou Gian Cario, sacudindo a cabeça vigorosamente.

Ele franziu o rosto subitamente, recordando o que fizéramos no fundo

do poço naquele dia. Depois, murmurou:

“Ficarei contente quando voltarmos a encontrar um veio de minério de ferro.

Senti que Lucrezia me olhava, enquanto eu subia a escada. Por um momento, senti-me animado, pois ela parecia estar preocupada com minha doença simulada. Mas logo depois, ao entrar em meu quarto, ouvi novamente sua risada esfuziante e a escuridão mais uma vez me envolveu.

Fiquei deitado no escuro, tentando dormir. Mas era impossível, com o barulho das risadas e das vozes de Lucrezia e Gian Carlo se espalhando por toda a casa. E fiquei deitado em silêncio, pensando e recordando as muitas ausências de Gian Carlo saindo de nosso quarto durante a noite, as frágeis desculpas que apresentava nessas ocasiões, os muito pequenos favores com que Lucrezia o cumulava ultimamente, assim como preparar-lhe os pratos de que mais gostava e colocar vinho em vez de café na marmita do almoço.

Eu jamais sentira ódio por Nicolò. Ao contrário, sentira uma certa pena e tivera um sentimento de culpa, por causa de meus pensamentos. Mas agora, com Gian Carlo, eu começava a sentir um ódio intenso e diabólico, como jamais antes experimentara. Tal sentimento foi-se tornando cada vez maior, ficando quase insuportável, porque eu sabia que não podia enfrentar Gian Carlo. Ele já me vencera uma vez e poderia fazê-lo novamente. Era forte e esperto demais para mim. Assim, eu teria que cuidar dele de outra maneira.

Explorei os recessos sombrios do ódio. E quando finalmente encontrei a resposta, senti-me nauseado e trêmulo. Virei o rosto contra a parede e fechei os olhos com toda força, tentando apagar a tentação que havia em minha mente. Por mais que eu tentasse, porém, sabia que não iria conseguir. A tentação iria perseguir-me e torturar, enquanto Gian Carlo vivesse.

Talvez ela se lembrasse da minha desculpa na noite anterior ou talvez meu rosto estivesse encovado, depois de uma noite irrequieta e insone. Lucrezia olhou-me atentamente quando entrei na cozinha, carregando o balde de leite. O fogão estava aceso e o cheiro do café fresco animou-me um

pouco, mas só por um momento. Porém, a depressão logo voltou, acompanhada por uma sensação de futilidade. Pois à luz fria e sóbria da madrugada, eu compreendera que jamais poderia executar o que me parecera uma resposta simples e perfeita durante a noite.

A expressão de Lucrezia, ao fitar-me, era também solene e grave. Havia rugas nos cantos de sua boca e nas extremidades dos olhos, rugas que eu nunca vira antes. Ela fez um gesto para que eu me sentasse numa das cadeiras da cozinha e depois sentou-se a meu lado. A mão dela tocou em meu braço por um momento, como um sussurro, logo se afastando.

— Está-se sentindo melhor esta manhã, Annibale? — A voz de Lucrezia era baixa e suave e eu a fitei inquisitivamente. Ela sorriu ligeiramente, mas apenas com os lábios. — Gian Carlo tomou muito vinho ontem à noite. Acho que seria melhor deixá-lo dormir o máximo possível. Não creio que ele vá-se sentir muito feliz com a perspectiva de ter que ir trabalhar, ao acordar. Não acha que é melhor deixá-lo dormir mais um pouco?

— Se eu bem conheço Gian Carlo, ele não ficará desapontado se nunca mais o acordarmos. Nunca vi ninguém para gostar tanto de dormir.

Ela me fitava com uma expressão apreensiva.

— Ainda não me respondeu, Annibale. Está-se sentindo melhor hoje?

— Estou bem.

— Se não está se sentindo bem, não deveria ir trabalhar. O trabalho que você e Gian Carlo estão fazendo não é perigoso?

Dei de ombros.

— Temos que tomar muito cuidado, durante todo o tempo.

— Não há uma possibilidade maior de um acidente?

Senti a pele da nuca ficar arrepiada. Será que ela lera meus pensamentos?

— Não pensamos nessas coisas. É melhor não pensar nisso. *Povera fortuna*. Dá azar.

— Eu costumava ficar preocupada com meu pobre Nicolo e tudo em

vão. Eu deveria preocupar-me mais com o vinho que ele tomava e com a pneumonia que podia pegar e pegou.

Ela voltou a fixar em mim aqueles seus olhos deslumbrantes. Pareciam tristes, embora ao mesmo tempo afetuosos. Haveria algum indício de uma afeição especial por mim? Recordei-me então dela e Gian Carlo juntos e senti o ódio ressurgir dentro de mim, impetuosamente.

— Poderia contar-me como é o lugar em que você e Gian Carlo trabalham, Annibale?

— Não lhe iria interessar.

— Mas eu gostaria muito de conversar com você esta manhã. Afinal, quase nunca temos uma oportunidade. — Ela me exibiu um sorriso que fez meu coração sofrer ainda mais, antes de acrescentar: — Diga-me como é o lugar em que trabalha. Eu gostaria tanto de saber...

— Estamos trabalhando num poço a que chamam de chaminé. Estamos escavando de baixo, até um veio de minério lá em cima. Quando tivermos alcançado o minério, faremos as perfurações necessárias e depois o explodiremos, levando-o em seguida para o poço principal e daí para a superfície.

— E onde está o perigo, Annibale? Desde que vim para este país, tem havido muitos mineiros feridos e mesmo mortos. Sei que a situação não é tão ruim como nos velhos tempos, mas mesmo assim ainda é muito perigoso, não é mesmo? E onde está o perigo?

Eu não gostava de falar sobre aquele assunto. Um senso de superstição, o pressentimento de que não se devia tentar a morte sempre à espreita, falando sobre ela, faziam-me relutante. Mas continuei a falar, porque Lucrezia queria que eu o fizesse.

— Há sempre o risco de uma rocha se desprender e cair. Ou então de perfurarmos uma carga de dinamite que não explodiu. E até mesmo de cairmos. Há uma porção de riscos, *un moltitudine*.

— Cair? Vocês trabalham muito alto?

— Bastante. Neste momento, a chaminé em que trabalhamos está com

cerca de trinta metros de altura.

— E como é que vocês trabalham?

— Em cima de duas pranchas de madeira.

— Está querendo dizer que não há mais nada? — murmurou Lucrezia, a voz parecendo horrorizada. — Não há mais nada por baixo de vocês?

— Não.

— E se você ficasse tonto? — perguntou ela, os olhos arregalados de terror. — O que poderia fazer?

— Se não conseguisse segurar-me na prancha, a queda seria inevitável.

— Ela estremeceu.

— Você tem razão, Annibale. Não é bom falar sobre essas coisas. Não posso culpá-lo por não querer fazê-lo. Nunca pensou em deixar de trabalhar na mina?

Ergui as mãos, num gesto de resignação?

— E o que mais eu poderia fazer? Um estranho numa terra estranha. Mal consigo falar a língua deles. Onde mais poderia arrumar outro emprego?

Ela estremeceu novamente, depois olhou para o relógio na parede.

— Oh, veja só como é tarde! E melhor eu ir acordar Gian Carlo...

Se ela não tivesse falado daquele jeito, eu talvez não tivesse tido a coragem suficiente. Ocorreu-me o pensamento de que ela poderia estar-me estimulando, mas depois compreendi que isso era impossível. Como poderia ela saber os intentos sombrios e diabólicos que haviam surgido em minha mente, durante aquela noite tormentosa e interminável?

De qualquer maneira, tomei a decisão de realizar o que havia imaginado. E quanto mais cedo o fizesse, melhor seria, para minha paz de espírito. Gian Carlo me atormentara por tempo demais a propósito de Lucrezia.

Ele estava muito quieto ao ir ao trabalho naquela manhã.

Estava sofrendo pelo excesso de vinho que tomara na noite anterior e nunca falava muito quando estava desse jeito. Geralmente brincava e contava piadas enquanto estávamos trocando de roupa para entrar na mina. Naquele dia, alguém comentou seu silêncio e Gian Carlo sorriu e comprimiu uma das mãos contra a testa, dizendo:

“Troppo vino.”

Descemos rapidamente na “gaiola” os 600 metros até o fundo do poço principal e depois andamos por uma galeria até o lugar em que se erguia a nossa “chaminé”, com uma altura de trinta metros. O ar era úmido e quente ali embaixo e a única iluminação era a proporcionada pela luz de carbureto, presa em nossos capacetes de mineiros. Gian Carlo começou a subir pela escada até o nosso andaime, as pranchas de madeira sobre as quais trabalhávamos, perfurando a rocha acima de nossas cabeças. Eu o segui, consciente agora da secura em minha garganta, do tremor dos músculos das coxas, da náusea que me embrulhava o estômago.

As horas que se passaram antes que eu reunisse coragem suficiente foram um verdadeiro pesadelo. Eu suava profusamente, como se tivesse mergulhado num rio. Tremia tanto que quase caí do andaime. Em determinado momento, quase deixei cair o martete hidráulico pela chaminé. Gian Carlo fitou-me, estranhando meu nervosismo.

“Não se está sentindo bem, Annibale? Não disse ontem à noite que não estava passando bem?”

À luz do lampião, o rosto de Gian Carlo, coberto pela poeira da rocha, parecia tão branco quanto o de um fantasma. A imagem fez com que um calafrio me sacudisse os ombros. Mas logo a raiva voltou a me dominar. Por que tinha de ser tão solícito? Será que ele pensava que, demonstrando preocupação para comigo, poderia desviar-me do meu propósito? Por que ele não pensava em mim quando estava atrás de Lucrezia?

“Não é nada – disse eu, ficando surpreso com a tranquilidade de minha voz. – Estou apenas um pouco nervoso. Mas isso logo passa.”

À medida que as horas passavam, comecei a sentir que minha determinação fraquejava. Pus-me a pensar que não haveria mal algum em

adiar o trabalho para o dia seguinte. Mas compreendi que, se o fizesse, iria protelando e protelando, até não ser mais possível evitar a união entre Gian Carlo e Lucrezia. Tal pensamento me enfureceu, proporcionando-me as forças finais necessárias.

Faltavam poucos minutos para interrompermos o trabalho para o almoço. Ele estava parado a meu lado, enxugando o suor do rosto branco, quando o demônio me espicou e eu estendi o braço e empurrei-o. Ele cambaleou para trás e depois, por uma eternidade angustiante, ficou balançando na beira do andaime, agitando os braços como algum pássaro gigantesco, tentando alçar voo, enquanto eu podia chorar horrorizado com o meu ato, já que nada mais poderia fazer para salvá-lo. Ele acabou caindo de costas e gritou enquanto caía, o grito terminando abruptamente.

Ainda acordo durante a noite com aquele grito em meus ouvidos. Somente a morte poderá apagar tal recordação. Tive a impressão de que passei todo um século paralisado no alto do andaime, antes de iniciar a longa descida pela escada, lentamente, a tremer.

Não olhei para a massa informe que fora outrora Gian Carlo. Mãos piedosas me levaram para longe, vozes abafadas tentaram consolar-me. Caminhei como se estivesse drogado. Lembro-me de ter recolhido nossas ferramentas e a minha marmita e a de Gian Carlo, imaginando se Lucrezia não iria guardá-la como uma recordação dele, tal como fizera com a marmita de Nicolò. Lucrezia era uma mulher econômica, que não gostava de jogar nada fora. Daria uma boa esposa, cujo senso de economia permitiria a um homem acumular uma soma considerável. Mas nem mesmo esse pensamento me animou. Eu ainda podia ouvir o grito de Gian Carlo...

Eu não sabia se teria coragem de encarar Lucrezia naquela noite. Disse a mim mesmo que ela nunca saberia, nunca sequer suspeitaria. Tudo decorreria sem o menor problema na mina. Ninguém duvidara da minha história de que Gian Carlo ficara tonto, escorregara e caíra do andaime. Ninguém jamais desconfiaria de que eu dera uma ajuda na morte de Gian

Cario. Meu caminho até Lucrezia parecia finalmente não ter mais nenhum obstáculo. À minha frente, havia apenas felicidade. Pensando assim, animei-me um pouco, o suficiente para poder entrar na casa sem tremer.

Os outros inquilinos haviam saído, indo beber e lamentar a morte de Gian Cario em outros lugares. Lucrezia quisera ficar sozinha. Ela ouviu-me colocar as marmitas em cima da mesa da cozinha e chamou-me de seu quarto.

Encontrei-a deitada na cama, inteiramente vestida. Ela virou-se para mim, com um rosto no qual já não mais havia rosa nenhuma. Os olhos escuros estavam dominados por um horror e uma tristeza imensos, que eu não vira por ocasião da morte de Nicolo. Isso me fez pensar no quanto ela deveria amar Gian Cario. Por um momento, senti um calafrio de dúvida. E se ela o tivesse amado tanto que nunca mais desejasse casar-se novamente? Mas isso não era possível. Lucrezia não era mulher de carregar para sempre um fardo de dor e luto.

Não consegui falar. Caí de joelhos ao lado da cama e afundei o rosto nas cobertas. Depois de algum tempo, Lucrezia estendeu a mão e afagou-me os cabelos.

— *Poveretto...* – murmurou ela. – Foi tão terrível assim, Annibale?

Não consegui levantar a cabeça. Peguei a mão dela e beijei-a, apertando-a depois com toda força.

— *Poveretto...* – disse ela novamente. – Sempre me amou, não é?

Estremeci, com um sentimento de culpa, mas Lucrezia tratou de acalmar-me.

— Eu sempre soube e nunca consegui compreender por que não declarava o que sentia, Annibale.

Fui finalmente capaz de fitá-la.

— Pensei que você e Gian Cario...

Não consegui continuar. Ela sorriu tristemente.

— Há coisas a respeito de Gian Cario sobre as quais um dia poderei falar-lhe. Ele era excelente companhia, alegre e divertido. Mas eu não o amava. Apesar disso, foi um choque terrível para mim. Foi... foi mesmo

como me contaram? Gian Cario... – Ela não conseguiu terminar.

— Gian Cario ficou tonto e caiu antes que eu conseguisse agarrá-lo. – Estremeci, tornando a ver novamente toda a cena, em minha mente.

— Não me estou sentindo bem, Annibale. Poderia ir buscar-me um copo de água?

— Está muito pálida, Lucrezia. Não acha que seria melhor tomar um copo de vinho?

Ela sorriu, um sorriso meigo que fez meu coração disparar.

— Como achar melhor, Annibale.

A bilha de vinho estava vazia. Eu já ia saindo para o estábulo, onde estavam escondidos os barris de vinho, quando me lembrei do vinho que Lucrezia sempre punha na marmita de Gian Cario. Enchi um copo com esse vinho e levei-o para Lucrezia. Ela tornou a sorrir-me ternamente e depois bebeu todo o vinho. Em poucos momentos, as rosas começaram a retornar a suas faces.

Ela falou sobre muitas coisas, conversando alegremente, como os namorados costumam fazer. Falou-me sobre sua vida na aldeia do Tibre e eu contei-lhe minha infância em Velo d’Astico. O tempo voou, como nunca me acontecera antes. Depois, subitamente, ela se calou, comprimindo a mão contra a garganta e depois contra o estômago. Os olhos se arregalaram.

— O vinho... – sussurrou ela. – Acabei de me lembrar. Esvaziei a bilha esta manhã. Qual foi o vinho que me deu?

— Eu não queria incomodá-la – falei, humildemente. – Mas não havia o menor sentido em desperdiçar. Não imaginei que pudesse se importar.

— *Insensato!* – gritou ela, sentando-se na cama. – Idiota! Vamos, diga logo qual foi o vinho que me deu!

— O vinho que estava na marmita de Gian Cario.

O grito estridente de Lucrezia quase que fez estremecer toda a casa.

— *Stupido!* Estou envenenada!

Um horror indescritível, maior do que no momento em que Gian Cario

caíra, invadiu-me.

— Envenenada? Como?

— O vinho! – gritou ela novamente, freneticamente. – Aquele vinho era especial para Gian Carlo. Eu queria que ele ficasse tonto e caísse para morrer, sem que ninguém desconfiasse que fora envenenado. Mas... mas você é que me acabou envenenando!

— Mas por que envenenar Gian Carlo? – perguntei, atordoado de medo e horror.

— Ele sabia o que eu fiz com Nicolo naquela noite, despindo-o e deixando a janela aberta, enquanto ele estava deitado em nossa cama, embriagado. Foi assim que Nicolo contraiu a pneumonia que o matou. Gian Carlo ameaçou contar à polícia se eu não lhe desse dinheiro. Mas não importava o quanto eu pagasse, ele sempre queria mais. Assim, decidi embriagá-lo ontem à noite, a fim de que ele estivesse passando mal hoje, caindo para a morte com o veneno que eu lhe daria. Foi tudo tão cuidadosamente planejado e agora você me envenenou!

Um espasmo de dor fê-la dobrar o corpo.

— *Madre di Cuore, Beati Santi!* Ajudem-me, Ajudem-me!

Saí correndo, ofegante, à procura do médico. Mas algumas horas se passaram antes que eu pudesse encontrá-lo. Quando finalmente chegamos à casa, eles não me deixaram ver Lucrezia. Alguém veio dizer que ela me acusara de tê-la envenenado. Nada mais me importava. Fiquei sentado na mureta da quadra de *boccia baila*, com a cabeça entre as mãos. E soube que estava tudo acabado quando o xerife se aproximou e disse:

— Annibale Lucca, você está preso pelo assassinato de Lucrezia...